



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PROLING
MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA

IRANICE ANÍBAL DE LIMA

**ATTITUDES LINGUÍSTICAS EM CONTRASTE: UM ESTUDO COM FALANTES DO
SERIDÓ ORIENTAL PARAIBANO**

JOÃO PESSOA–PB

2025

IRANICE ANÍBAL DE LIMA

**ATTITUDES LINGUÍSTICAS EM CONTRASTE: UM ESTUDO COM FALANTES DO
SERIDÓ ORIENTAL PARAIBANO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), situada na Área de concentração **Teoria e Análise Linguística**, e vinculada à Linha de pesquisa **Diversidade e Mudança Linguística**, como pré-requisito institucional para a obtenção do título de **Mestra em Linguística**.

Orientador: Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena.

JOÃO PESSOA – PB

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L732a Lima, Iranice Aníbal de.

Atitudes linguísticas em contraste : um estudo com falantes do Seridó Oriental paraibano / Iranice Aníbal de Lima. - João Pessoa, 2025.

138 f. : il.

Orientação: Rubens Marques de Lucena.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Linguística geográfica - Seridó Oriental - Paraíba. 2. Atitudes linguísticas - Seridó Oriental - Paraíba. 3. Mudança linguística - Teoria da variação. I. Lucena, Rubens Marques de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 81'28(043)

TERMO DE APROVAÇÃO

IRANICE ANÍBAL DE LIMA

ATTITUDES LINGUÍSTICAS EM CONTRASTE: UM ESTUDO COM FALANTES DO SERIDÓ ORIENTAL PARAIBANO

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em
Linguística, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB),
como pré-requisito institucional para a obtenção do título
de Mestra em Linguística.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente

RUBENS MARQUES DE LUCENA

Data: 20/08/2025 09:19:08-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena (UFPB/PROLING)
Orientador



Documento assinado digitalmente

CAROLINA COELHO ARAGON

Data: 21/08/2025 09:40:58-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra. Carolina Coelho Aragon (UFPB/PROLING)
Avaliadora interna ao programa



Documento assinado digitalmente

ANILDA COSTA ALVES

Data: 20/08/2025 15:43:41-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra. Anilda Costa Alves (UEPB)
Avaliadora externa ao programa

JOÃO PESSOA – PB
2025

DEDICATÓRIA

A Deus, que está presente em cada detalhe da minha existência.

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus, que, em toda a minha jornada acadêmica, deu-me forças para prosseguir e esperança de um futuro melhor, em que sonhos tidos como impossíveis podem ser concretizados, graças a sua misericórdia.

Ao meu esposo Alessandro, o principal apoiador dos meus sonhos, que fez parte de cada uma das etapas do curso de mestrado, desde os estudos para a seleção, os percursos para a coleta de dados e para as aulas, exercendo sempre paciência e companheirismo. Amo-te imensamente!

Aos meus amados pais, Inácio e Maria, os quais, mesmo sem instrução formal elevada, sempre acreditaram no valor da educação e nunca mediram esforços para incentivar meus projetos. Eles são minhas inspirações de resiliência, de inteligência e de coragem.

Aos meus irmãos Irinaldo, Iranildo e Roberto, ao meu sogro Alessandro e minha sogra Cristiane, bem como aos meus amigos, pela ajuda em dias difíceis e por vibrarem em minhas vitórias.

Ao Dr. Rubens Lucena, meu orientador, pela competência, pelo profissionalismo e pela humanidade com que me instruiu no decorrer da pesquisa, sempre que necessitei. Muito obrigada!

Aos meus colegas do grupo de pesquisa Contato Linguístico, por me acolherem tão bem e me ajudarem em tantos momentos.

O meu muito obrigada às professoras Anilda Costa Alves e Carolina Coelho Aragon, por aceitarem compor esta banca examinadora e pelas valiosas contribuições.

Aos docentes das disciplinas cursadas ao longo do curso, não somente pelas aulas ministradas, mas também pelos ensinamentos compartilhados, discussões e sugestões.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB, pela oportunidade ímpar de realizar o mestrado em um programa de excelência.

Agradeço especialmente a colaboração e a disponibilidade dos meus informantes.

“As línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de
uma língua é a história de seus falantes”

(Calvet, 2002)

RESUMO

A presente pesquisa teve por objetivo compreender as manifestações de atitudes linguísticas de paraibanos da microrregião do Seridó Oriental. À luz dos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich, Labov e Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]), em diálogo com considerações teóricas que versam sobre atitudes linguísticas (Allport, 1935; Lambert e Lambert, 1966; Fernández, 1998; Trudgill, 2003; Rodrigues, Assmar e Jablonski, 2009; Kaufmann, 2011), realizou-se um estudo de natureza qualitativa e de cunho descritivo. Dada a carência de investigações que contemplem essa microrregião, o *corpus* foi composto a partir de uma abordagem direta, com entrevistas gravadas em formato de áudio, contou com a participação de 20 (vinte) informantes residentes do Seridó Oriental paraibano, especificamente de cinco cidades (Baraúna, Cubati, Picuí, São Vicente do Seridó e Tenório), que são comunidades de pouca visibilidade social. Os informantes foram estratificados conforme critérios de zona territorial (urbana e rural) e nível de escolaridade (sem instrução formal até ensino médio ou ensino superior completo). Em vista disso, os resultados apontaram para relação complexa e muitas vezes paradoxal entre o seu próprio falar e o falar de sua comunidade, pois, em sua maioria, os participantes manifestaram uma atitude positiva quando o foco está na região geográfica, nas origens e na identidade nordestina/paraibana, mas, concomitantemente, uma tendência negativa quanto a traços estritamente linguísticos ou para comparações com variedades de maior prestígio social. Ademais, todos reconhecem o preconceito linguístico em âmbito nacional para com o falar paraibano, o qual pode estar moldando interna e significativamente as atitudes linguísticas da própria comunidade linguística, uma vez que alguns entrevistados revelaram experiências de discriminação sofridas localmente, ou seja, nos limites do próprio estado e da região Nordeste. No que se refere às variáveis extralinguísticas, verificou-se que podem estar relacionados à maneira como os informantes percebem a si mesmos e a variedade linguística, contudo, esses aspectos não se manifestaram de maneira uniforme entre as categorias, pois, na amostra, identificou-se que ter ensino superior ou residir na zona urbana não garantem uma avaliação totalmente positiva do próprio falar. Então, os resultados demonstraram a coexistência de atitudes positivas e negativas que variam consoante o traço avaliado. Portanto, há uma complexidade de fatores e dinâmicas sociais que operam na engrenagem das atitudes linguísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Atitudes linguísticas. Teoria da Variação e Mudança Linguística. Seridó Oriental. Paradoxo.

ABSTRACT

The aim of this research was to understand the manifestations of linguistic attitudes of Paraibans from the Eastern Seridó micro-region. In light of the assumptions of the Theory of Linguistic Variation and Change (Weinreich, Labov and Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]), in dialog with theoretical considerations that deal with linguistic attitudes (Allport, 1935; Lambert and Lambert, 1966; Fernández, 1998; Trudgill, 2003; Rodrigues, Assmar and Jablonski, 2009; Kaufmann, 2011), a qualitative and descriptive study was carried out. Given the lack of research that covers this microregion, the *corpus* was built through a direct approach, with audio-recorded interviews, involving 20 (twenty) participants from the Eastern Seridó of Paraíba, specifically from five cities (Baraúna, Cubati, Picuí, São Vicente do Seridó, and Tenório), which are communities with little social visibility. The participants were stratified according to territorial zone (urban and rural) and educational level (ranging from no formal education to complete secondary or higher education). The results revealed a complex and often paradoxical relationship between the participants' own speech and the speech of their community. Most participants expressed a positive attitude when the focus was on the geographic region, origins, and Northeastern/Paraiban identity. However, they also showed a negative tendency toward strictly linguistic traits or when comparing their variety to others with greater social prestige. Additionally, all participants recognized the existence of linguistic prejudice at the national level against the Paraiban way of speaking, which may be significantly shaping internal attitudes within the speech community itself, as some interviewees reported having experienced discrimination even within their own state and region. Regarding extralinguistic variables, the data suggest that these may influence how participants perceive themselves and their linguistic Variety, however, these patterns did not appear uniformly across categories, as having a higher education or living in urban areas did not guarantee entirely positive evaluations of one's own speech. Therefore, the results demonstrate the coexistence of positive and negative attitudes that vary depending on the linguistic feature being evaluated. Thus, a complex set of factors and social dynamics operate in shaping linguistic attitudes.

KEYWORDS: Linguistic attitudes. Variation and Linguistic Change Theory. Eastern Seridó. Paradox.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Exemplo com os componentes da atitude	25
FIGURA 2: Mapa de localização do Estado da Paraíba	44
FIGURA 3: Mesorregiões do Estado da Paraíba	46
FIGURA 4: Mesorregião da Borborema	47
FIGURA 5: Localização do Seridó Oriental da Paraíba.....	48
FIGURA 6: Localização de Baraúna na Paraíba	49
FIGURA 7: Localização de Cubati na Paraíba	50
FIGURA 8: Localização de Picuí na Paraíba	51
FIGURA 9: Localização de São Vicente do Seridó na Paraíba	52
FIGURA 10: Localização de Tenório na Paraíba	53

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Centralização e atitude com relação à Martha's Vineyard.....	28
---	----

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Perfil dos informantes da pesquisa	56
QUADRO 2: Distribuição do roteiro de entrevista em blocos	59
QUADRO 3: Síntese das atitudes linguísticas do Seridó Oriental paraibano	113

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AAVE** – African American Vernacular English
- ALiB** – Atlas Linguístico do Brasil
- BEV** – Black English Vernacular
- CEP** - Comitê de Ética em Pesquisa
- EM** – Sem instrução formal até Ensino Médio completo
- ES** – Ensino Superior completo
- hab/km²** – Habitantes por quilômetro quadrado
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- INF.** – Informante
- km** – Quilômetro
- MG** – Minas Gerais
- MT** – Mato Grosso
- P.** – Pesquisadora
- PB** – Paraíba
- PIB** – Produto Interno Bruto
- RN** – Rio Grande do Norte
- TVL** – Teoria da Variação e Mudança Linguística
- UFC** – Universidade Federal do Ceará
- UFPB** – Universidade Federal da Paraíba
- UFRGS** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- USP** – Universidade de São Paulo
- VALPB** – Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba
- WLH** – Weinreich, Labov e Herzog

LISTA DE SÍMBOLOS

- / / – Representação fonológica
- [] – Representação fonética
- [dʒ] – Africada pós-alveolar sonora
- [d] – Oclusiva dental sonora
- [r] – Vibrante simples (ou tepe) alveolar sonora
- [ɭ] – Aproximante retrofexa sonora
- [ẽ] – Vogal nasal média anterior
- [ʎ] – Lateral palatal sonora
- [l] – Lateral alveolar sonora
- [j] – Semivogal palatal
- Ø – Apagamento fonético
- % – Frequência, porcentagem

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – MARCO TEÓRICO NO ESTUDOS DE ATITUDES LINGUÍSTICAS	18
1.1 Língua, variação e avaliação social.....	18
1.2 Postulados centrais das atitudes linguísticas	21
CAPÍTULO 2 – PANORAMA DE PESQUISAS VOLTADAS ÀS ATITUDES LINGUÍSTICAS	33
2.1 Estudos no cenário brasileiro	33
2.2 Estudos no cenário paraibano	38
CAPÍTULO 3 – DESENHO METODOLÓGICO	44
3.1 Caracterização do Seridó Oriental da Paraíba	44
3.1.1 A cidade de Baraúna	48
3.1.2 A cidade de Cubati	49
3.1.3 A cidade de Picuí	50
3.1.4 A cidade de São Vicente do Seridó.....	51
3.1.5 A cidade de Tenório.....	52
3.2 A natureza da pesquisa.....	53
3.3 Os informantes da pesquisa	54
3.4 Instrumento e processo de coleta de dados	57
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS	62
4.1 O baraunense frente ao seu falar e ao falar do outro.....	62
4.2 O cubatiense frente ao seu falar e ao falar do outro	72
4.3 O picuiense frente ao seu falar e ao falar do outro.....	80
4.4 O são-vicentino e seridoense frente ao seu falar e ao falar do outro	89
4.5 O tenorense frente ao seu falar e ao falar do outro	98
4.6 Síntese dos traços atitudinais da região microlinguística do Seridó Oriental paraibano	112
5 PALAVRAS FINAIS	117
REFERÊNCIAS	120
ANEXOS	124
APÊNDICES	132

INTRODUÇÃO

No decorrer da história dos estudos linguísticos, surgiram distintas abordagens de análise da linguagem e cada uma delas trouxe contribuições relevantes para a compreensão dos fenômenos em torno da língua. Na ótica do estruturalismo, alicerçado nos postulados do *Curso de Linguística Geral* conferido a Saussure (1916), a língua é concebida como sistema autônomo de signos, considerado como constructo teórico homogêneo e abstrato. Na concepção gerativista apoiada nos pressupostos de Chomsky (1957; 1965), sumariamente, a língua é um conjunto de princípios inatos e universais; teoria linguística em que é preeminente “um falante-ouvinte ideal, situado numa comunidade completamente homogênea, que conhece perfeitamente a sua língua e que, ao aplicar o seu conhecimento no uso efetivo, não é afetado por condições gramaticalmente irrelevantes” (Chomsky, 1975 [1965], p. 83).

Destarte, verifica-se que, nessas perspectivas, o falante e os aspectos concernentes à variação linguística e ao comportamento social não foram efetivamente investigados. Conforme Labov (2008 [1972], p. 219-220, grifos do autor):

A linguística, portanto, tem sido definida de tal modo a excluir o estudo do comportamento social ou o estudo da fala. A definição tem sido conveniente para os formuladores, os quais, por inclinação pessoal, preferiram trabalhar com seu próprio conhecimento, com informantes individuais ou com materiais secundários. Mas tem sido uma estratégia bem-sucedida em nossa abordagem da estrutura linguística. Não existe nenhuma razão *a priori* pela qual alguém *tenha que* entrar na comunidade de fala para buscar dados. O grande consumo de tempo e esforço necessários teria de ser justificado, e o sucesso da análise linguística abstrata nas últimas cinco décadas simplesmente impossibilitou tal desenvolvimento.

Contudo, não há como negar a relação intrínseca entre língua e sociedade, bem como não se pode desconsiderar que os elementos socioculturais fazem parte da língua e o que o falante genuíno é o usuário real, ser também social, inserido em comunidades de fala e de prática repletas de heterogeneidade, característica linguística natural condicionada por variados fatores. Neste viés, Labov (2008 [1972], p. 238) esclarece:

A existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está certamente fundamentada nos fatos. (...) Cada pesquisador acredita que sua própria comunidade foi de algum jeito desviada daquele modelo normal – pelo contato com outras línguas, pelos efeitos da educação e da pressão da língua-padrão, pelos tabus ou pela mistura de dialetos especializados ou jargões. Mas nos últimos anos fomos obrigados a reconhecer que essa é que é a situação normal – a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais.

Partindo desse pressuposto, depreendemos que o desenvolvimento linguístico sobrepuja a mera aquisição de um sistema gramatical, haja vista que, junto a ela, o falante também internaliza um conjunto abrangente de comportamentos, valores e crenças. A respeito disso, todos os seres humanos têm em si um constructo ideológico, um conjunto de crenças que perpassam e impactam a forma como percebem a sociedade e como agem sobre ela. Portanto, não seria diferente em relação às questões de natureza linguística, posto que apreciações sobre a forma como os sujeitos enxergam e agem sobre o próprio falar e o falar de sua comunidade são perceptíveis nos mais diversos contextos e situações comunicativas. Assim, investigar como essas atitudes se manifestam nas variadas regiões e localidades brasileiras pode elucidar aspectos pertinentes ao estudo sobre língua, identidade e suas relações com a sociedade.

Em vista disso, ganha ênfase neste estudo a investigação desse comportamento linguístico no falar paraibano. Para tanto, fundamentamo-nos, sobretudo, em pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (*doravante* TVL), principiada nos estudos de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]), em conjunto com considerações teóricas de pesquisas que versam sobre atitudes linguísticas (Allport, 1935; Lambert e Lambert, 1966; Fernández, 1998; Trudgill, 2003; Rodrigues, Assmar e Jablonski, 2009; Kaufmann, 2011).

Vale salientar que o falar paraibano tem sido foco de estudos desde os idos de 1990, no âmbito do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (*doravante* VALPB), o qual representou um marco para as pesquisas acadêmicas voltadas a essa área específica. Desde então, emergiram dissertações e teses tanto na esfera do VALPB quanto em outros grupos de pesquisa que surgiram, dentre elas: Ramos, 1999; Chacon, 2012; Lopes, 2012; Lima, 2013; Freire, 2011 e 2016; Silva, 2016. Ademais, destacamos a tese conduzida por Lima (2019), na qual nos deparamos com uma exploração abrangente e relevante das atitudes linguísticas de 40 (quarenta) paraibanos pertencentes às 04 (quatro) mesorregiões do Estado da Paraíba (Mata, Agreste, Borborema e Sertão), por intermédio de uma abordagem qualiquantitativa.

Em relação à Borborema, Lima (2019) analisou dados coletados de 10 (dez) informantes do município de Santa Luzia e revelou um paradoxo interessante: 74% dos informantes borboremenses têm atitude positiva em relação ao seu falar, entretanto, quando questionados se havia algo específico de que gostavam/não gostavam em seus modos de falar, 57% dos participantes ressaltaram apenas aspectos negativos.

Dessa maneira, verifica-se um paradoxo, já que as respostas dos informantes entraram em conflito, porque, munidos de uma atitude positiva, esperava-se que eles ressaltassem aspectos positivos nas especificidades de sua fala. Além do mais, acerca da consciência e

avaliação da diversidade linguística, os informantes da Borborema reconhecem possuir o sotaque paraibano/nordestino, porém apresentaram atitudes negativas ao se referirem ao modo de falar do interior. Levando em conta esses aspectos, podemos afirmar que falantes borboremenses residentes em cidades com nível populacional muito menor do que a localidade contemplada na coleta de dados desse estudo e que são ainda mais distantes da capital estadual apresentarão atitudes linguísticas similares?

Nesse contexto, notamos que há uma baixa quantidade de pesquisas relacionadas à variação em cenários pouco investigados, como os municípios do Seridó Oriental. Logo, há uma carência de investigações que examinem tópicos como percepção e atitudes linguísticas nessas comunidades.

Ao destacarmos os achados da pesquisa de Lima (2019), enfocamos especialmente os resultados relacionados à Borborema, uma vez que escolhemos explorar especificamente o Seridó Oriental paraibano, pertencente a essa região, devido à carência de estudos detalhados nessa área. Nesse sentido, esse interesse surgiu a partir do desejo de: 1) impulsionar ainda mais essas reflexões acerca da língua e das atitudes em comunidades de fala paraibanas; 2) escrutinar municípios de pequeno porte, os quais necessitam de maior visibilidade no seio acadêmico; 3) investigar o lugar em que nasci, cresci e em que enxerguei, ao longo do tempo, discursos ligados a questões de estereótipos e de preconceitos, traço que pode proporcionar uma perspectiva mais aprofundada e revelar nuances ainda não capturadas. Assim, como pesquisadora e residente nesta zona territorial, acredito que temos uma região microlinguística, que vai além dos aspectos geográficos, ainda que o linguístico e o geográfico se fundam em alguns momentos. Então, suponho que possui fronteiras linguísticas particulares que a compõem, que vão além das frágeis fronteiras geográficas em que as localidades estão inseridas.

Sendo assim, esta pesquisa contribui para preencher uma lacuna na literatura acerca das atitudes linguísticas, visto que são escassos os trabalhos acadêmicos voltados à temática nos municípios interioranos do estado, sobretudo os de pequeno porte, isto é, com até 50.000 (cinquenta mil) habitantes.

Em função disso, o objetivo geral desta pesquisa é compreender as manifestações de atitudes linguísticas de paraibanos da microrregião do Seridó Oriental. No plano específico, busca-se:

- a) descrever as atitudes linguísticas desses falantes do Seridó Oriental da Paraíba;¹
- b) analisar a existência de atitudes positivas e/ou negativas reveladas pelos sujeitos da

¹Em específico, falantes baraunenses, cubatienses, picuienses, são-vicentinos/seridoenses e tenorenses participaram desta investigação.

pesquisa em relação ao seu falar e ao falar de sua comunidade;

c) comparar traços semelhantes e distintos entre os dados dos municípios pertencentes a essa microrregião.

Visando explorar esse problema de pesquisa, delineamos as seguintes questões de pesquisa:

1. Como os falantes do Seridó Oriental paraibano pensam e agem em relação ao seu falar e ao de sua comunidade?
2. As atitudes linguísticas dessa comunidade de fala são mais positivas ou negativas?
3. É possível afirmar que a região microlinguística do Seridó Oriental paraibano transcende suas fronteiras geográficas?

Assim, o *corpus* desta investigação foi formado a partir de entrevistas com 20 (vinte) informantes oriundos da microrregião, estratificados segundo critérios de zona territorial e nível de escolaridade. É válido ressaltar que, dentre as nove cidades que compõem essa microrregião, selecionamos cinco – Baraúna, Cubati, Picuí, São Vicente do Seridó e Tenório –, distribuídas em extremidades estratégicas, na busca por contemplar falantes de pontos distintos da região. É importante ressaltar que escolhemos priorizar a análise das atitudes linguísticas desses sujeitos em uma perspectiva discursiva.

No tocante às perguntas de pesquisa, consideramos provável a existência de atitudes semelhantes às apontadas por Lima (2019) em relação aos dados da Borborema. Assim, como hipóteses, acreditamos que há atitudes de paradoxo entre os falantes da região microlinguística do nosso estudo, ou seja, manifestam *a priori* uma postura positiva quanto à sua variedade, por ser um reflexo de suas raízes nordestinas e, ao mesmo tempo, apresentam uma tendência negativa sobre o seu próprio modo de falar, ao destacarem majoritariamente traços desfavoráveis, como a avaliação negativa do falar do interior (Lima, 2019). Além disso, pressupomos que as fronteiras geográficas estabelecidas atualmente para o *locus* desta investigação não necessariamente refletem as fronteiras linguísticas.

Em vista disso, cabe frisar o pensamento de Fernández (1998, p. 180, tradução nossa) no que diz respeito aos encadeamentos entre atitudes e identidade:

A atitude em relação à língua e seu uso se converte atrativa especialmente quando se aprecia em sua justa magnitude o fato de que as línguas não são apenas portadoras de algumas formas ou uns atributos linguísticos determinados, senão que também são capazes de transmitir significados ou conotações sociais, além de valores sentimentais. As normas e marcas culturais de um grupo se transmitem ou enfatizam por meio da língua. Pode-se dizer que as atitudes linguísticas têm a ver com as línguas mesmo e com

a identidade dos grupos que as manejam. Consequentemente, é lógico pensar que, posto que existe uma relação entre língua e identidade, esta deve manifestar-se nas atitudes dos indivíduos em relação a essas línguas e seus usuários.²

Assim, quanto à organização desta dissertação, o capítulo 1 trará uma explanação de aspectos fundamentais relacionados ao objeto de estudo desta pesquisa. Inicialmente, abordaremos conceitos de língua, variação e avaliação social para, em sequência, apresentar os pressupostos das atitudes linguísticas, detalhando sua origem, seus elementos e suas implicações.

Posteriormente, no capítulo 2, traremos uma revisão da literatura atinente a atitudes linguísticas na esfera nacional, com destaque tanto para investigações pioneiras empreendidas desde a década de 70 quanto para trabalhos mais contemporâneos. Ademais, apresentaremos uma visão geral de como esse objeto de estudo foi explorado em algumas pesquisas no contexto paraibano.

No capítulo 3, discorreremos sobre os procedimentos metodológicos empregados na realização do estudo. A princípio, abordaremos características histórico-geográficas das cinco localidades selecionadas no Seridó Oriental paraibano. *A posteriori*, detalharemos desde a tipologia da pesquisa até o procedimento de tratamento do *corpus*.

Por fim, o capítulo 4 destina-se à análise de dados e à apresentação dos resultados da pesquisa, em conjunto com reflexões sobre as possíveis razões para as problemáticas observadas.

² No original: “La actitud ante la lengua y su uso se convierte en especialmente atractiva cuando se aprecia en su justa magnitud el hecho de que las lenguas no sólo son portadoras de unas formas y unos atributos lingüísticos determinados, sino que también son capaces de transmitir significados o connotaciones sociales, además de valores sentimentales. Las normas y marcas culturales de un grupo se transmiten o enfatizan por medio de la lengua. Se puede decir que las actitudes lingüísticas tienen que ver con las lenguas mismas y con la identidad de los grupos que las manejan. Consequentemente es lógico pensar que, puesto que existe una relación entre lengua e identidad, ésta ha de manifestarse en las actitudes de los individuos hacia esas lenguas y sus usuarios” (Fernández, 1998, p. 180).

CAPÍTULO 1 – MARCO TEÓRICO NO ESTUDOS DE ATITUDES LINGUÍSTICAS

Inicialmente, abordaremos neste capítulo alguns aspectos basilares atinentes à língua e ao lugar da avaliação social no quadro da variação linguística. Em seguida, traremos discussões concernentes especificamente ao nosso objeto de estudo, as atitudes linguísticas: origem, componentes e desdobramentos.

1.1 Língua, variação e avaliação social

Há como investigar o “caos” linguístico? É possível verificar a sistematicidade por trás do aparente cenário desordenado da fala cotidiana? Como uma língua, que é envolta inerentemente e naturalmente de variação, sofre mudanças enquanto seus falantes prosseguem empregando-a nas situações comunicativas? Esses são alguns dos questionamentos que instigaram variadas pesquisas do ramo da sociolinguística, vertente já consolidada em âmbito internacional, mas também consagrada nacionalmente em diversos estudos de comunidades linguísticas no Brasil.

No tocante ao modelo teórico-metodológico da sociolinguística, prioriza como objeto de estudo a heterogeneidade, a variação linguística, antes tida pela concepção estruturalista da linguagem como o lugar do caos linguístico (Tarallo, 1997). A partir disso, nota-se que, ainda que todo linguista concorde que a língua é um fenômeno social, nem todos atribuem o mesmo interesse ao aspecto social, basta observar o conceito que atribui à língua, pois o ponto de vista abraçado por esse linguista repercute na análise de seu objeto de estudo (Labov, 2008 [1972]). Então, frente a esse desafio de explorar a ligação entre os aspectos linguísticos e os sociais, a análise da variação linguística passou a ter maior visibilidade nos estudos linguísticos a partir do advento da sociolinguística na década de 1960.

Hernández-Campoy e Almeida (2005) definem a sociolinguística como uma disciplina interdisciplinar que investiga as relações entre língua e sociedade. Ademais, delimitam cinco aspectos inerentes a esse campo: é uma ciência; é uma forma distinta de fazer linguística; enxerga a linguagem como fenômeno social; estuda a língua em seu contexto real de uso, de modo empírico; relaciona-se a outras disciplinas das ciências sociais.

No que se refere ao emprego do termo sociolinguística, o próprio Labov (2008 [1972]) aponta certa resistência, uma vez que a expressão pressupõe que pode existir uma ciência da linguagem que não seja social. Então, *“a linguística só pode ser definida como o estudo da comunidade social em seu aspecto linguístico.”* E, por sua vez, a sociolinguística só pode ser

definida como a linguística” (Calvet, 2002, p. 147, grifos do autor). Outrossim, a delimitação das vertentes teóricas que se associam ao guarda-chuva da sociolinguística tornou-se uma linha tênue, que parte desde as teorias ligadas mais fortemente ao sociocultural àquelas relacionadas ao que é mais linguístico. Nas palavras de Bagno (2017, p. 13, grifos do autor):

Na direção socio- do *continuum* se encontram as vertentes teóricas e práticas mais interessadas nos fenômenos da *interação* por meio da linguagem, na constituição da dinâmica sociocultural por meio da *atividade* verbal e não verbal dos indivíduos e dos grupos sociais; enquanto para o lado da linguística se dirigem as vertentes que, ao contrário, se interessam bem mais pelo construto *língua* e recorrem aos fatores de ordem social na medida em que auxiliam na explicação do funcionamento da língua-sistema. Nesse extremo se encontra a sociolinguística variacionista, tão institucionalmente poderosa que muitas vezes é tida como ‘a sociolinguística’, sem qualificativos.

Nesse sentido, observamos que Labov (1963; 1966; 1969; 1972) insere-se como um dos principais expoentes da sociolinguística em todos os tempos, uma vez que há décadas seus estudos vêm ampliando o arcabouço de conhecimento sobre variação e mudança linguística, como as pesquisas: em 1963, sobre inglês falado na ilha Martha’s Vineyard – Massachusetts; em 1966, acerca da estratificação social do inglês em Nova Iorque; na década de 70, a respeito do inglês vernacular afro-americano com a participação de adolescentes do Harlem, entre outras.

Com base no pressuposto de que a língua é configurada pela sociedade, em sua obra “Padrões Sociolinguísticos”, Labov (2008 [1972]) aponta que, enquanto a linguística descritiva tem a visão de língua enquanto conjunto de normas sociais invariantes, estudos que contemplam verdadeiramente a dimensão social da linguagem indicam que essa estrutura linguística está envolta por variação sistemática. Logo, essa maleabilidade da língua funciona como indicador de mudança social, ou seja, os processos sociais refletem diretamente nas estruturas linguísticas.

Dessa forma, na base de toda a corrente sociolinguística está o fundamento de que o linguístico e o social caminham juntos de modo indissociável, posto que “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo” (Labov, 2008 [1972], p. 21). Além disso, a língua é vista como heterogênea, em constante construção e reconstrução, como uma atividade social, ou seja, um trabalho coletivo dos falantes que interagem por meio de variedades linguísticas, as quais não são consideradas desvios, mas como uma qualidade constitutiva e natural do fenômeno linguístico (Labov, 2008 [1972]; Calvet, 2002; Bortoni-Ricardo, 2005; Bagno, 2006, 2007).

Destarte, partindo do pressuposto de heterogeneidade ordenada, os estudos

sociolinguísticos contrariam as hipóteses estruturalistas. Assim, a fim de responder muitos questionamentos que emergiram desse novo olhar para o fenômeno linguístico, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) procuraram elaborar uma teoria dos fundamentos empíricos da mudança linguística que apontasse como a estrutura linguística de dada comunidade passa por variadas transformações e, simultaneamente, não perde o funcionamento ordenado dessa língua e dessa mesma comunidade de fala. Com esse propósito, os autores delimitam e respondem a cinco problemas, e cada uma dessas questões conduzem a uma investigação.

O primeiro trata das restrições ou fatores condicionantes, em que se observam quais as condições possíveis – linguísticas e extralinguísticas – que podem condicionar a mudança em determinada estrutura. Fundados nisso, os linguistas apontam que o segundo problema, o de encaixamento, deve ser analisado em consonância com o anterior, uma vez que anseia “encontrar a matriz linguística do comportamento social e linguístico em que a mudança linguística é levada a cabo” (Labov, 2008 [1972], p. 193).

Quanto à terceira questão respondida, versa sobre o problema da transição, no qual busca-se explicar o caminho percorrido pela mudança. Nesse contexto, constatou-se que a mudança linguística não se dá de forma abrupta, todavia de modo gradual e contínuo por intermédio da variação linguística que, disposta em diversos estágios, pode ou não culminar em mudança.

Ademais, o quarto problema é o da avaliação, investiga-se como os falantes avaliam socialmente a variação e a mudança, tendo em vista que essas percepções e atitudes em relação à língua podem exercer uma influência significativa na condução da mudança linguística.

A teoria da mudança linguística deve estabelecer empiricamente os correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis numa estrutura heterogênea. Estes correlatos subjetivos das avaliações não podem ser deduzidos a partir do lugar das variáveis dentro da estrutura linguística. Além disso, o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem de ser determinada diretamente (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 124).

Dessa maneira, a forma como uma comunidade de fala enxerga os aspectos variáveis pode acelerar, postergar ou mesmo inibir a concretização da mudança linguística. No tratamento desse problema, há dois tipos de abordagens. A abordagem indireta correlaciona “as atitudes e aspirações gerais dos informantes com seu comportamento linguístico. A abordagem mais direta é medir as reações subjetivas inconscientes dos informantes aos valores da própria variável linguística” (Labov, 2008 [1972], p. 193).

No tocante a essa atribuição de valor social, Labov (2008 [1972]) introduz os conceitos

de prestígio encoberto e prestígio explícito. O prestígio encoberto refere-se a solidariedade para com variedades estigmatizadas, não reconhecidas formalmente, mas prestigiadas em contextos específicos por determinados grupos sociais em função de questões identitárias e culturais. Concernente a isso, Paiva (2003, p. 40) pontua:

As variantes lingüísticas estigmatizadas pela comunidade de fala possuem, muitas vezes, uma função de garantir a identidade do indivíduo com um determinado grupo social, um sistema de valores definido. [...] Se um indivíduo deseja integrar o grupo, deve partilhar, além das suas atitudes e valores, a linguagem característica desse grupo. Nesse caso, determinadas formas de linguagem se investem de um status particular, embora sejam desprovidas de prestígio na comunidade lingüística em geral.

Já a última questão aborda a fase de implementação ou atuação, na qual discute-se acerca de quais fatores podem-se conferir a consolidação das mudanças, como também sobre as motivações para que elas ocorram em determinadas épocas e lugares. Quanto a essa implementação, os autores defendem que ela se dá através de três estágios: origem, propagação e término.

Diante disso, a presente pesquisa está apoiada na TVL e centra-se no problema da avaliação, porquanto investiga os valores sociais atribuídos por determinados falantes ao seu próprio falar e ao de sua comunidade. Portanto, vejamos um panorama dos estudos voltados às atitudes linguísticas.

1.2 Postulados centrais das atitudes linguísticas

A investigação acerca de atitudes remonta às pesquisas do âmbito da Psicologia Social, no qual esse objeto de estudo já trilhou uma longa história, visto que serve de base para o desenvolvimento de outros pressupostos teóricos da área. Diante disso, “o estudo das atitudes tornou-se uma preocupação importante dos psicólogos sociais, no decorrer dos anos, pois se trata de um complexo fenômeno psicológico que se reveste de um tremendo significado social” (Lambert; Lambert, 1966, p. 77).

Considerando esse contexto, emergiram distintos conceitos para o termo *atitude* no decorrer das décadas e linhas de estudo. Para Allport (1935, p. 19), a atitude insere-se como “um estado mental e neurológico de prontidão, organizado por meio da experiência, exercendo uma influência diretiva ou dinâmica sobre a resposta do indivíduo a todos os objetos e situações com que se relaciona”. Logo, as atitudes do indivíduo podem ser formadas ao longo da vida; elas guiam e moldam o seu comportamento, como um filtro pelo qual vê o mundo. Consoante Rodrigues, Assmar e Jablonski (2009, p. 81),

Podemos definir atitude social como sendo uma organização duradoura de crenças e cognições em geral, dotada de carga afetiva pró ou contra um objeto social definido, que predispõe a uma ação coerente com as cognições e afetos relativos a este objeto.

Com base nessa perspectiva, as atitudes do sujeito sobre o objeto estão envoltas por percepções e sentimentos que concorrem para determinado comportamento. No tocante ao processo de formação das atitudes, é válido destacar a influência das instituições formativas, grupos e relações sociais. Segundo Lasagabaster (2004), elas são moldadas de forma profunda pelos diversos elementos presentes nos ambientes em que o sujeito se insere – família, trabalho, religião, educação, por exemplo –, de como que ele tende a moldar suas atitudes de acordo com àquelas proeminentes nesses grupos sociais aos quais pertence.

Vale salientar também que a ligação entre crenças e atitudes é muito complexa e intrínseca, aspecto que causa discussões distintas entre os estudiosos no que concerne à preeminência das crenças em relação às atitudes ou se elas são, na verdade, um dos componentes das atitudes. Acerca disso, Barcelos (2007) entende as crenças como maneiras de perceber o mundo ao nosso redor e seus fenômenos, como também pontua que são dinâmicas, paradoxais, mediadas, emergentes, socialmente construídas e situadas contextualmente. Sobre isso, “a visão mais recente, entretanto, sinaliza para modificação, desenvolvimento e ressignificação de crenças à medida que interagimos e modificamos nossas experiências e somos, ao mesmo tempo, modificados por elas” (Barcelos, 2007, p. 114).

Outrossim, Barcelos (2007) retoma estudos de Rokeach (1968) e reafirma que a natureza das crenças é muito complexa, pois forma uma espécie de teia, em que existem crenças centrais que contribuem para a formação de outras crenças, as periféricas. Destarte, as centrais são aquelas intimamente ligadas à identidade e à emoção do sujeito, sofrem influência de fatores como: orientações dos pais, opiniões de docentes, de pessoas significativas e até mesmo da mídia. Por consequência destas características, as centrais são mais resistentes à mudança, contudo as periféricas são arbitrárias e possuem menos conexões, logo, são menos resistentes. Por exemplo, uma crença periférica de que a língua escrita é homogênea pode estar conectada à crença central na relação dicotômica entre fala e escrita, em que o segundo elemento é tido como superior ao primeiro. Aguilera (2008) complementa apontando que as crenças determinam o comportamento, que elas desencadeiam atitudes linguísticas.

É importante destacar que, nesta pesquisa, optamos pelo enfoque que concebe a crença/convicção como um dos elementos que compõem a atitude (como veremos mais adiante na explanação sobre suas dimensões) e adotamos a visão de atitude baseada na Psicologia Social, na qual a atitude é vista como “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e

reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante” (Lambert; Lambert, 1966, p. 78).

Diante do exposto, se o ser humano expressa suas atitudes sobre os objetos, cenários e contextos ao seu redor, não seria diferente no que tange à língua, seja por intermédio de respostas expressas em palavras, em sentimentos, em expressões faciais, entre outras. A sociolinguística, portanto, analisa esses fenômenos relacionados especificamente ao comportamento linguístico. Dentro desse campo, Calvet (2002, p. 69) aponta que podemos “desenvolver dois tipos de consequência sobre os comportamentos linguísticos: uns se referem ao modo como os falantes encaram sua própria fala, outros se referem às reações dos falantes ao falar dos outros”. Ademais, Fernández (1998, p. 179-180, tradução nossa) ressalta que a atitude linguística é, na verdade, uma exteriorização da atitude social do falante:

A atitude linguística é uma manifestação da atitude social dos indivíduos, distinguida por se centrar e se referir especificamente tanto a língua como ao uso que dela se faz na sociedade, e ao falar de “língua” incluímos qualquer tipo de variedade linguística: atitudes frente a estilos diferentes, socioletos diferentes, dialetos diferentes ou línguas naturais diferentes.³

Analogamente, Trudgill (2003) afirma que essas atitudes referentes à variação linguística vão desde muito favoráveis a muito desfavoráveis, levando a julgamentos e atribuição de valores que não se baseiam em critérios estritamente linguísticos, mas de natureza social:

As atitudes que as pessoas têm em relação a diferentes línguas, dialetos, sotaques e seus falantes. Tais atitudes podem variar de muito favoráveis a muito desfavoráveis, e podem se manifestar em julgamentos subjetivos sobre a “correção”, o valor e as qualidades estéticas das variedades, bem como sobre as qualidades pessoais dos seus falantes. A linguística demonstrou que tais atitudes não têm base linguística. A sociolinguística observa que essas atitudes têm origem social, mas que podem ter efeitos importantes no comportamento linguístico, estando envolvidas em atos de identidade e em mudanças linguísticas (ver insegurança linguística). Atitudes linguísticas são um dos tópicos mais importantes da psicologia social da linguagem (Trudgill, 2003, p. 73, tradução nossa).⁴

³ No original: “La actitud lingüística es una manifestación de la actitud social de los individuos, distinguida por centrarse y referirse específicamente tanto a la lengua como al uso que de ella se hace en sociedad, y al hablar de ‘lengua’ incluimos cualquier tipo de variedad lingüística: actitudes hacia estilos diferentes, sociolectos diferentes, dialectos diferentes o lenguas naturales diferentes” (Fernández, 1998, p. 179-180).

⁴ No original: “The attitudes which people have towards different languages, dialects, accents and their speakers. Such attitudes may range from very favourable to very unfavourable, and may be manifested in subjective judgments about the “correctness”, worth and aesthetic qualities of varieties, as well as about the personal qualities of their speakers. Linguistics has shown that such attitudes have no linguistic basis. Sociolinguistics notes that such attitudes are social in origin, but that they may have important effects on language behaviour, being involved in acts of identity, and on linguistic change (see linguistic insecurity). Language attitudes is one of the most important topics in the social psychology of language” (Trudgill, 2003, p. 73).

Com base nessas assertivas e na compreensão de que as atitudes linguísticas envolvem uma atividade cognitiva e são aspectos psicossociais, observamos a complexidade de mensurá-las. Destarte, ainda que não possamos acessá-las diretamente, posto que mobiliza pensamentos e sentimentos implícitos, podemos analisá-las por meio da observação dos padrões externos e consistentes do comportamento dos falantes (Bagno, 2017). Nas palavras de Lambert e Lambert (1966, p. 104-105):

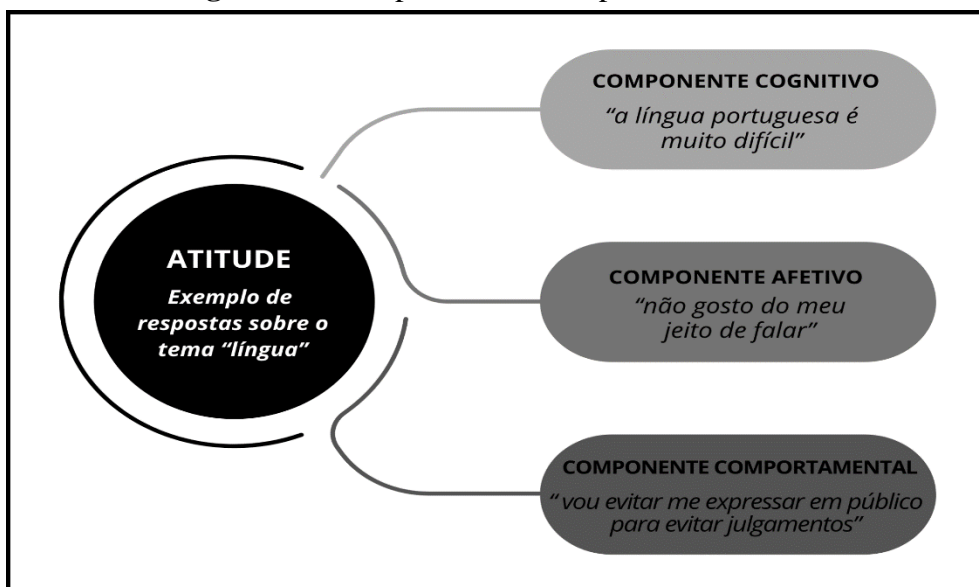
Como as atitudes não são diretamente observáveis, têm de ser inferidas, seja da cuidadosa observação do comportamento das pessoas em situações sociais, seja dos padrões de respostas a questionários que foram especialmente elaborados para refletirem prováveis modos de pensar, sentir e reagir a ambientes sociais concretos e reais.

Nesse sentido, embora as atitudes possam dar indicativos do comportamento dos sujeitos, é válido indicar a possibilidade de incoerência entre os que os sujeitos/falantes dizem – atitudes expressas – e o que realmente fazem – comportamento linguístico (Kaufmann, 2011).

Com fundamento em Lambert (1967), compreendemos que a atitude linguística possui uma estrutura tridimensional: o componente cognitivo, o componente afetivo e o componente conativo (o que pode ser visto, por exemplo, em trechos da página 71, capítulo 4, quando analisamos atitudes de barauenses sobre a diversidade linguística). Há discussões voltadas a quantos e quais são esses elementos dessa estrutura entre os teóricos do tema, contudo, de modo geral, admite-se essa tripartição e que esses componentes estão intrinsecamente relacionados: cognitivo – convicções e crenças sobre o objeto da atitude; componente afetivo – avaliação positiva ou negativa; componente conativo – intenções comportamentais (Kaufmann, 2011). Acerca disso, Corbari (2013, p. 95) sintetiza os três componentes das atitudes relacionadas à língua:

O componente cognitivo se refere aos pensamentos e crenças – ou seja, no âmbito linguístico, refere-se àquilo que se sabe sobre uma língua, variedade ou grupo linguístico (...). O componente afetivo se refere aos sentimentos e emoções – no âmbito linguístico, refere-se ao sentimento frente ao que se sabe a respeito de uma língua, variedade ou grupo linguístico. (...) o componente conativo se refere às tendências de reação – o que, no âmbito linguístico, equivale a dizer que se trata da predisposição para agir frente ao que se sabe e sente sobre uma língua, variedade ou grupo linguístico.

Figura 1 - Exemplo com os componentes da atitude



Fonte: elaborado pela autora (2025)

A Figura 1 traz respostas figuradas sobre o tópico “língua” para ilustrar os três elementos da atitude. Nesse contexto, vejamos que a afirmação “a língua portuguesa é muito difícil” é associada ao componente cognitivo, visto que se apresenta como uma impressão, uma crença – baseada nos mais diversos fatores, como complexidade das regras gramaticais e a distância destas como a variedade menos prestigiadas do português – sobre o objeto atitudinal. Já, quando de algum modo a língua passa a ser qualificada/avaliada na assertiva “eu não gosto do meu jeito de falar”, corresponde ao afetivo. Por fim, a tendência de ação na frase “vou evitar me expressar em público para evitar julgamentos” pertence à categoria comportamental.

Assim sendo, verificamos que essas faces da atitude estão intimamente ligadas e “a compreensão sobre um determinado objeto social atrelado a sentimentos e emoções nos instiga à ação, isto é, predispõe o indivíduo a agir quando o contexto o oportuniza” (Lima, 2019, p. 46). No entanto, essas divisões da atitude têm por objetivo “orientar a organização da análise, mas não pretendem ser conjuntos categóricos, pelo fato de o objeto material da análise – a língua(gem) – ser algo fluido e intangível (Corbari, 2013, p. 96).

Considerando essas discussões, quais as contribuições dos estudos sobre atitudes na compreensão do quadro variável? Atitudes favoráveis ou desfavoráveis podem acelerar ou inibir a mudança linguística?

Uma atitude favorável ou positiva pode fazer com que uma mudança linguística se cumpra mais rapidamente, que em certos contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outra, que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira seja mais eficaz, que certas variantes linguísticas se limitem aos contextos menos formais e outras predominem nos estilos cuidados. Uma atitude desfavorável ou negativa pode

levar ao abandono e ao esquecimento de uma língua ou impedir a difusão de uma variante ou uma mudança linguística (Fernández, 1998, p. 179, tradução nossa).⁵

Portanto, a análise acerca das atitudes insere-se como uma parte relevante na compreensão da percepção linguística da comunidade, visto que os falantes atribuem valores e significado social a essas formas linguísticas (Coelho *et al.*, 2015). Assim, internacionalmente, há estudos pioneiros, como os conduzidos por Lambert *et al.* (1960), Lambert (1967), Labov (1963; 1966; 1969; 1972) e Kaufmann (2011), que abordam o papel da avaliação social, bem como das atitudes compartilhadas pelos membros de determinadas sociedades.

Por intermédio da técnica dos “falsos pares” (“*matched guise technique*”), Lambert e colaboradores demonstraram uma metodologia consistente para a investigação dessas reações frente à língua. Em relação à técnica, baseia-se na exposição do ouvinte (“juiz”) à escuta de trechos gravados, contendo falas em que uma mesma pessoa bilíngue se expressa em dois idiomas distintos, sem que esse ouvinte saiba que se trata de um falso par. À vista disso, o “juiz” deve apontar, com base na escuta, avaliações/julgamentos sobre o falante no que concerne a aspectos de sua personalidade, como inteligência, confiabilidade, entre outros.

Desse modo, o estudo de Lambert *et al.* (1960) – *Evaluational reactions to spoken languages* – trouxe como colaboradores estudantes ingleses e franceses, os quais foram solicitados a analisar falantes de inglês e francês em termos de traços de personalidade. Nesse caso, o mesmo falante bilíngue gravou trechos em ambas as línguas para serem avaliados. Em síntese, os resultados apontaram para uma tendência de avaliação positiva em relação ao inglês se comparado aos traços atribuídos ao francês, embora se tratasse do mesmo falante. Logo, “a atribuição de um índice diferente ao mesmo falante em seus falsos pares nos dá uma medida da avaliação social inconsciente das duas variedades ou línguas” (Labov, 2008 [1972], p. 356).

Na mesma década e mesma linha teórico-metodológica, Lambert (1967) publicou o artigo *A Social Psychology of Bilingualism*, que versa sobre o bilinguismo a partir de uma perspectiva sociopsicológica. Conforme Lambert (1967), é notório que o processo para se tornar bilíngue engloba não só habilidades linguísticas, mas também atitudes e conflitos de valores. Com base nisso, Labov (2008 [1972], p. 356) destaca alguns princípios significativos do trabalho de Lambert e colaboradores:

⁵ No original: “Una actitud favorable o positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rápidamente, que en ciertos contextos predomine el uso de una lengua en detrimento de otra, que la enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera sea más eficaz, que ciertas variantes lingüísticas se confinen a los contextos menos formales y otras predominen en los estilos cuidados. Una actitud desfavorable o negativa puede llevar al abandono y el olvido de una lengua o impedir la difusión de una variante o un cambio lingüístico” (Fernández, 1998, p. 179).

1. As avaliações subjetivas de dialetos sociais são notadamente uniformes por toda a comunidade de fala. Os falantes de inglês canadense concordam com os falantes de inglês em classificar sua própria língua como inferior na maioria daqueles traços de personalidade: em sua versão francófona, o falante foi considerado menos inteligente, menos confiável etc. 2. As avaliações da língua não estão disponíveis, em geral, à elicitación consciente, mas são rápida e consistentemente expressas em termos de juízos de personalidade sobre falantes diferentes.

Logo, fica evidente que as comunidades de fala manifestam algumas atitudes linguísticas em comum entre os seus membros e estes manifestam essas avaliações com base nos traços de personalidade do outro. Levando em consideração esses princípios, Labov (2008 [1972], p. 357) propõe mais um: “Falantes que exibem o mais alto índice de uso de um traço estigmatizado em sua própria fala espontânea apresentam a maior tendência a estigmatizar os outros pelo uso dessa mesma forma”. Portanto, os resultados de Lambert influenciaram muitos estudos subsequentes sobre o preconceito linguístico e as atitudes em relação à diversidade linguística.

Diante disso, com Labov – considerado o grande precursor da sociolinguística variacionista – temos o *The Social History of a Sound Change on the Island of Martha’s Vineyard, Massachusetts* (1963), dissertação de mestrado escrita sob a orientação de Uriel Weinreich. A ilha de Martha’s Vineyard foi escolhida como *locus* da investigação, por ser separada algumas milhas do continente e possuir aspectos sociais e geográficos complexos, cenário oportuno para o estudo.

À época, a localidade era constituída por aproximadamente 6000 vineyardenses nativos distribuídos em variados grupos étnicos. Logo, o linguista notou uma particularidade na maneira como os falantes da ilha pronunciavam certas palavras com os ditongos /ay/ e /aw/ de forma centralizada. Sendo assim, “a propriedade desse traço de centralização que o faz parecer excepcionalmente atraente, até mesmo à primeira vista, é a indicação de um complexo e sutil padrão de estratificação” (Labov, 2008 [1972], p. 27). Quanto a alguns aspectos metodológicos empreendidos na pesquisa, pontua:

Além da entrevista formal, fizemos observações em muitas situações espontâneas: nas ruas de Vineyard Haven e Edgartown, em lanchonetes, restaurantes, bares, lojas, embarcadouros e em diversos lugares onde o som geral da conversa pública pudesse ser anotado, quando não gravado. Mas essas anotações serviram apenas como controles suplementares sobre as entrevistas gravadas em fita. As informações básicas foram reunidas no curso de 69 entrevistas com falantes nativos da ilha, feitas em três períodos: agosto de 1961, final de setembro-outubro de 1961, janeiro de 1962. (...) Como resultado dessas 69 entrevistas, temos cerca de 3.500 ocorrências de (ay) e 1.500 ocorrências de (aw) como base de dados para o presente estudo.

No tocante a essa variável linguística, o autor observou que a mudança na pronúncia dos

ditongos em Martha's Vineyard estava ligada a uma afirmação simbólica dos direitos locais contra os veranistas que estavam ocupando a ilha. Dessa forma, a análise dos dados indicou que quanto mais forte a resistência contra os veranistas, maior era a centralização dos ditongos. Conforme Labov (2008, [1972] p. 59), “podemos dizer que o significado da centralização, a julgar pelo contexto em que ocorre, é uma atitude positiva em relação à Martha's Vineyard”. Contudo, o linguista explica que a análise mais específica de cada falante permite enxergar mais nitidamente a distribuição social dos ditongos centralizados. Vejamos:

Tabela 1 - Centralização e atitude com relação à Martha's Vineyard

<i>Pessoas</i>	<i>Atitude</i>	<i>(ay)</i>	<i>(aw)</i>
40	Positiva	63	62
19	Neutra	32	42
6	Negativa	09	08

Fonte: adaptada de Labov (2008, p. 59)

Portanto, com base nessa tabela, os falantes estão distribuídos em três categorias. Os falantes que manifestaram atitude positiva acerca de Martha's Vineyard apresentam maior índice de centralização dos ditongos, ao passo que, para as seis pessoas que exprimiram o desejo de sair da ilha (atitude negativa), percebeu-se uma quantidade bem menos expressiva de centralização. Entretanto, o linguista deparou-se com um problema, identificou que os ditongos centralizados não sobressaíam na consciência desses falantes, logo não poderiam ser objeto de avaliação social. Então, chegou à conclusão de que essa variável faz parte de um conjunto de mais quatorze variáveis fonológicas que seguem regras semelhantes características dos falantes nativos da parte alta da ilha, em que a “boca fechada” é um estilo articulatório que favorece a avaliação social (Labov, 2008 [1972]).

Outrossim, as técnicas utilizadas nessa pesquisa foram aperfeiçoadas e aplicadas anos depois para a construção de vários estudos voltados às comunidades linguísticas de Nova Iorque em sua tese de doutorado *The Social Stratification of English in New York City* (1966). Sobre isso, um dos eixos de estudo dessa pesquisa foi a análise de como a variável linguística [r] em posição pós-vocálica é um marcador de estratificação social nas lojas de departamento de Nova York. Para o estudo, foram escolhidas três lojas dispostas no topo, no meio e na base do nível de preços e prestígio, quais sejam: Saks – localização na zona comercial, sofisticada, *status*

superior; Macy's – localização na zona de confecções, preço e *status* mediano; Klein – próximo ao lado leste baixo, *status* inferior. Quanto à metodologia para obtenção dos dados, Labov não utilizou o método convencional de entrevista, mas optou pela coleta sistemática de eventos de fala casuais e anônimos com os vendedores desses três estabelecimentos. O entrevistador pedia informações sobre determinado departamento e, assim, podia verificar os usos de [r] nos estilos de fala casual e enfático. Dessa forma, alcançou-se um total de 264 entrevistas: 68 na Saks, 125 na Macy's e 71 na Klein (Labov, 2008 [1972]). Ao discutir sobre os dados, o linguista ressalta algumas constatações:

vemos que um total de 62% dos empregados de Saks, 51% de Macy's, e 21% de Kleins usaram (r-1) total ou parcial. (...) Há uma diferença considerável entre Macy's e Kleins em cada posição, mas a diferença entre Macy's e Saks varia. Na pronúncia enfática do (r) final, os empregados da Macy's chegam muito perto da marca de Saks. Parece que a pronúncia do *r* é a norma que a maioria dos empregados de Macy's almejam alcançar, embora não seja a que eles usem com maior frequência. Em Saks, vemos uma alteração entre a pronúncia casual e enfática, mas é muito menos marcada. Em outras palavras, os empregados de Saks têm mais *segurança* num sentido linguístico (Labov, 2008 [1972], p. 72-73, grifo do autor).

Com base nisso, os resultados indicaram uma tendência dos vendedores em convergir seus usos linguísticos de acordo com o perfil de prestígio dos clientes. Logo, os empregados das lojas frequentadas por clientes com maior status socioeconômico enfatizavam mais a pronúncia do [r], refletindo o padrão de fala prestigiado pela sociedade de Nova Iorque naquele período. Assim, as atitudes linguísticas de segurança e de insegurança mostraram-se evidentes.

Ademais, muitos pesquisadores, incluindo Labov, empreenderam estudos voltados às variedades faladas por comunidades negras nos Estados Unidos. Acerca desse encaminhamento de pesquisa, Bagno (2017, p. 203) aponta:

A variedade de inglês falada pelos negros nas grandes cidades dos Estados Unidos, especialmente nos guetos nascidos da longa segregação a que foram submetidos, se tornou um objeto importantíssimo para a sociolinguística variacionista em seu período de formação e consolidação como disciplina. O estudo do inglês afro-americano extrapolou o campo da vida acadêmica e ganhou importância política e cultural quando, munidos de seus achados de pesquisa, os sociolinguistas estadunidenses se puseram ao lado dos falantes negros dessa variedade para defendê-los das investidas reacionárias daqueles que, com base em concepções supostamente linguísticas e psicológicas mas, de fato, impregnadas de racismo, atribuíam àqueles falantes um déficit cognitivo que os impediria de aprender e falar o inglês "correto".

Nesse sentido, Labov (1969) publicou o artigo *The Logic of Non-Standard English* (*A lógica do inglês não-padrão*), no qual argumenta que a análise linguística do falar das

comunidades estigmatizadas apresentam apenas diferenças daquelas prestigiadas socialmente, ou seja, as variedades de inglês não-padrão operavam não de modo caótico, contudo eram movidas por uma lógica funcionamento operante. Portanto, a noção de déficit cognitivo e de erro referentes ao falar da população negra estavam enraizados em um preconceito social, já que as variedades linguísticas empregadas por esses grupos apresentavam regras sistemáticas e consistentes (Bagno, 2017). Logo, Labov (1969) trouxe grandes contribuições para a compreensão do Inglês Vernacular Negro (*Black English Vernacular* – BEV), como era chamado à época. Salientamos que, a partir de 1980, a designação *Black English Vernacular* passou a ser substituída por *African American Vernacular English* – AAVE.

Em 1972, Labov publicou o livro *Language in the Inner City*, sintetizando os resultados de dois projetos de pesquisas, cujo objetivo era analisar problemas ligados à educação, especificamente à leitura. Diante do cenário de falhas na aprendizagem leitora nas escolas nova-iorquinas, buscou-se observar se as diferenças dialetais dos estudantes negros estavam impulsionando esse quadro de fracasso das escolas em ensiná-los a ler. Nessa pesquisa, incorporou mais três à equipe, Paul Cohen, Clarence Robins e John Lewis. Em suma, “a principal conclusão do estudo é que a maior parte das causas das falhas na proficiência em leitura está nos conflitos políticos e culturais na sala de aula, para os quais as diferenças dialetais funcionam como símbolos” (Freitag, 2016, p. 449).

Basicamente, há dois problemas, opostos e complementares: o desconhecimento das regras do inglês padrão por parte dos falantes do inglês não padrão, e o desconhecimento das regras do inglês não padrão por parte dos professores e autores de textos. Estes problemas apareciam no sistema educacional sob a forma simplista de uma forte e inexplicável resistência por parte desse grupo de falantes em aprender as regras que a escola precisa ensinar, quando na verdade são resultados de conflitos entre a estrutura do inglês padrão e não padrão (...) e o funcionamento dessas variedades (...) (Freitag, 2016, p. 450).

Assim sendo, o fracasso escolar relacionado à aprendizagem de leitura por parte dos estudantes dessas escolas movia-se não simplesmente pela diferença dialetal, entretanto pela desvalorização do vernáculo afro-americano e pela manutenção de práticas racistas na sociedade americana. Enfim, essas e outras pesquisas empreendidas por Labov moveram aspectos ligados direta ou indiretamente aos estudos de atitudes linguísticas e mostraram o quanto elas são fatores relevantes na compreensão da variação e mudança, bem como do preconceito social que permeia as comunidades.

Outros linguistas que também analisa as atitudes linguísticas é Göz Kaufmann, o qual tem como focos de pesquisa sociolinguística, contato linguístico, variação e mudança

linguística. Nessa última área, seu interesse é nas variedades minorizadas de alemão – baixo-alemão menonita e o pomerano – faladas na América do Sul.

A partir disso, Kaufmann (2011) dialoga sobre as influências das normas sociais na aplicação e permanências de atitudes individuais, para isso, traz como exemplo o seu estudo das comunidades menonitas no México e no Texas. Comumente, as comunidades menonitas conservadoras (usam seu idioma, o *plattdeutsch*) não apresentam disposição para aquisição de outras línguas, pois proporciona maior contato e influência com o/a mundo/cultura. No México, onde as normas sociais para aquisição da língua oficial do país não são muito veementes, há menonitas que aprendem o espanhol e outros que veem esse comportamento como inadequado. Já nos Estados Unidos, os texanos exercem muita pressão sobre os menonitas e estes têm que aprender inglês, ainda que não quisessem.

É válido ressaltar também que Kaufmann trabalhou no Brasil durante dez anos, entre a UFRGS e a USP, onde conduziu alguns estudos voltados a atitudes e a grupos minoritários. Nesse contexto, em entrevista, o pesquisador frisa seu estudo com estudantes do Ensino Médio brasileiros e uruguaios residentes em cidades de fronteira. O trabalho envolveu a realização de 600 entrevistas e chegou à conclusão de que, devido ao fato de que muitos uruguaios se sentem ameaçados ou, em certa medida, encantados com o Brasil, grande parte é falante fluente do português. Em contrapartida, uma quantidade considerável de discentes brasileiros não adquiriu o espanhol, uma vez que não se sentem pressionados, se comparados com a realidade oposta (Kaufmann *et al.*, 2019).

Kaufmann *et al.* (2019) salientam a impressionante diversidade linguística do Brasil em função da imigração e, em contrapartida, a ilusão da existência do monolinguismo no Brasil – e, inclusive, um descuido para com as línguas minorizadas –, crença que destoa expressivamente do real contexto nacional. Ligado a esse último ponto, apontam a ausência de uma discussão efetiva sobre as variedades do português brasileiro para além do âmbito acadêmico, o que corrobora para que muitos brasileiros propaguem avaliações e julgamentos de caráter não científico sobre as formas linguísticas aparentemente incorretas.

Mediante isso, sublinham um tópico muito relevante na preservação das línguas minorizadas: o ensino dessas variedades no contexto educacional não é suficiente, o papel dos familiares na manutenção destas é extremamente necessário. Nas palavras de Kaufmann *et. al* (2019, p. 301-302): “Afinal, são esses falantes que devem transmitir sua língua para a próxima geração. Se eles não mantiverem a língua na família, a perspectiva para tais línguas é sombria”. Por fim, também é importante existir políticas linguísticas que contemplem não apenas o viés

linguístico em si, mas que ajudem na aceitabilidade social do valor dessa língua, sobretudo pelos próprios falantes.

No tocante às pesquisas concernentes às atitudes linguísticas no contexto brasileiro, percebemos que é um ramo em que, não obstante apresente muitos estudos efetivados nos últimos anos, ainda há certa carência. Na próxima seção, traremos os resultados de algumas dessas pesquisas sob a ótica das comunidades linguísticas nacionais.

CAPÍTULO 2 – PANORAMA DE PESQUISAS VOLTADAS ÀS ATITUDES LINGUÍSTICAS

Podemos verificar que esse olhar científico para as atitudes linguísticas surge concomitantemente ao nascimento da sociolinguística. Vimos, no capítulo anterior, alguns estudos pioneiros no ramo da sociolinguística aliados à investigação de atitudes frente à língua. Diante disso, primeiramente, o presente capítulo tem o propósito de traçar um panorama das pesquisas acerca desse objeto de estudo em âmbito nacional. Na sequência, destacamos também os trabalhos em contexto paraibano, uma vez que nosso estudo tem como foco este território. É importante salientar que este painel, tanto no cenário nacional quanto paraibano, não constitui uma lista exaustiva de todos os estudos existentes sobre a temática das atitudes linguísticas. Trata-se de uma seleção em que priorizamos a relevância dos trabalhos para o desenvolvimento do campo no Brasil e na Paraíba, bem como a pertinência direta ao tema central desta dissertação. Ainda, buscamos uma abrangência temporal, incluindo desde investigações empreendidas em décadas passadas até estudos mais contemporâneos. Também destacamos que esse histórico de pesquisas segue uma linha cronológica – não se divide por regiões geográficas, devido a uma certa escassez de trabalhos que contemplem algumas localidades – e que essas constatações e descobertas corroboram para a compreensão mais atenta e nítida do nosso próprio *corpus* investigativo.

2.1 Estudos no cenário brasileiro

Em âmbito nacional, é importante destacar algumas pesquisas realizadas nos últimos anos no tocante às atitudes linguísticas dos falantes brasileiros em relação ao seu modo de falar e/ou ao da sua comunidade linguística em contexto de interação entre dialetos, variação ou adaptação de registro.

Um estudo pioneiro é a dissertação de Alves (1979), *Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo*, que analisou falantes nordestinos residentes em São Paulo, especificamente baianos e pernambucanos, em relação às variedades linguísticas regionais, tanto nativas quanto paulistas. Sendo assim, foram entrevistados 116 informantes, estratificados em duas classes socioeconômicas (48% nível alto e 51% baixo), faixa etária entre 18 a 45 anos e tempo de estada em São Paulo. A autora verificou que as atitudes manifestadas pelos falantes pernambucanos e baianos eram bem semelhantes, assim, optou por trabalhar com o primeiro grupo. Quanto aos aspectos metodológicos, utilizou duas técnicas de coleta de dados, observação e questionário-entrevista, contendo tanto perguntas diretas para identificar as atitudes que os informantes

declararam ter acerca dos falares da capital e interior quanto questões de avaliação mediante amostras de fala gravadas, com intuito de verificar as atitudes que os informantes têm. Então, os dados indicaram certa incongruência entre as atitudes dos informantes em ausência e em presença de estímulos de fala.

Ademais, Alves (1979) observou que os falantes de nível socioeconômico baixo tendem a avaliar mais positivamente a variedade paulista em detrimento de sua variedade de origem, fato que pode ser impulsionado pela visão que estes informantes têm acerca de São Paulo, como lugar em que podem alcançar melhores condições de vida, levando-os até mesmo ao desejo de acomodar sua fala a dos paulistas. Quanto aos informantes de classe social elevada, a autora verificou que eles tendem a avaliar a variedade linguística nordestina de forma mais positiva e apresentam certa resistência a uma possível mudança, atitudes que se devem ao fato de que, provavelmente, esses indivíduos não enfrentaram tantas pressões sociais quanto os pernambucanos de nível baixo, o que os leva a perceberem seu falar como elemento que contribui para formar a própria personalidade.

Com a dissertação sob o título *Dialetos em contato: um estudo sobre atitudes lingüísticas*, Moralis (2000) investigou o comportamento linguístico de mineiros, baianos, paulistas, goianos, gaúchos e araguienses sobre a fala de grupos linguísticos de origens geográficas variadas, em contato dentro de uma mesma comunidade (Alto Araguaia - MT), como também analisou as atitudes acerca do papel que a linguagem desempenha na atividade ocupacional desses sujeitos (a política, o comércio e a agropecuária). Com este fim, a pesquisa contou com a participação de dezoito informantes, sendo três de cada naturalidade, e com a utilização de ficha pessoal, de questionário-guia para as entrevistas e de observação direta na etapa de obtenção de dados.

Analisando essa realidade, Moralis (2000) observou que os grupos linguísticos avaliaram sua própria variedade de modo positivo, com exceção dos baianos. Outrossim, quando avaliaram os falares em contato, os informantes exteriorizam distintos juízos de valor, com expressões como “enjoativo”, “carregado”, “meticoloso”, “evoluído”, “marcante”, “bem”, “bonito”. No que diz respeito à função da linguagem nas práticas laborais, verificou que o comerciante mantém uma relação comercial uniforme com todos os seus clientes, ao passo que o político e o agropecuarista participam de interações diversas, em que os usos linguísticos são condicionados por outros fatores. No geral, a principal função da linguagem destacada foi a de garantir a continuidade da interlocução.

Em 2007, Cyranka defendeu a tese *Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora-MG*, em que abordou as atitudes de estudantes dessa localidade acerca de três

variedades linguísticas, detectadas dentro do contínuo rural-urbano. Destarte, a pesquisa apresentou como propósitos investigativos:

por um lado, visa auscultar crenças do aluno e do professor de português do Ensino Fundamental em relação à sua concepção de língua, linguagem e variação linguística; por outro, visa examinar as atitudes dos alunos em relação à variedade linguística que utilizam e a outras diferentes, inclusive à que escola parece pretender que ele adote.

Assim, o *corpus* foi constituído a partir da participação de discentes da oitava série do Ensino Fundamental de cinco escolas – quatro de ensino público e um particular. Para a coleta de dados, a autora recorreu a dois instrumentos: como medida indireta, um teste de atitudes aplicado com os estudantes, contendo amostras das variedades linguísticas urbana, rurbana e rural; um questionário aplicado com esses mesmos alunos, além de professores e graduandos em Letras, os quais foram confrontados com questões diretas que os levaram a explicitar suas crenças sobre o ensino da língua materna na escola, concepções de certo e errado, o fenômeno do preconceito linguístico, entre outros tópicos.

Portanto, os resultados revelaram que esses estudantes não se avaliam de forma positiva frente ao uso competente de sua própria língua, visto que não se consideram bons na fala e na escrita. Consequentemente, a pesquisadora verificou que eles apresentam baixa autoestima e até mesmo preconceito linguístico, por vezes contra seu próprio modo de falar. Além disso, Cyranka (2007) notou que parte dos docentes se demonstra desfavorável à variedade linguística usada pelos alunos, corroborando para o fortalecimento das crenças limitantes reveladas por eles.

Outrossim, Aguilera (2008) publicou o artigo *Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras*, no qual discutiu as atitudes sociolinguísticas de 200 falantes de vinte e cinco capitais brasileiras com base em respostas dadas às questões que integram os Questionários do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (Comitê Nacional, 2001). No questionário, a primeira questão indaga sobre a língua que o informante acredita falar, já a segunda e a terceira questionam se o informante sabe se há naquela cidade pessoas que falam diferente e se poderia dar exemplos desses prováveis falares. Quanto aos resultados ligados ao primeiro questionamento, Aguilera (2008) aferiu que 92% dos informantes acredita falar o português ou a língua portuguesa e que a presença de certa oscilação nas respostas de parte dos informantes está ligada a fatores sociais como faixa etária e grau de escolarização. Quanto aos dados relativos às demais questões, a autora pontua que os informantes exteriorizaram manifestações distintas, as quais foram examinadas com base em critérios extralinguísticos, a

saber: faixa etária, nível de escolaridade, sexo e região de origem.

Botassini (2013) defendeu sua tese *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná*. Para isso, teve a participação de 48 informantes (16 norte-paranaenses, 16 cariocas e 16 gaúchos), residentes no Norte do Paraná há, no mínimo, oito anos. Para a coleta de dados, optou pela conversação gravada e dirigida por uma entrevista composta das seguintes partes: narrativa; descrição; questionário fonético-fonológico; leitura; perguntas específicas referentes a crenças e atitudes linguísticas. Entre outros resultados alcançados, Botassini (2013) observou que, dependendo do grau de formalidade, os informantes alteram a variante rótica, como também percebeu que, embora essa variante seja alvo de desprestígio, apresenta muita vitalidade nos usos linguísticos. Além do mais, a pesquisadora chegou à conclusão de que os cariocas mantiveram sua identidade linguística com realização em 93,5% das ocorrências de róticos velares e não retroflexos. Acerca da forma como se avaliam, os cariocas e gaúchos revelaram julgamentos positivos, enquanto que a variedade norte-paranaense é vista de forma negativa tanto pelos falantes cariocas e gaúchos quanto pelos próprios falantes norte-paranaenses. Sobre isso, os falantes naturais do Norte do Paraná apresentaram 50% de avaliações negativas sobre seu falar, o que indica que o estereótipo “caipira” atribuído a essa variedade está enraizado nas atitudes de seus próprios falantes.

Além dessas pesquisas, temos algumas que analisam as influências dos contextos de fronteira e/ou imigração no comportamento linguístico, a exemplo da tese de Corbari (2013), intitulada *Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*. A autora, então, investiga falantes paranaenses de Santo Antônio do Sudoeste (localizada na região Sudoeste, na fronteira com a Argentina) e Irati (situada na região Sudeste). Para tanto, a pesquisadora fundamentou-se teoricamente em estudos da sociolinguística, da Psicologia Social, da Etnografia da Comunicação e da Sociologia da Linguagem. É válido destacar que o *corpus* foi coletado no seio do Projeto Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato (Aguilera, 2009), em que foram realizadas entrevistas com dezoito informantes de cada localidade, estratificados de acordo com faixa etária, nível de escolaridade e sexo. No que concerne à entrevista, foi guiada por um questionário contendo perguntas específicas a fim de medir as atitudes linguísticas dos informantes frente aos falantes, ao português e às línguas em contato, tendo em vista sua convivência constante com argentinos, italianos, alemães, entre outros grupos minoritários. De modo geral, os resultados revelaram atitudes positivas quanto às línguas e aos falantes, tanto na localidade de Irati quanto em Santo Antônio do Sudoeste. Entretanto, uma pequena porcentagem dos informantes demonstrou preconceitos baseados em estereótipos culturalmente

moldados ou impulsionados por aspectos identitários.

Na década de 80, Cardoso (1989) defendeu a tese de doutorado *Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros*. Sob o mesmo título, essa pesquisa resultou na publicação de um livro em 2015. Considerando esse contexto, Cardoso (2015) aponta os objetivos do estudo: fazer um levantamento das atitudes ou normas subjetivas de falantes aracajuanos em relação ao seu próprio dialeto e às variedades regionais que mantém contato, a carioca, a baiana e a alagoana; por fim, como esses aspectos avaliativos e atitudinais variam entre diferentes sexos, faixas etárias e níveis de escolaridade. Diante disso, aplicou-se um questionário com 144 falantes (72 de cada sexo, entre a faixa etária de 14 a 70 anos), o qual foi dividido em duas partes: uma com o estímulo da fala e outra sem o estímulo da fala. Sobre a fita-estímulo, Cardoso (2015, p. 34) ressalta: “Importava o modo, a maneira, o jeito de a pessoa falar, o como ela fala. Cada amostra de fala era ouvida apenas uma vez e, após a audição de cada amostra, respondia-se a perguntas sobre aquela fala”.

Nesse sentido, a pesquisadora identificou um certo nível de divergência entre as atitudes com e sem a presença de estímulos de fala. Entre os muitos resultados consolidados na pesquisa, destacamos alguns: os dados em ausência do estímulo revelaram que os aracajuanos (independente de idade e escolaridade) aceitam sua variedade e afirmam que é importante falar bem, como também revelaram que a variável escolaridade é representativa, uma vez que, quanto mais escolarizados os informantes, mais rejeitam desvios de “concordância verbal”, troca de “l” por “r” ou queda do “r” final. Além disso, ainda em ausência da fita-estímulo, a variedade alagoana foi a menos aceita, já o falar carioca mostrou-se com a fala mais privilegiada. Em contrapartida, com a fita-estímulo, a fala alagoana passa a ter bastante aceitação entre os informantes.

Também em 2015, em sua tese de doutorado *Identidade na pluralidade: Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*, Oushiro analisou a avaliação, a produção e a percepção linguística, por intermédio de observação de quatro variáveis sociolinguísticas – a realização de /e/ nasal como monotongo [ẽ] ou ditongo [ẽj]; a pronúncia de /r/ em posição de coda como tepe [r] ou retroflexo [ɽ]; a concordância nominal de número; a concordância verbal de primeira e terceira pessoa do plural – e das variáveis sociais sexo/gênero, classe social e grau de escolaridade. Frente a esse desafio, os dados foram integrados por 118 entrevistas sociolinguísticas com falantes nativos do português paulistano. Assim sendo, os resultados apontaram que, embora haja correlações entre as variáveis sociolinguísticas e as sociais, há diferentes tendências de aplicação: mudança em direção à variante ditongada [ẽj]; distintos padrões de (-r) empregados pelos jovens de classes sociais

variadas; variação estável das concordâncias nominal e verbal em regiões periféricas e mudança em direção à variante padrão em regiões centrais. No tocante a esses aspectos, Oushiro (2015, p. 9) ressalta a importância da compreensão dos significados sociais a eles atribuídos:

Argumenta-se que [ẽj] tem se difundido rápida e unidirecionalmente pelo fato de se constituir um marcador (Labov, 2008 [1972]) para paulistanos, que não revelam ter consciência da variável, tampouco apresentam um discurso metalinguístico sobre suas variantes. O forte favorecimento do retroflexo entre jovens de classes baixas foi desencadeado por uma reinterpretação de seu significado social como uma variante local e de prestígio, devido à presença maciça de migrantes do Norte/Nordeste, cuja variante fricativa é relativamente mais estigmatizada na comunidade. Ao mesmo tempo, ainda que o encaixamento social das concordâncias nominal e verbal seja bastante semelhante, a marca zero de concordância nominal (as casa) goza de maior vitalidade por indexicalizar significados como masculinidade, paulistanidade e morador da Mooca.

Portanto, mediante esse panorama das pesquisas sobre nosso objeto de estudo nas comunidades linguísticas em contexto nacional, seguiremos trilhando algumas das investigações empreendidas particularmente na conjuntura paraibana.

2.2 Estudos no cenário paraibano

Em relação à análise do português paraibano, pesquisas sociolinguísticas têm sido empreendidas desde a década de 90 e destaca-se, nesse contexto, o VALPB, fundado em 1993 pelo professor Dermeval da Hora. Nesse sentido, tem como objetivo principal delinear o perfil linguístico do falante paraibano a partir de aspectos fonético-fonológicos e gramaticais. “Atualmente, o projeto tem trabalhado em três *corpora* de gravações de entrevistas sociolinguísticas com informantes da cidade de João Pessoa, estratificados de acordo com sexo, faixa etária e anos de escolarização”⁶. Sendo assim, é necessário frisar a relevância do VALPB na compreensão do falar paraibano e sua imensa contribuição para a promoção da ciência, visto que os dados do projeto embasaram várias pesquisas.

Diante disso, temos o artigo publicado por Ramos (1998), o qual tratou acerca das atitudes linguísticas dos pessoenses em relação ao seu próprio falar e a outras variedades linguísticas. Os dados foram obtidos a partir de sessenta entrevistas realizadas pelo VALPB e as variáveis sociais observadas foram sexo, grau de escolarização e faixa etária. Destarte, Ramos (1998) evidenciou que os informantes estavam cientes quanto às diferenças na variação regional, como também identificou que, ao mesmo tempo em que não estavam satisfeitos com

⁶ Disponível em: <https://projetoalpb.com.br/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

os traços individuais de sua própria fala, sentiam-se identificados com a variedade linguística local. Outros dois resultados observados foram que esses informantes pessoenses valorizavam a conformidade com regras gramaticais como um padrão de "correção" na fala, bem como admitiam a influência do nível educacional na maneira de falar. Outrossim, Ramos (1999) empreendeu investigações que transpassaram o frequente interesse de estudos direcionados à capital do estado, haja vista a observação da comunidade de fala situada em Campina Grande em sua dissertação intitulada *Atitudes linguísticas de falantes campinenses sobre os fenômenos da palatalização das consoantes /t/ e /d/ e do uso da concordância nominal de número*.

Anos depois, Lopes (2012) apresenta sua tese *Preferências e atitudes dos ouvintes em relação ao sotaque regional no telejornalismo*. Logo, investigou como os pessoenses reagem frente ao sotaque regional e o suavizado (sem utilização de variantes linguísticas regionais), em situação formal e informal no telejornalismo local. Para tanto, selecionou três telejornalistas a fim de que gravassem frases-veículo e um texto padrão, em situação de presença e ausência das variantes linguísticas em análise (palatalização do /S/ em coda medial sucedido de oclusivas dentais e a assimilação da oclusiva dental; monotongação; harmonização vocálica; palatalização das oclusivas dentais; enfraquecimento do /R/ em coda medial). Então, o *corpus* foi composto de 105 ouvintes-juízes que deveriam ouvir os estímulos de fala e preencher um protocolo de preferência de fala e escalas sociais para aferição das atitudes desses ouvintes quanto ao padrão de fala. A partir da análise dos dados, Lopes (2012) verificou que os ouvintes conseguiram notar as diferenças entre trechos com e sem ocorrência dos traços linguísticos regionais, como também identificou que os ouvintes preferem a fala suavizada para todas as variantes linguísticas observadas no estilo mais formal do telejornalismo, ou seja, as características da variedade regional neste contexto estão relacionadas a valores negativos.

De agora em diante, destacaremos algumas pesquisas em contato linguístico e dialetal desenvolvidas no âmbito do Grupo de Pesquisa em Contato Linguístico⁷ da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o qual foi criado oficialmente em 2014 pelo professor Rubens Lucena.

Neste cenário, temos a dissertação de Lima (2013), *Acomodação dialetal: análise da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica por paraibanos residentes em Recife*. Para mensuração do processo de acomodação, investigou as ocorrências da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica, por ser um fenômeno fonológico distintivo marcante entre as variedades paraibana e recifense. Quanto aos informantes da pesquisa, participaram nove

⁷ Link para website do Grupo de Pesquisa em Contato Linguístico: <https://contatolinguistico.wordpress.com>.

paraibanos residentes em Recife há pelo menos dois anos. A coleta de dados ocorreu por meio de uma entrevista – com questões relativas a aspectos da vida em geral e com perguntas específicas de percepção das diferenças linguísticas – e de leitura de um texto que continha palavras do fenômeno pesquisado. Na análise quantitativa dos dados, a pesquisadora destacou o tempo de permanência em Recife, o contato diuturno com recifenses, o contexto fonológico seguinte, o estilo e a frequência de visitas à Paraíba como principais fatores que estavam corroborando para o processo de acomodação. O tempo de permanência mostrou-se como o fator mais representativo, que, aliado à atitude positiva de alguns informantes paraibanos em relação ao dialeto recifense, contribuiu para que estes convergissem seus usos linguísticos ao falar recifense. Em contrapartida, outros informantes com tempo significativo de permanência na nova localidade não apresentaram indícios de acomodação, devido à avaliação negativa do novo dialeto, preservando suas próprias marcas dialetais.

Por acomodação, entendemos como o fenômeno em que o falante altera traços linguísticos de sua variedade para convergir com os traços do outro, buscando aproximação ou aprovação, por exemplo. Logo, a avaliação linguística afeta diretamente esse processo de acomodação dialetal, estimulando-o ou inibindo-o.

Semelhantemente, Freire (2016), em sua tese *Variação, estilo, atitude e percepção linguística: o caso das laterais /ʎ/ e /l/ no falar paraibano*, buscou analisar a variação social e estilística, bem como aspectos de estilo, atitude, avaliação e percepção em relação às líquidas laterais /ʎ/ e /l/ na comunidade de fala de Jacaraú, localizada no litoral norte da Paraíba. Assim, o *corpus* foi constituído da fala espontânea de trinta e seis informantes oriundos dessa localidade, estratificados com base em sexo, faixa etária e nível de escolaridade. No tocante aos procedimentos metodológicos, o pesquisador mobilizou dois instrumentos: a entrevista sociolinguística e um teste de avaliação, atitude e percepção linguísticas. Em suma, os resultados apontaram para dois padrões sociodialetais, um marcado socialmente – as variantes [l, j, Ø] indicando o falar nordestino/rural – e ou outro não marcado socialmente – a lateral [ʎ] indicando o falar nordestino/urbano. No que se refere a esse aspecto, o teste registrou entre 81% a 93% de taxa de rejeição às formas [l, j, Ø]; por outro lado, o uso de [ʎ] obteve índices positivos, 79% de aprovação. A variante /ʎ/ fora associada a profissionais de prestígio social e ao falar educado, amigável e confiante.

Além desses trabalhos, notamos e podemos comparar os resultados de duas pesquisas que tiveram o mesmo objeto de estudo, Chacon (2012) e Silva (2016), porém com sujeitos e comunidades linguísticas distintos. Acerca disso, Chacon (2012) objetivou avaliar a existência ou não do processo de acomodação da palatalização em coda medial no contato dialetal de

paulistas com pessoenses (dissertação sob o título *Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa*). Para tanto, contou com a participação de dez falantes paulistas escolhidos com base na faixa etária e no tempo de residência em João Pessoa, a variável estilística controlada foi subdividida em leitura de texto e entrevistas. Então, a pesquisadora constatou que 65,2% dos informantes não acomodou o falar paulista ao falar paraibano, e, nesse caso, a solidariedade e atitudes linguísticas para com a variedade de origem favoreceram a não acomodação.

Quanto à pesquisa de Silva (2016), *Contato dialetal: atitudes do falar paraibano em São Paulo*, verificou os efeitos da acomodação a partir da observação da (não) palatalização da coronal /s/ anterior às oclusivas dentais surdas e sonoras /t/ e /d/. Na constituição do *corpus*, participaram dez falantes paraibanos residentes em São Paulo há, no mínimo, um ano; a coleta deu-se por meio de entrevista e de observação etnográfica. Sendo assim, os dados coletados por Silva (2016) revelaram 68% de acomodação das ocorrências gerais ao falar paulista. Os dados da coleta em estilo etnográfico mostram uma convergência linguística ainda mais consolidada, pois, das 922 ocorrências detectadas, 746 favoreciam a acomodação dialetal. Logo, a discrepância nas taxas de acomodação verificadas nas duas pesquisas contribui para a compreensão de que as atitudes linguísticas frente às variedades, às opressões e às pressões sociais exercidas sobre os falantes atuam e impactam constantemente a (não) convergência linguística.

Dessarte, voltemos o nosso olhar para a tese intitulada *Atitudes linguísticas de paraibanos em relação ao seu próprio falar*, de autoria de Lima (2019). Vale salientar que realizamos uma descrição mais detalhada desse trabalho, por conta da abrangência do estudo, uma vez que a autora traça um panorama do tema entre falantes das quatro mesorregiões paraibanas, como também por contemplar a Borborema – região em que o Seridó Oriental pertence –, estabelecendo-se, assim, como uma referência em nossa pesquisa. Desta forma, o propósito central de Lima (2019) foi investigar as manifestações de atitudes linguísticas de falantes paraibanos pertencentes às quatro mesorregiões do estado e apresentou a seguinte hipótese: “acreditamos que há preconceito linguístico com relação ao falar paraibano. No entanto, esse tipo de preconceito não se restringe apenas à avaliação da forma de falar do outro, visto que ele camufla o julgamento de cunho social” (Lima, 2019, p. 16). Inicialmente, a autora apresenta as mesorregiões – Sertão Paraibano, Borborema, Agreste e Mata Paraibana – e as localidades escolhidas que são representantes dessas áreas – Patos, Santa Luzia, Itabaiana, Belém, Campina Grande, João Pessoa, Santa Rita e Capim – onde residem os sujeitos do estudo.

No tocante aos procedimentos metodológicos aplicados, o *corpus* foi coletado *in loco*

em oito municípios do estado e, a partir do método de abordagem direta, foram conduzidas entrevistas sociolinguísticas com quarenta participantes, sendo dez de cada mesorregião da Paraíba. Para fins de melhor compreensão, as perguntas que compunham as entrevistas foram dispostas em seis blocos, a saber: 1. sentimento com relação a sua própria fala; 2. consciência sobre aspectos do seu grupo linguístico; 3. descrição e avaliação feita pelo interlocutor; 4. tendências de reação do informante; 5. pensamentos e crenças sobre preconceito linguístico; 6. consciência e avaliação da diversidade linguística.

No sexto capítulo da sua tese, Lima (2019) expõe a análise dos dados e os resultados alcançados. Nesse contexto, destacamos pontos expressivos na observação da amostra das quatro regiões. Em primeiro lugar, os falantes do Sertão destacaram que o sotaque desempenha função identificadora e de pertencimento, e boa parte deles aponta que sofreu preconceito linguístico – que camufla o social – pelo fato de serem nordestinos. Ademais, no *corpus* da Borborema sobressai-se o contexto de paradoxo do falante, uma vez que 74% dos entrevistados afirmaram gostar do seu próprio modo de falar (atitude positiva), entretanto, quando questionados sobre aspectos específicos que gostavam ou não em seus falares, 57% dos informantes ressaltaram apenas traços desfavoráveis (atitude negativa). Nesta mesma seção, a autora discorreu comentários relevantes sobre o papel das mídias na concepção de mundo das pessoas, por meio da criação de figuras estereotipadas, como o nordestino.

Já no Agreste Paraibano, a grande maioria manifestou atitudes de inferioridade no que se refere ao falar paraibano, posto que aproximadamente 40% dos entrevistados expressaram uma opinião favorável em relação ao seu falar individual, enquanto os 60% restantes mostraram uma visão negativa. Mesmo os que avaliaram positivamente apontaram a fala arrastada como um aspecto desfavorável. Esse mesmo cenário de paradoxo foi verificado em outras mesorregiões, como a Mata Paraibana, na qual notou-se também a concepção de que os moradores do interior do estado falam diferente dos moradores da capital e a crença de que, quanto mais próximo da capital paraibana, mais seus residentes usam um falar tido como “correto”, “prestigiado” – crença presente também nos dados da Borborema e do Sertão. Neste contexto, a autora questionou: Até que ponto o preconceito linguístico sofrido pelos nordestinos é construído fora das fronteiras do Nordeste?

Portanto, no geral, os resultados indicaram que os participantes consideraram o modo de falar de sua comunidade uma marca de identidade local e regional. Mesmo aqueles que negaram ter sotaque reconheceram características específicas na fala, como entonação arrastada e expressões típicas. No entanto, a maioria expressou atitudes negativas em relação à própria fala, associando características como “fala arrastada” com estigma linguístico. Logo, na nossa

pesquisa, buscamos aprofundar e comparar esses dados, sobretudo da mesorregião da Borborema, com o *corpus* de falantes borboremenses especificamente do Seridó Oriental.

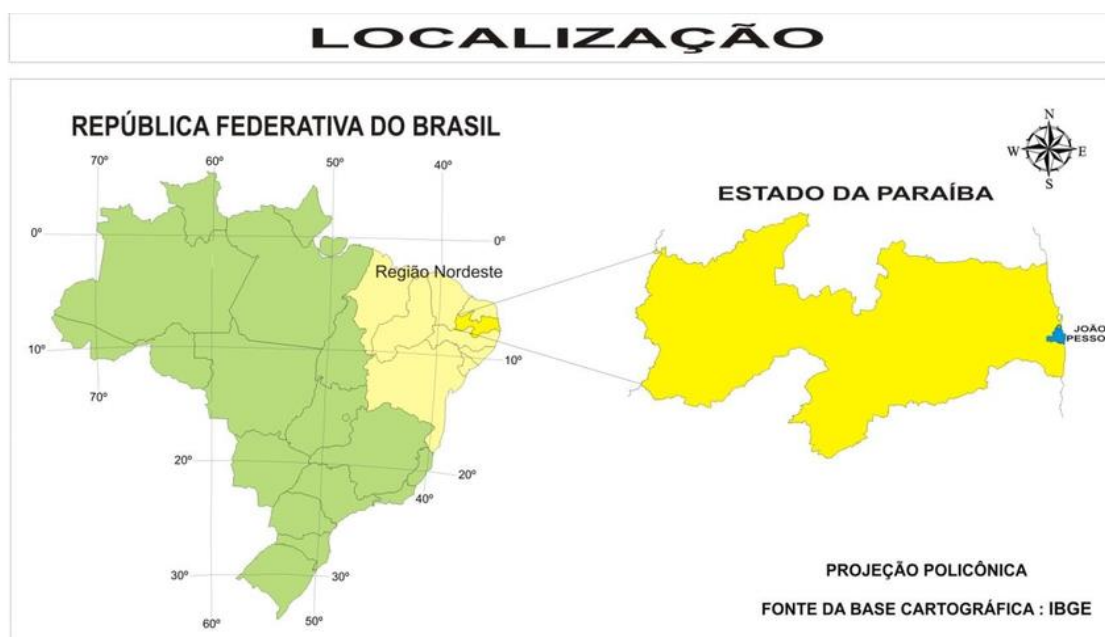
CAPÍTULO 3 – DESENHO METODOLÓGICO

No decorrer deste capítulo, discorreremos acerca dos procedimentos metodológicos aplicados a este estudo. A princípio, abordaremos as principais características sociais e geográficas referentes ao Seridó Oriental paraibano, e, em específico, a cada um dos cinco municípios selecionados, que são representativos dessa região em análise. Ademais, descreveremos a tipologia da pesquisa, como também os sujeitos colaboradores do estudo. Por fim, discutiremos a respeito do instrumento e do processo de coleta de dados, assim como se deu o tratamento deste *corpus*.

3.1 Caracterização do Seridó Oriental da Paraíba

A Paraíba é uma das 27 (vinte e sete) unidades federativas do Brasil, é integrada por 223 (duzentos e vinte e três) municípios. O estado, cuja capital é João Pessoa, é localizado a leste da região Nordeste e possui como limites o Oceano Atlântico a leste, o Ceará a oeste, o Rio Grande do Norte ao norte e o Pernambuco ao sul. Dessa forma, corresponde a 3,6% da área total nordestina, ocupando o sexto lugar em área territorial nessa região e 20º em relação ao Brasil (Bezerra *et al.*, 2015).

Figura 2 - Mapa de localização do Estado da Paraíba



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-8-Mapa-de-localizacao-do-Estado-da-Paraiba-Fonte-IBGE_fig2_303910687

De acordo com dados do IBGE (2023), a Paraíba possui uma área territorial de 56.467,242 km², densidade demográfica 70,39 hab/km², população residente de 3.974.687 pessoas e R\$1.320 de rendimento mensal domiciliar *per capita*. No que concerne aos aspectos geográficos, o estado é formado principalmente por dois biomas: Mata Atlântica e Caatinga; caracteriza-se pelos climas savana tropical, semiáridos quentes, monção tropical, sendo o semiárido o clima predominante, no qual destacam-se os significativos períodos de secas (Nascimento, 2022).

Economicamente, o estado se sobressai na produção de algodão, cana-de-açúcar, fruticultura e pecuária, mas também a área do turismo coloca a unidade paraibana em evidência, uma vez que possui praias e eventos culturais que despertam a atenção de um grande contingente de visitantes. Além disso, é o berço de nomes importantes na cultura e cenário nacionais, como José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Augusto dos Anjos, Ariano Suassuna, entre tantos outros.

Quanto à regionalização da Paraíba, é válido ressaltar que, desde 2017, o IBGE adotou uma nova divisão regional do Brasil, não mais organizada a partir de mesorregiões e microrregiões – desde os idos de 1989 –, mas a partir de regiões intermediárias e regiões imediatas. Acerca dessa atualização, temos:

A revisão da Divisão Regional do Brasil para fins de divulgação da informação estatística constitui parte da missão institucional do IBGE e visa atualizar o quadro regional do País, elaborado pelo então Departamento de Geografia na década de 1980 e publicado em 1990. (...) A necessidade de atualização dos recortes regionais vem ao encontro do expressivo aumento verificado na diferenciação interna do território brasileiro, como resultado das transformações econômicas, demográficas, políticas e ambientais ocorridas ao longo das últimas décadas. A principal diferença entre a divisão regional ora apresentada e os quadros anteriores é que na atual proposta técnica a divisão será periodicamente revisada. Esta característica a diferencia dos resultados anteriores, que ao se manterem inalterados facilitaram seu uso em uma variedade de aplicações para as quais esta característica é importante e que poderão ser mantidas, a critério do usuário (IBGE, 2017, p. 8).

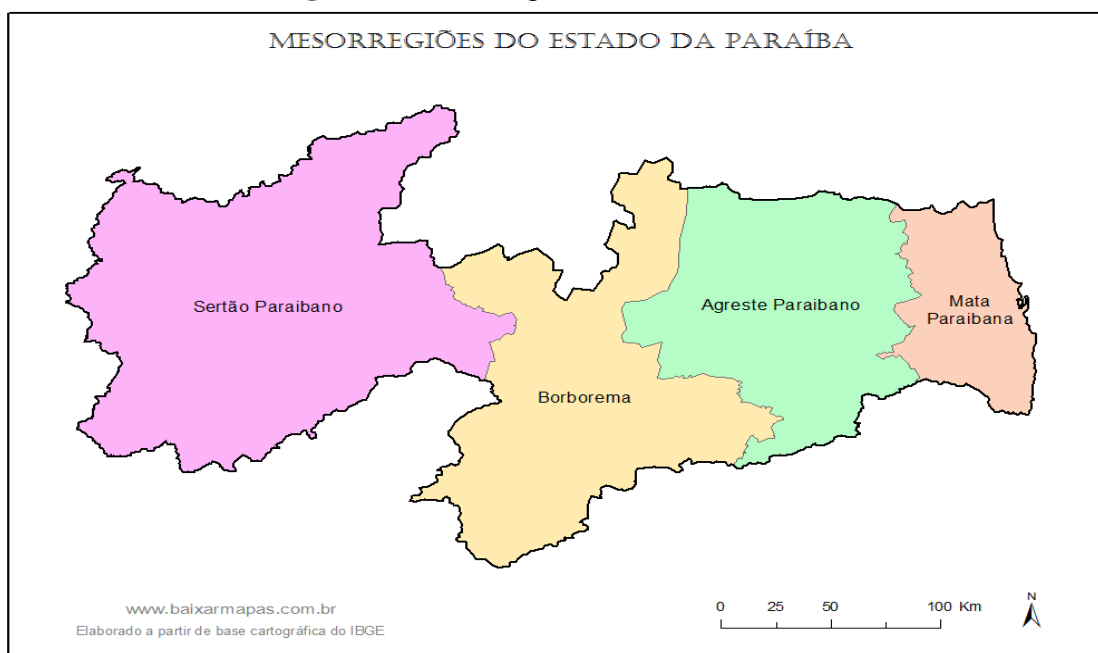
Com base neste novo panorama, os 223 municípios paraibanos são agrupados em quatro regiões geográficas intermediárias que, por sua vez, são integradas por quinze regiões geográficas imediatas. Assim, temos: 1. João Pessoa (composta pelas regiões imediatas de Guarabira, Itabaiana, João Pessoa, Mamanguape-Rio Tinto); 2. Campina Grande (com Campina Grande, Cuité-Nova Floresta, Monteiro e Sumé); 3. Patos (com Catolé do Rocha-São Bento, Itaporanga, Patos, Pombal e Princesa Isabel) e 4. Sousa-Cajazeiras (com Sousa e Cajazeiras).

Em contrapartida, na regionalização anterior feita pelo IBGE, as cidades paraibanas são

divididas em quatro mesorregiões, a saber: Mata Paraibana, Agreste, Borborema e Sertão. Ademais, essas quatro se subdividem em um total de vinte e três microrregiões. Dessa forma, nessa pesquisa, optamos por adotar a antiga divisão regional. A motivação para essa escolha deve-se ao fato de que, como pesquisadora e também como alguém que reside na Borborema desde o nascimento, em particular no Seridó Oriental, defendo que temos aqui uma região microlinguística, que vai além dos aspectos geográficos, embora o linguístico e o geográfico se entrelacem em alguns momentos.

No tocante a essa organização do território paraibano, vejamos o mapa abaixo:

Figura 3 - Mesorregiões do Estado da Paraíba

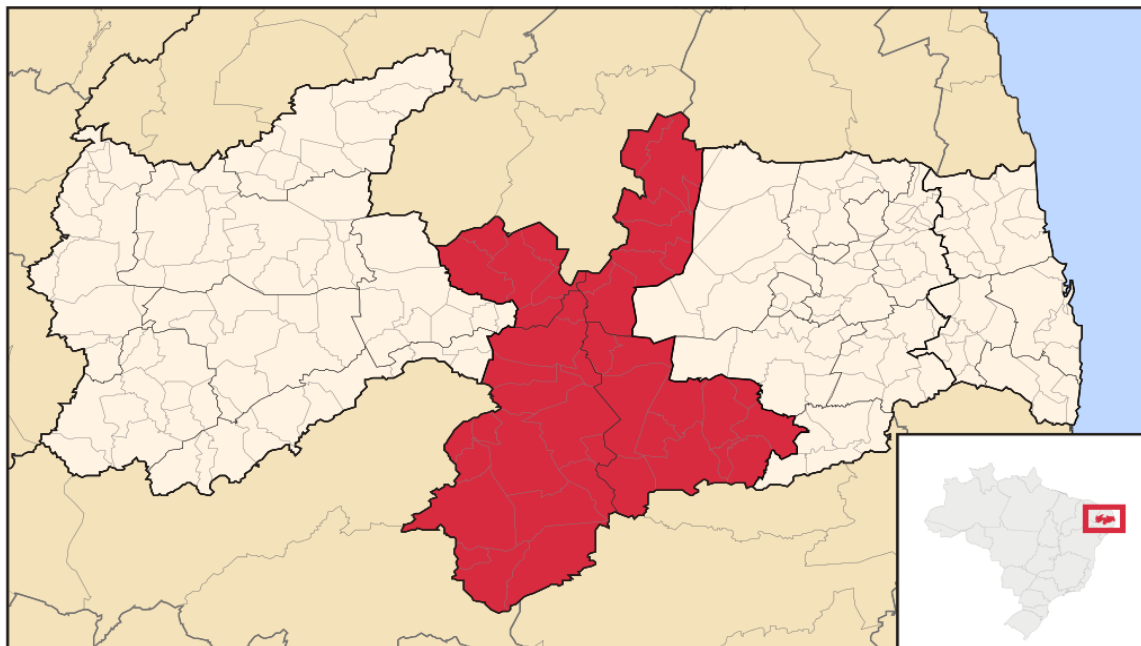


Fonte: <https://www.baixarmapas.com.br/mapa-da-paraiba-mesorregioes/>

Nesse sentido, “a mesorregião da Mata Paraibana (porção litorânea) concentra o maior contingente populacional do Estado (37,7%), seguida pelo Agreste (31,8%). A mesorregião do Sertão soma 22,6% e a da Borborema apenas 7,9% da população da Paraíba” (Bezerra *et al.*, 2015, p. 23). Voltemos o nosso olhar para essa última, que é onde repousa nosso foco de estudo nesta pesquisa.

A Borborema localiza-se entre o Agreste e o Sertão e representa 27,6% do território paraibano. Suas 44 (quarenta e quatro) cidades estão distribuídas em 4 (quatro) microrregiões: Cariri Ocidental (integrado por 17 municípios), Cariri Oriental (12 municípios), Seridó Oriental (9 municípios) e Seridó Ocidental (6 municípios).

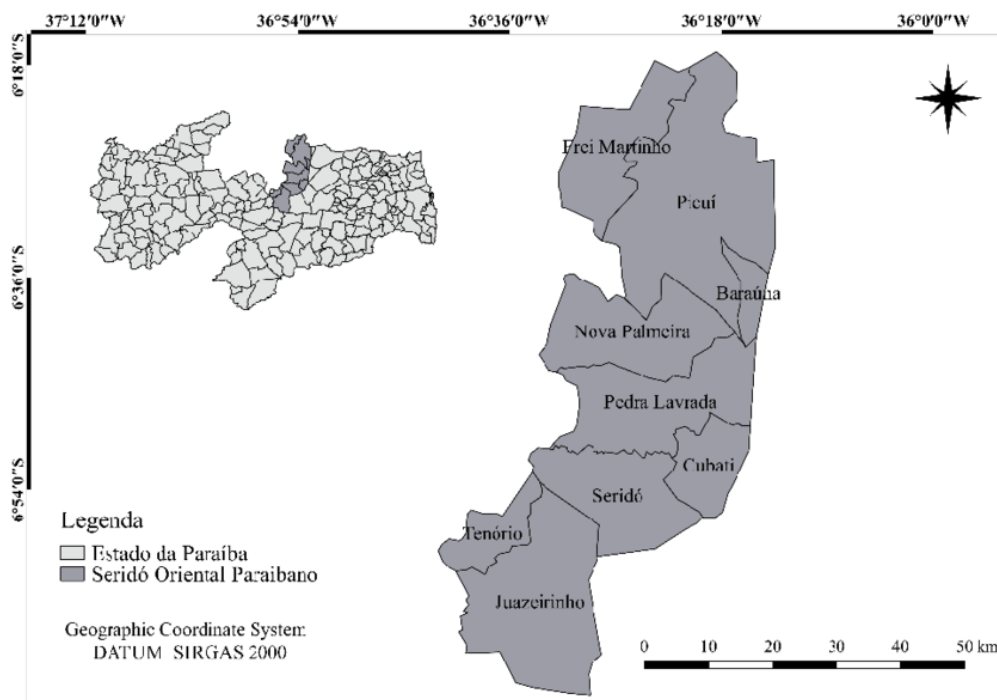
Figura 4 - Mesorregiões da Borborema



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_mesorregi%C3%B5es_e_microrregi%C3%B5es_da_Para%C3%ADba#/media/Ficheiro:Paraiba_Meso_Borborema.svg

Destacamos que nosso estudo se centra particularmente no Seridó Oriental, o qual possui apenas municípios de pequeno porte e que, por vezes, não têm visibilidade no meio acadêmico, aspectos que nos instigaram ainda mais a desenvolver a investigação. Segundo dados de Nascimento (2022), possui cerca de 80.034 de população e de PIB (média) R\$40.334,03. Como podemos observar no próximo mapa, essa microrregião é composta – com na base antiga divisão regional do Brasil – por 9 (nove) localidades, quais sejam: Baraúna, Cubati, Frei Martinho, Juazeirinho, Nova Palmeira, Pedra Lavrada, Picuí, São Vicente do Seridó e Tenório.

Figura 5 - Localização do Seridó Oriental da Paraíba



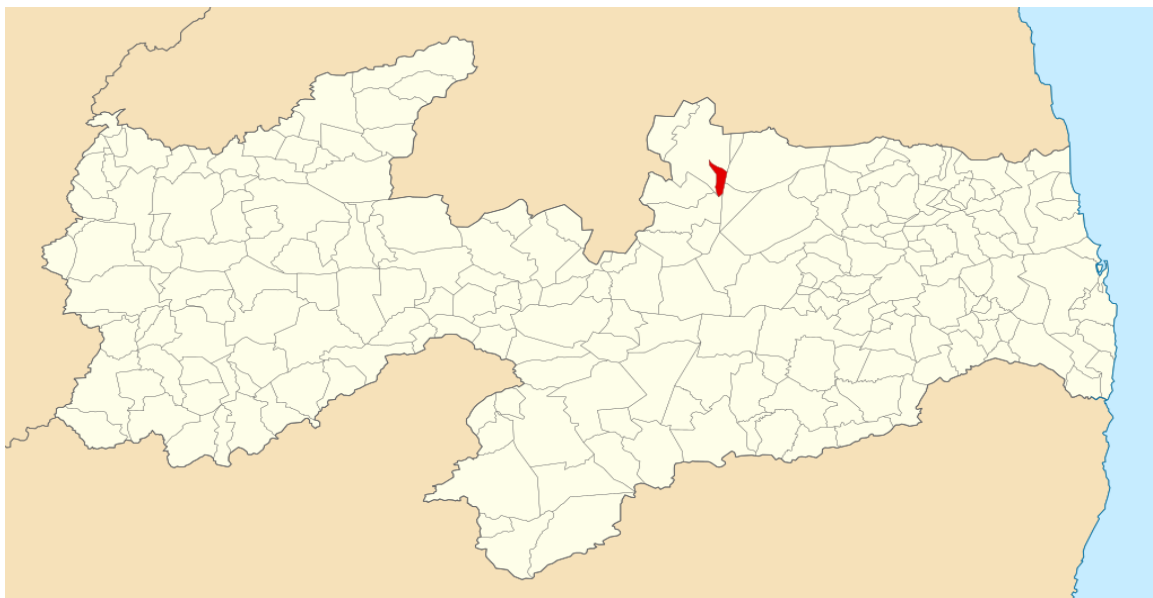
Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Localizacao-do-Serido-Oriental-daParaiba_fig1_364011757

Assim, entre essas, selecionamos cinco para realização da coleta de dados (Baraúna, Cubati, Picuí, São Vicente do Seridó e Tenório), distribuídas em extremidades estratégicas, na busca por contemplar falantes de pontos distintos da microrregião. A seguir, conforme ordem alfabética, descreveremos essas áreas territoriais e suas principais características.

3.1.1 A cidade de Baraúna

O nome dado ao município advém do termo referente a uma árvore típica da caatinga (baraúnas) e a fundação da cidade deu-se a partir do desmembramento com o município de Picuí, em 29 de abril de 1994.

Figura 6 - Localização de Baraúna na Paraíba



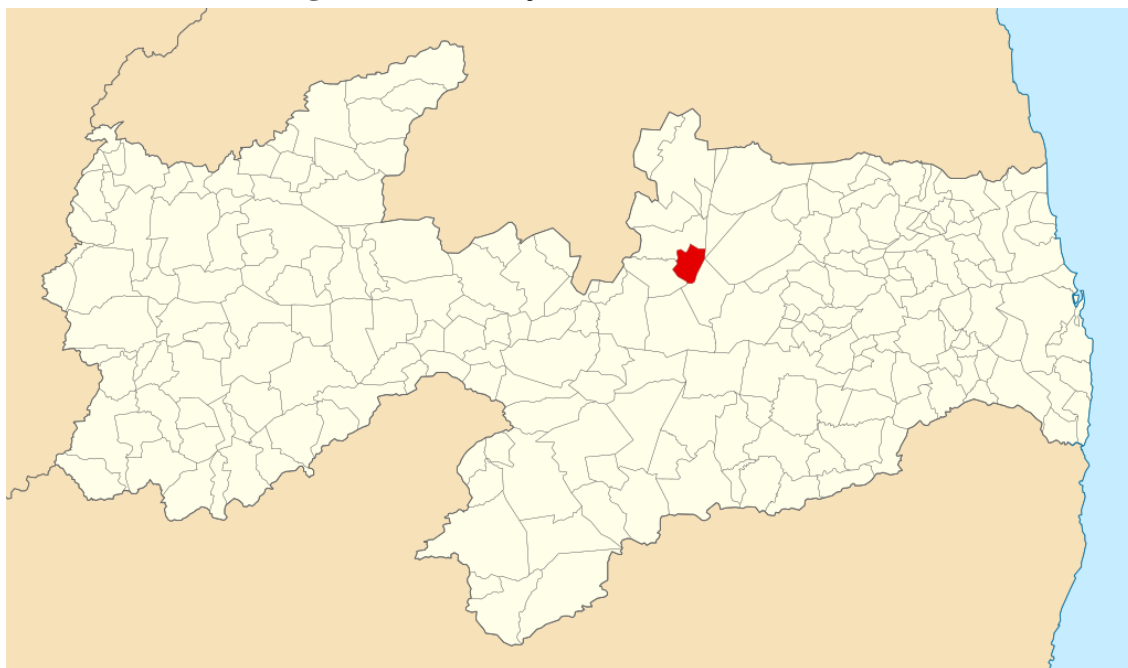
Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Bara%C3%BAna_\(Para%C3%ADba\)#/media/Ficheiro:Brasil_Para%C3%ADba_Bar%C3%BAna_location_map.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bara%C3%BAna_(Para%C3%ADba)#/media/Ficheiro:Brasil_Para%C3%ADba_Bar%C3%BAna_location_map.svg)

A cidade de Baraúna limita-se com Sossego, Cuité, Pedra Lavrada e Picuí. Conforme o último censo, possui população média de 4.762 pessoas, densidade demográfica 95,18 habitantes por quilômetro quadrado, média salarial mensal de 1,8 salários mínimos e área territorial de 50,03 km², o que a coloca na posição 206 de 223 entre os municípios do estado (IBGE, 2022).

3.1.2 A cidade de Cubati

A princípio, a localidade foi reconhecida como distrito em 1915 e, à época, chamava-se Canoas. Em 1943, ocorreu uma alteração toponímica, passando a denominar-se Cubati, em tupi guarani, que quer dizer planta d'água. Já a emancipação política do município deu-se apenas em 1959. Podemos ver a sua localização geográfica a partir da figura 6 abaixo.

Figura 7- Localização de Cubati na Paraíba



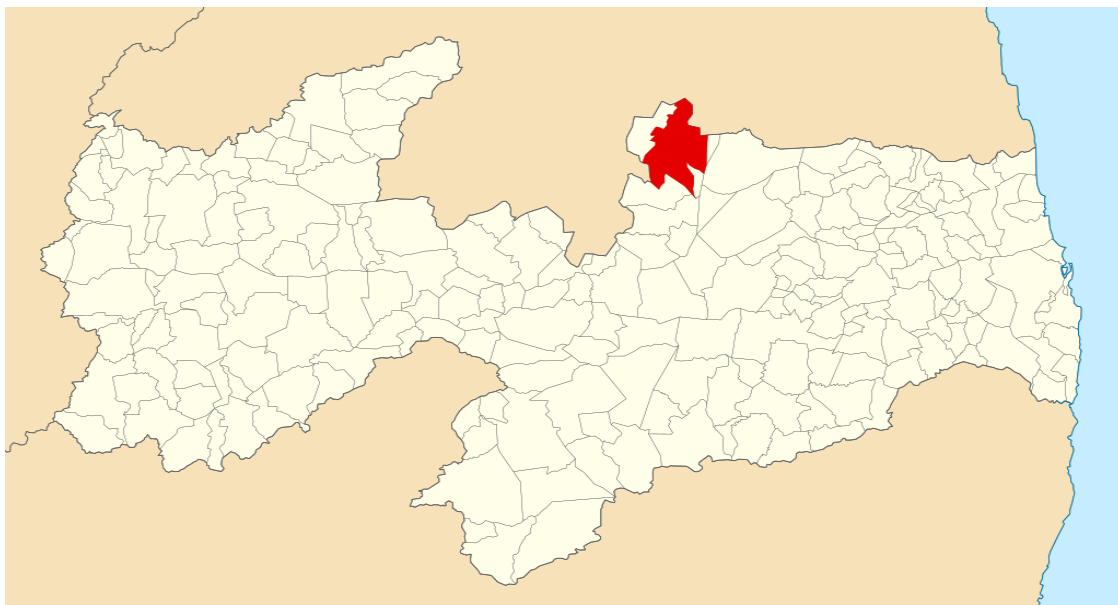
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cubati#/media/Ficheiro:Brazil_Para%C3%ADba_Cubati_location_map.svg

No ano de 2022, o município obteve dimensão territorial de 163,57 km², densidade demográfica de 46,34 e população de 7.580. Em 2021, o PIB *per capita* era de R\$ 9.765,34 (IBGE, 2022). Além disso, Cubati situa-se na região centro-norte do Estado da Paraíba, limitando-se com as localidades de Pedra Lavrada, Sossego, São Vicente do Seridó, Barra de Santa Rosa e Olivedos.

3.1.3 A cidade de Picuí

As primeiras correntes de povoamento referentes a Picuí remontam os anos de 1704, e a sua elevação a distrito ocorreu apenas em 1871, passando a integrar a cidade de Cuité. Anos de desenvolvimento e expansão concorreram para a fundação oficial enquanto município em 9 de março de 1904. No que se refere à população, o último censo (IBGE, 2022) indica um total de 18.333 pessoas e densidade demográfica de 27,46 habitantes por quilômetro quadrado. Ainda de acordo com o IBGE (2022), a área do município é de 667,714 km², fixando-o na posição 12 entre os 223 entre os municípios do estado. Logo, a figura 7 indica a localização da cidade de Picuí.

Figura 8 - Localização de Picuí na Paraíba



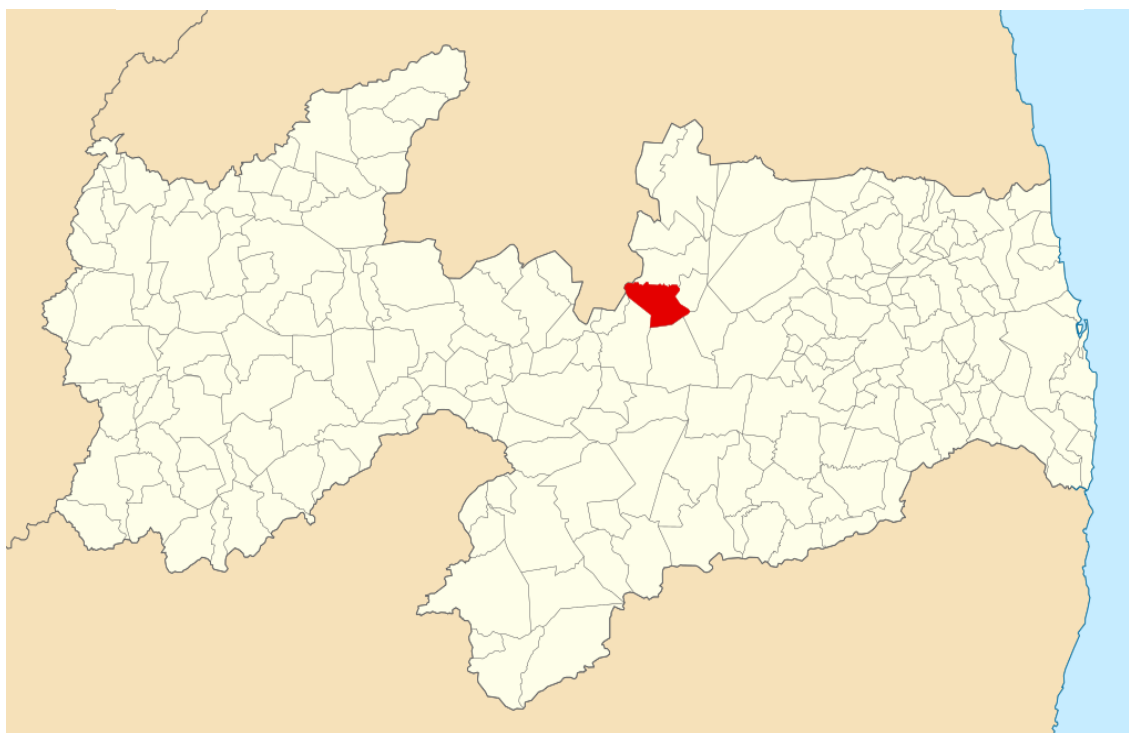
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Picu%C3%AD#/media/Ficheiro:Brasil_Para%C3%ADba_Picu%C3%AD_location_map.svg

Por fim, as localidades limítrofes são: o estado do Rio Grande do Norte, ao norte; Nova Palmeira (PB), Pedra Lavrada (PB) e Baraúna (PB), ao sul; Cuité e Nova Floresta (PB), ao leste; e as cidades de Frei Martinho (PB) e Carnaúba dos Dantas (RN), ao oeste.

3.1.4 A cidade de São Vicente do Seridó

A cidade de São Vicente do Seridó encontra-se a 200 km da capital do estado. As cidades limítrofes são: Cubati-PB (ao nordeste), Juazeirinho-PB (ao sudoeste), Olivedos-PB (ao leste), Pedra Lavrada-PB (ao norte), Soledade-PB (ao sul) e Parelhas-RN (ao noroeste). Nesse sentido, a população desse município é de 10.291 habitantes, com área territorial de 262,751 km² (IBGE, 2022). Logo, podemos visualizar sua localização na figura 8.

Figura 9 - Localização de São Vicente do Seridó na Paraíba



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Vicente_do_Serid%C3%B3#/media/Ficheiro:Brasil_Para%C3%ADba_S%C3%A3o_Vicente_do_Serid%C3%B3_location_map.

A história deste município é peculiar, uma vez que é marcada por duas trajetórias que se fundiram. Primeiro, a criação do povoado de Santo Antônio, que virou distrito de Soledade em 1938. Em 1943, o nome foi alterado para Seridó e, em 1961, tornou-se um município independente de Soledade. Por outro lado, a 9 km do município, desenvolvia-se também o povoado de São Vicente, o qual tornou-se um distrito de Seridó em 1962. Por fim, em 1968, esse distrito passou a ser a sede do município, que, então, chamou-se São Vicente do Seridó. Nesse contexto, notamos a utilização de dois gentílicos para referir-se aos moradores dessa localidade, a saber: são-vicentino e seridoense. Neste estudo, optamos por empregar ambos os termos juntos ao mencionar esse grupo, em vez de escolher um em detrimento do outro.

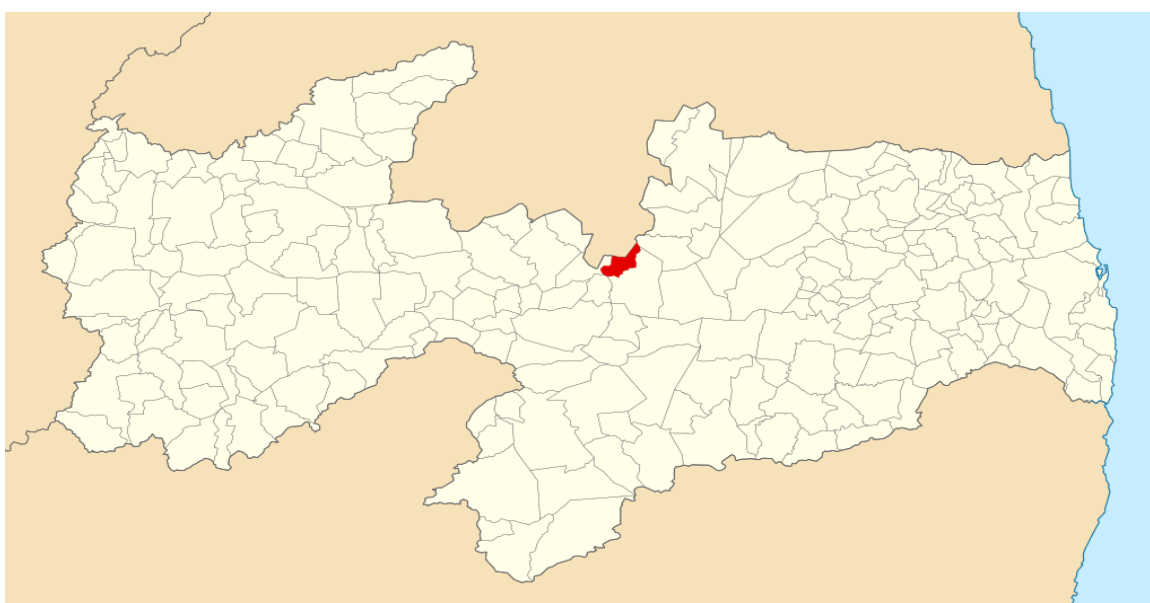
3.1.5 A cidade de Tenório

De acordo com o site da prefeitura municipal⁸, na década de 1930, a região de Tenório ainda possuía vastas áreas de floresta nativa, as quais passaram a ser exploradas a fim de se

⁸ Disponível em: https://tenorio.pb.gov.br/a_cidade/historia. Acesso em 22 de jun. 2024.

realizar plantações de produtos valorizados na época (feijão, milho, mandioca, sisal e algodão, entre outros). Consequentemente, iniciou-se a construção das primeiras casas de alvenaria e, em 1952, celebrou-se a fundação da cidade, contudo, só foi elevada à categoria de município em 1994. A cidade faz divisa com Equador-RN, Juazeirinho-PB, Assunção-PB e Junco do Seridó-PB. Tenório possui, conforme o censo mais recente, área territorial de 87,452 km², 2.966 pessoas e densidade demográfica de 33,92 habitantes por quilômetro quadrado. A seguir, na figura 9, podemos observar sua localização geográfica.

Figura 10 - Localização de Tenório na Paraíba



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ten%C3%B3rio#/media/Ficheiro:Brasil_Para%C3%ADba_Ten%C3%B3rio_location_map.svg

3.2 A natureza da pesquisa

Metodologicamente, orientamo-nos pela pesquisa qualitativa de cunho descritivo. Consoante Sampieri, Callado e Lucio (2013, p. 376):

o enfoque qualitativo é selecionado quando buscamos compreender a perspectiva dos participantes (indivíduos ou grupos pequenos de pessoas que serão pesquisados) sobre os fenômenos que os rodeiam, aprofundar em suas experiências, pontos de vista, opiniões e significados, isto é, a forma como os participantes percebem subjetivamente sua realidade.

Dessa forma, nosso estudo é de base qualitativa, posto que anseia compreender, no geral, como são a visão e as atitudes dos participantes quanto à língua e à variação. Para o

entendimento dessas variadas perspectivas dos indivíduos, foi necessário levar em consideração uma gama de significados e concepções por eles revelados, que uma abordagem puramente quantitativa não conseguiria abarcar. Então, Minayo (2002, p. 21-22) ressalta que a pesquisa qualitativa “trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Em complemento, temos o viés descritivo, o qual procura analisar fatos e/ou fenômenos, fazendo uma descrição detalhada da forma como estes se apresentam, ou, mais precisamente, é uma análise em profundidade da realidade pesquisada (Oliveira, 2007). Nesse sentido, nosso propósito foi não só identificar quais são as atitudes linguísticas dos sujeitos participantes, contudo perscrutar e interpretar esse fenômeno, procurando averiguar se essas atitudes refletem a visão dessa região microlinguística do Seridó Oriental paraibano.

3.3 Os informantes da pesquisa

Desse modo, o *corpus* foi coletado *in loco* em 5 (cinco) localidades pertencentes ao Seridó Oriental, a saber: Baraúna, Cubati, Picuí, São Vicente do Seridó e Tenório. Em cada município, foram entrevistados 4 (quatro) informantes, os quais foram estratificados a partir dos critérios de zona territorial – urbana ou rural – e nível de escolaridade – sem instrução formal até ensino médio ou ensino superior completo –, totalizando 20 (vinte) informantes. Assim sendo, estabelecemos como parâmetro que os informantes deveriam ter nascido nessa microrregião. Além disso, os sujeitos precisam ter residido, especificamente, na área urbana ou rural de um dos cinco municípios há, no mínimo, dez anos, por considerarmos um intervalo de tempo considerável na consolidação de percepções sobre o espaço e a língua, ainda que saibamos que este é um processo complexo e individualizado.

Sabemos que a seleção de participantes é uma atividade complexa para o pesquisador, devido à necessidade de os informantes disporem de tempo e atenderem ao perfil desejado (Tarallo, 2007). Além disso, outro fator deve ser levado em consideração: o contato entre pesquisador e a comunidade. Contudo, esse não foi um obstáculo à pesquisa, já que a pesquisadora reside na região e já trabalhou em algumas dessas localidades, como também conhece alguns habitantes que mediarão o contato com os demais membros do município a ser investigado. Por conseguinte, os participantes se sentiram menos desconfortáveis, proporcionando um contexto mais oportuno para a execução da coleta. Mesmo com esses

aspectos propícios à pesquisa, cabe mencionar que enfrentamos algumas dificuldades, que se revelaram em complicações tanto no momento de estabelecer contato com alguns informantes camponeses quanto no próprio deslocamento até as localidades rurais para o levantamento de dados, dada a distância.

A seguir, o quadro 1 traz uma síntese do perfil desses colaboradores da pesquisa.

Quadro 1 – Perfil dos informantes da pesquisa

INF.	NATURALIDADE	ZONA TERRITORIAL	ESCOLARIDADE	IDADE	PROFISSÃO
INF. 1	Baraúna	Urbana	EM	32 anos	Vendedora
INF. 2	Baraúna	Urbana	ES	42 anos	Professora
INF. 3	Baraúna	Rural	EM	66 anos	Agricultora
INF. 4	Baraúna	Rural	ES	33 anos	Bióloga
INF. 5	Cubati	Urbana	EM	54 anos	Dona de casa
INF. 6	Cubati	Urbana	ES	35 anos	Professora
INF. 7	Cubati	Rural	EM	64 anos	Agricultora
INF. 8	Cubati	Rural	ES	63 anos	Professora
INF. 9	Picuí	Urbana	EM	23 anos	Conselheiro Tutelar
INF. 10	Picuí	Urbana	ES	28 anos	Professora
INF. 11	Picuí	Rural	EM	49 anos	Agricultora
INF. 12	Picuí	Rural	ES	28 anos	Professor
INF. 13	São Vicente do Seridó	Urbana	EM	39 anos	Mecânico
INF. 14	São Vicente do Seridó	Urbana	ES	27 anos	Engenheiro civil
INF. 15	São Vicente do Seridó	Rural	EM	41 anos	Agricultor
INF. 16	São Vicente do Seridó	Rural	ES	25 anos	Professor
INF. 17	Tenório	Urbana	EM	60 anos	Agricultor
INF. 18	Tenório	Urbana	ES	37 anos	Agente de saúde e professor
INF. 19	Tenório	Rural	EM	55 anos	Auxiliar de serviços gerais e agricultor
INF. 20	Tenório	Rural	ES	28 anos	Professor
* INF. = informante **EM = sem instrução formal até Ensino Médio *** ES = Ensino Superior completo					

Fonte: Dados da própria autora (2024)

De modo geral, temos 10 (dez) informantes referentes a zona urbana e 10 (dez) representantes da zona rural. No total, 10 (dez) possuem ensino superior completo e 10 (dez) distribuem-se entre sujeitos não escolarizados até com ensino médio concluído. Uma preocupação da nossa pesquisa era conseguir contemplar também a área rural e comparar com a área urbana, uma vez que, mediante o evidente histórico de preconceito social existente para com a população campesina, supomos que as atitudes linguísticas difiram entre essas comunidades linguísticas. No tocante à atividade ocupacional, verificamos que a categoria do magistério é representativa entre os informantes e, quanto à faixa etária, vai de 23 a 66 anos.

3.4 Instrumento e processo de coleta de dados

Partindo do pressuposto de que a atitude é um estado mental de prontidão, que envolve aspectos psicossociais (Kaufmann, 2011), observa-se que não são diretamente observáveis e só podem ser inferidas a partir das respostas dos indivíduos, como declarações verbais, expressões faciais, comportamento visível, entre outras (Lambert e Lambert, 1996). Mediante a complexidade desse objeto de estudo, na sociolinguística, os métodos de obtenção e de acesso a essas atitudes são uma discussão frequente.

Acerca dos métodos de medição, há os indiretos/implícitos – trabalha-se com associações por parte dos informantes, os quais acham que avaliam as pessoas, mas, na verdade, avaliam as línguas/variedades que escutam – e os diretos/explicitos – tentam averiguar diretamente a atitude do informante para com o objeto em questão e podem levar a respostas mais monitoradas (Kaufmann, 2011). Com relação a quais atitudes medir, Kaufmann (2011) ressalta que é imprescindível distinguir entre àquelas voltadas às línguas e àquelas direcionadas às comunidades linguísticas, pois, muitas vezes, essas atitudes não coincidem.

Sendo assim, como já mencionamos, Lambert e colaboradores desenvolveram uma técnica que foi amplamente utilizada nas pesquisas de atitudes linguísticas, a *Matched Guise Technique*. A técnica envolve fazer o ouvinte-juiz ouvir gravações de uma pessoa bilíngue falando em dois idiomas diferentes, sem que ele saiba que são falsos pares, o ouvinte deve avaliar aspectos da personalidade do orador. Logo, a avaliação tende a ser relacionada não ao falante em si, mas às línguas/variedades que ouvem. Ressaltamos que não mobilizamos essa metodologia na obtenção dos nossos dados, posto que, ante o contexto de nossa pesquisa, o método direto de medição de atitudes mostrou-se mais oportuno.

Portanto, a partir da aprovação⁹ desta investigação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UFPB), bem como mediante leitura, compreensão e assinatura do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (conferir Apêndice A), os informantes participaram de duas etapas. A primeira, foi o preenchimento de uma breve ficha social (verificar Apêndice B), a fim de traçar um perfil detalhado do entrevistado e capturar alguns dados sociais e demográficos que podem ser relevantes à pesquisa, como idade, sexo/gênero, estado civil, nível de escolaridade, origem e histórico de residência, profissão e, por fim, informações contextuais de realização da coleta. A segunda etapa foi a concessão de uma entrevista gravada em formato de áudio em aparelho eletrônico. No que concerne ao roteiro de entrevista, foi construído a partir de perguntas feitas por nós, mas também por perguntas contidas nos questionários das pesquisas de Lima (2013), Possati (2015) e Silva (2016).

À vista disso, a organização do roteiro da entrevista (ver Apêndice B) baseou-se nas metodologias dos estudos labovianos e nas orientações de Tagliamonte (2006). Assim, as perguntas do questionário foram distribuídas em blocos, como podemos verificar no Quadro 2. O primeiro bloco consistiu em questões gerais relacionadas à demografia e à comunidade, bem como a experiências de vida e interesses pessoais dos informantes, com o propósito de despertar um ambiente propício ao diálogo e a respostas mais espontâneas. O segundo e o terceiro blocos buscaram aferir, respectivamente, as atitudes dos falantes em relação à sua própria maneira de falar e as atitudes que outros têm com relação ao seu falar. O quarto e último bloco explora as reações desses falantes frente à comunidade e à diversidade linguística. Então, aplicamos essa segmentação em blocos não como conjuntos categorizados, mas com o intuito de otimizar e direcionar nossa análise, pois compreendemos que uma mesma resposta a determinada pergunta pode suscitar vários aspectos e tocar em mais de um componente da atitude linguística, cognitivo, afetivo e/ou conativo (Corbari, 2013)

⁹ Protocolo: 76086923.6.0000.5188

Quadro 2 – Distribuição do roteiro de entrevista em blocos

<i>Bloco I - Questões relacionadas à demografia e à comunidade</i>	
Questão 1	Você gosta de morar nessa cidade? E na Paraíba?
Questão 2	Como é morar na área urbana ou rural desta cidade? Tem pontos positivos e negativos?
Questão 3	Como você se vê sendo natural desta região do Seridó Oriental? E como nordestino, você se sente bem?
Questão 4	O que você gosta/não gosta da cultura da Paraíba?
Questão 5	Você teve oportunidade de ir à escola? Até que série/ano você chegou?
Questão 6	Você frequentou uma das escolas desse município ou dessa comunidade? Começou a estudar com quantos anos?
Questão 7	Muitas pessoas acham que os anos escolares foram os melhores da sua vida. O que você acha disso? Foi assim com você?
Questão 8	Os sonhos impulsionam as nossas vidas, sonhamos, lutamos e realizamos. Poderia falar um sonho que você possui ou que já possuiu?
Questão 9	Qual a sua profissão? Fale um pouco sobre ela.
<i>Bloco II - Atitudes com relação ao seu próprio falar</i>	
Questão 10	O que você acha da sua forma de falar? Há algo específico de que você gosta/não gosta na sua forma de falar?
Questão 11	Pensando agora no modo como usa o português, você considera que fala e escreve bem? Explique.
Questão 12	Você considera que tem algum sotaque? Se sim, qual?
Questão 13	Você já se sentiu intimidada ou confusa pelo sotaque/falar de alguém?
Questão 14	Você já mudou sua forma de falar para adaptar-se ao seu entorno?
Questão 15	<p>Nesta seção, há algumas afirmativas. Para cada uma, avalie se ela se aplica a você.</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Eu falo com um sotaque típico da região onde nasci. <input type="radio"/> discordo totalmente <input type="radio"/> discordo <input type="radio"/> não concordo, nem discordo <input type="radio"/> concordo <input type="radio"/> concordo totalmente ● Tenho orgulho de ter crescido na PB. <input type="radio"/> discordo totalmente <input type="radio"/> discordo <input type="radio"/> não concordo, nem discordo <input type="radio"/> concordo <input type="radio"/> concordo totalmente

	<ul style="list-style-type: none"> • A maneira como os paraibanos falam é difícil de compreender. <input type="radio"/> discordo totalmente <input type="radio"/> discordo <input type="radio"/> não concordo, nem discordo <input type="radio"/> concordo <input type="radio"/> concordo totalmente
	<ul style="list-style-type: none"> • Sinto pressão para me livrar do meu sotaque de origem. <input type="radio"/> discordo totalmente <input type="radio"/> discordo <input type="radio"/> não concordo, nem discordo <input type="radio"/> concordo <input type="radio"/> concordo totalmente
	<ul style="list-style-type: none"> • Tenho vergonha do meu sotaque de origem. <input type="radio"/> discordo totalmente <input type="radio"/> discordo <input type="radio"/> não concordo, nem discordo <input type="radio"/> concordo <input type="radio"/> concordo totalmente
<i>Bloco III - Atitudes que outros têm com relação ao seu falar</i>	
Questão 16	Você acha que as pessoas são julgadas pela maneira pela qual falam? O que você acha disso?
Questão 17	Em algum momento da vida você sofreu preconceitos em relação ao seu modo de falar? Alguém já criticou, elogiou, riu ou comentou? Se sim, como você se sentiu?
Questão 18	Quando você viaja, as pessoas podem saber de onde você é, simplesmente pela maneira como você fala? Por quê?
<i>Bloco IV - Atitudes em relação ao falar da comunidade ou à diversidade linguística</i>	
Questão 19	Considerando que seu modo de falar é semelhante ao das pessoas com quem convive no lugar onde mora, você tem orgulho do seu jeito de falar? Por quê?
Questão 20	Você acha que o falar paraibano sofre discriminação no âmbito nacional?
Questão 21	As pessoas na sua terra têm um modo de falar que você considera: <input type="radio"/> feio <input type="radio"/> bonito
Questão 22	Você acha alguns dialetos/falares mais bonitos, melhores ou mais fáceis de entender? Quais?

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Portanto, o *corpus* da pesquisa é composto pelos dados coletados nos meses de janeiro a fevereiro de 2024 em cinco cidades da região microlinguística do Seridó Oriental paraibano, foram 4 entrevistas em cada uma das localidades, totalizando 20 (vinte) entrevistas e 6 horas e 31 minutos de gravação. Nesse contexto, foram gravadas em formato de áudio e transcritas de forma ortográfica (sem recorrer a transcrições fonéticas), porém preservando algumas marcas da oralidade. Em relação a isso, optamos por essa abordagem devido ao fato de a pesquisa não se voltar para a análise de um fenômeno fonético-fonológico específico. Ainda assim, estabelecemos algumas notações na transcrição das falas: a) reticências para pausas não sintáticas, quando ocorre uma hesitação ou quando o informante não termina a frase; b) MAIÚSCULAS, para entoação enfática; c) reticências entre colchetes para supressões; d) (inint.) para fragmentos ininteligíveis; e) observações necessárias entre parênteses. Por fim, quanto à transcrição, adotamos o uso de *P.* para as falas da pesquisadora e de *INF.* seguido de

uma numeração (1 a 20) para designar as falas dos informantes.

Desse modo, no tratamento dos dados, procederemos com uma abordagem qualitativa, com a apreciação descritivo-interpretativista dessas respostas em conjunto com excertos das falas/respostas dos informantes no tocante às suas atitudes linguísticas.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS

Haja vista o objetivo central deste estudo, que é *compreender as manifestações de atitudes linguísticas de paraibanos da microrregião do Seridó Oriental* e tendo em conta, especificamente, o propósito de analisar os dados atitudinais desses falantes frente à sua variedade e à de sua comunidade, bem como de contrastar as localidades contempladas no tocante a essas atitudes, este capítulo dedica-se à apresentação dos resultados obtidos e está estruturado em seis seções: (i) *o baraunense frente ao seu falar e ao falar do outro*, (ii) *o cubatiense frente ao seu falar e ao falar do outro*, (iii) *o picuiense frente ao seu falar e ao falar do outro*; (iv) *o são-vicentino e seridoense frente ao seu falar e ao falar do outro*, (v) *o tenorense frente ao seu falar e ao falar do outro*, (vi) *síntese dos traços atitudinais região microlinguística do Seridó Oriental paraibano*. Assim, após transcrição e análise das entrevistas concedidas pelos colaboradores da investigação, estabelecemos alguns eixos que nortearão a discussão das cinco primeiras seções e que permitirão, no decurso da sexta seção, comparar os dados atitudinais proeminentes na região. Estes são os focos temáticos: *atitudes relacionadas ao próprio falar; percepções de preconceito sobre o falar nordestino/paraibano em âmbito nacional e local; avaliação positiva ou negativa do falar da comunidade e/ou do paraibano; atitudes sobre a diversidade linguística*.

4.1 O baraunense frente ao seu falar e ao falar do outro

Linguagem e atitudes estão intimamente relacionadas, de tal forma que a fala cotidiana está imbuída de avaliações e aspectos atitudinais do falante no tocante a si mesmo e aos outros (Meyerhoff, 2006). Desta forma, entendemos que as entrevistas que realizamos, embora não sejam registros totalmente espontâneos devido à situação comunicativa em questão, trazem luz sobre como os baraunenses se enxergam como falantes e como percebem a sua comunidade. Consideremos novamente esses pontos sobre os sujeitos, visto que são pertinentes para a análise descritivo-interpretativista de suas respostas: i) *informante 1*, 32 anos, domiciliada na área urbana, com ensino médio completo, vendedora; ii) *informante 2*, 42 anos, moradora da zona urbana, com formação superior completa, docente; iii) *informante 3*, campesina, 66 anos, sem ensino fundamental completo, agricultora; iv) *informante 4*, reside no campo, 33 anos, com curso superior finalizado, bióloga. Vejamos, a partir de eixos temáticos, a interpretação das informações obtidas a seguir.

❖ Atitudes relacionadas ao próprio falar

Os resultados referentes às respostas dos quatro informantes de Baraúna revelaram uma tendência de atitudes negativas em face do próprio falar, pois, mesmo aqueles que, *a priori*, avaliaram positivamente a sua própria fala, manifestaram, sequencialmente, percepções negativas sobre sua competência linguística quanto ao uso do português. Apresentamos abaixo trechos relacionados a esses aspectos:

P: O que é que você acha da sua forma de falar?

INF. 1: Ah eu acho que cada um estado tem o seu jeito de falar, né? Tem gente que diz que é errado o jeito que a gente fala, mas a gente aprendeu desse jeito, não tem como.

P: Há algo específico que você goste ou que você não goste no seu jeito de falar?

INF. 1: Não, tem não. Eu gosto do meu jeito de falar.

P: Pensando no modo como você usa o português, você considera que fala e que escreve bem?

INF. 1: Falar eu não falo bem não, mas escrever eu escrevo.

P: Por que você acha que não fala bem?

INF. 1: Porque eh... o o o... assim, é o jeito que o paraibano fala, né? Ele fala errado, que ele num fala certo. É por isso que eu tô dizendo isso. Mais ou menos... fala do jeito que dá certo, né?

P.: Agora, as perguntas vão se voltar mais sobre a sua própria forma de falar, certo? O que é que você acha da sua forma de falar?

INF. 2: Mulher, não sei nem o que te falar, porque, assim, eu não percebo, assim. Então, as pessoas que conversam comigo que percebem minha forma de falar, né? Uma palavra que eu.. aquela pessoa que tá conversando comigo não tem o costume, mas eu sou acostumada, então eu acho normal.

P.: Então, há algo específico que você goste ou que você não goste na sua forma de falar?

INF. 2: Não, me acostumei. Eu sou adaptada, às vezes falo palavras talvez errada e nem perceba, porque já é uma forma, um costume, né? Da minha cultura.

P.: Pensando no modo como você usa o português, você considera que fala e que escreve bem?

INF. 2: Pra ser sincera, acredito que não.

A partir disso, percebemos que a *informante 1* afirma ter afeição pelo seu modo de falar, não aponta nenhum traço de que (não) goste. Entretanto, a resposta dada à terceira pergunta contrasta com essa atitude aparentemente positiva, haja vista que destaca não falar bem o português, porque o paraibano “*ele fala errado, que ele num fala certo*”; quando questionada diretamente sobre o uso da língua materna, a falante entra em contradição.

Semelhantemente, a *informante 2* diz estar adaptada ao seu falar e acha normal, porém também associa a noção de erro à questão cultural e revela uma atitude negativa frente ao próprio emprego da língua portuguesa. É interessante notar que as duas colaboradoras têm níveis de escolaridade distintos – ensino médio completo e ensino superior completo, respectivamente –, porém crenças congruentes, inclusive a *informante 2* exerce a profissão de professora.

Nesse sentido, conforme evidencia Fernández (1998, p. 185), “as atitudes linguísticas são formadas por comportamento, por condutas que podem ser positivas, de aceitação, ou negativas, de rechaço”. A seguir, temos um trecho da conversa com a *informante 3*, moradora da zona rural, agricultora, com ensino fundamental incompleto. Já de início, percebemos a prevalência de uma visão e de um sentimento negativo de inferioridade em relação ao próprio falar, pois enfaticamente declara: “*eu acho que eu falo errado também. MUITO, não é pouco não*”.

P.: O que é que você acha sobre sua forma de falar?

INF. 3: Eu não falo muito bem não, visse? (risos).

P.: Há algo específico que você goste ou que você não goste na sua forma de falar?

INF. 3: Eu não sou muito de falar não, sabe? Eu vou logo dizer... [...]

P: Pensando no modo como você usa o português, você considera que fala e escreve bem?

INF. 3: Eh... tem hora que a gente diz palavra errada, sendo certa, mas tá dizendo errado. A gente sabe que tá errada, mas a gente pronuncia ela errada. E tem hora que a gente vai escrever também às vezes a gente erra um pouquinho. Mas é assim, eu falo... eu acho que eu falo errado também. MUITO, não é pouco não.

Por outro lado, respondendo aos mesmos questionamentos, a *informante 4* foi a única que se avaliou positivamente quanto à competência em língua portuguesa, fato que pode estar associado ao nível de escolaridade, até mesmo concluiu pós-graduação em sua área. Logo, esse fator pode ter conduzido a esse olhar favorável frente ao próprio falar, destacando que o ensino corroborou para perder alguns traços regionais. Contudo, ao ser questionada sobre especificidades de sua fala, sustenta que não gosta que seu tom de voz seja muito forte, em razão de transparecer certa arrogância, e associa essa marca aos falantes nordestinos/paraibanos sob um ponto de vista desfavorável. Essa atitude de correlacionar o sotaque paraibano a discursos negativos, como forte, arrastado, alto, é um tanto frequente e perceptível em muitas instituições.

P.: As perguntas são relacionadas mais a sua própria forma de falar. O que é que você acha da sua forma de falar?

INF. 4: Assim... eu tenho muita coisa regional, só que... pela forma de pensar e justamente pelo ensino, pelo ensino mesmo, eu já... eu já... não... eu acredito que eu perdi muito, sabe? Eu perdi muito o regional mesmo [...].

P.: Há algo específico que você goste ou que você não goste na sua forma de falar?

INF. 4: Eu acredito que o tom de voz é muito forte, acredito que em maioria todos os nordestinos têm, principalmente o paraibano, tem o tom de voz muito forte, assim, muito mais, que as pessoas acham que a gente está até brigando (risos) e a gente tá só apenas conversando.

P.: No caso, seria um ponto que você gosta ou que não gosta?

INF. 4: Que eu não gosto, eu não gosto desse ponto assim, que pra mim soa como arrogante, sabe? Aí o entender também das pessoas soa como arrogante.

P.: Pensando no modo como você usa o português, você considera que fala e que escreve bem?

INF. 4: Considera, considero. Português é muito complicado, né? Uma das... uma das disciplinas mais difíceis, né? Mas eu considero que eu escrevo bem e falo bem.

Portanto, a noção tradicional de norma serve para marcar diferenças sociais e, frequentemente, a sociedade a associa com um modelo considerado como correto, formal e bonito, ao passo que as variedades estigmatizadas são associadas com o que é incorreto, informal e feio. Essa associação faz com que os falantes tenham atitudes negativas de insegurança linguística, como visto sobretudo nas *informantes 1, 2 e 3*. Quanto à postura de insegurança, Trudgill (2003, p. 81, tradução nossa) sublinha:

Um conjunto de atitudes linguísticas em que os falantes têm sentimentos negativos em relação à sua variedade nativa, ou a certos aspectos dela, e se sentem inseguros quanto ao seu valor ou “correção”. Essa insegurança pode levá-los a tentar acomodar-se ou adquirir formas de fala de maior prestígio, e pode resultar em hipercorreção por parte dos indivíduos e em hipercorreção de Labov por parte de grupos sociais.¹⁰

Dessa forma, Trudgill salienta que essa insegurança pode levar o falante a tentar acomodar ou adquirir formas de fala de *status* mais alto. Logo, em comparação com as demais moradoras baraunenses, a *informante 4* demonstra uma maior segurança linguística, refletindo em atitudes de resistência quanto a mudar sua forma de falar para agradar aos outros. Vejamos:

P.: Você já mudou sua forma de falar para adaptar-se a alguma situação?

INF. 4: Não. Eu nunca mudei, não. Até as pessoas realmente, esse tom de voz, de ser mais duro falar assim, mais... tipo o ríspido, só que você tá falando normal. Eh até já interpretaram que era, só que eu não mudei, porque as pessoas têm se adaptar a minha cultura também. Como eu tava me adaptando aos outros, têm que se adaptar a minha também. Eu não ia mudar a minha maneira de falar e de comportar, porque eu fui nascida e criada dessa maneira. Então, é muito complicado mudar pra agradar, só pra agradar, né? Porque a pessoa não tá gostando. É complicado!

❖ Percepções de preconceito sobre o falar nordestino/paraibano em âmbito nacional e local

Neste tópico, buscamos explorar como o preconceito linguístico é percebido e enfrentado pelas falantes baraunenses. Partimos do entendimento de que esse comportamento encobre o preconceito motivado bem mais pelas discrepâncias sociais do que linguísticas.

¹⁰ No original: “A set of language attitudes in which speakers have negative feelings about their native variety, or certain aspects of it, and feel insecure about its value or 'correctness'. This insecurity may lead them to attempt to accommodate to or acquire higher status speech forms, and may lead to hypercorrection on the part of individuals and Labov-hypercorrection on the part of social groups” (Trudgill, 2003, p. 81).

Coadunamos com Alves (1979, p. 166), ao frisar que “o preconceito contra o nordestino faz parte de um processo social onde as ‘diferenças linguísticas’ apenas fornecem os dados mais evidentes para a discriminação que lhe é feita”. Sobre isso, quanto à pergunta “*Você acha que o falar paraibano sofre discriminação em âmbito nacional?*”, as quatro informantes responderam de modo veemente que sim. Estendemos a discussão questionando-as diretamente se haviam passado por situações de preconceito linguístico. Logo, com exceção da *informante 3* – que afirmou não ter percebido nenhuma atitude preconceituosa para com o seu falar –, exibimos abaixo algumas experiências relatadas pelas demais colaboradoras.

P: Em algum momento da vida você sofreu preconceito em relação à sua forma de falar?

INF. 1: Já. Algumas vezes a gente tá num... num ambiente e a pessoa diz: vocês fala engraçado. Só que não é engraçado, né? A gente tá vendo que eles tão achando feio o jeito que a gente fala. Mas diz, vocês fala engraçado [...].

P: E como é que você se sentiu na hora?

INF. 1: Ah eu me senti envergonhada, porque, assim, a gente... fala dessa forma, aí não tem como a gente mudar, a gente fica envergonhado, né? Deles achar isso da gente.

P: Eu sei que você já falou, mas poderia relatar um outro episódio que alguém teve uma atitude dessa com você?

INF. 1: Eu, eu tava no Rio de Janeiro, aí eu tava no hospital com minha irmã, aí eu fui falando, falando... a menina ficou olhando assim pra mim, aí eu fiquei pensando: essa menina ficou olhando assim pra mim tanto, por quê? Aí ela chegou perto de mim e disse: mulher, tu fala tão engraçado. Aí eu disse: mas por quê? Ela disse: tu é de onde? Sou da Paraíba. Ela disse logo vi que é da Paraíba, você fala muito engraçado, mulher, o seu jeito de falar... mas é bonitinho o jeito que você fala. Aí eu disse: Sei, uhum... só que eu vi que ela tava me criticando, né? Ah...ela disse o jeito que você fala, o jeito que os baiano fala é engraçado. Mas eu vi que tinha um tonzinho de voz de preconceito.

P.: Em algum momento da vida você já sofreu preconceitos em relação à sua forma de falar?

INF. 2: (pausa) Eu acredito que sim, talvez não tenha nem percebido. Eu tô lembrando agora que eu tinha um... eu tenho um primo que ele mora em Brasília, então, quando ele vem, ele sempre fica: “Ah como é engraçado fulano fala assim, arrastado, não sei como...” Eu não vejo, ele vê que ele tem outro sotaque né? É a questão do respeito, como eu te disse, mas eu não me incomodo não.

Levando em conta esses dados, percebemos que tanto a primeira quanto a segunda participante apontam ter enfrentado momentos em que pessoas de outras regiões do Brasil comentaram sobre o sotaque paraibano e o associaram negativamente a características como “*arrastado*”, “*feio*”, “*bonitinho*”. Contudo, a *informante 1* contrasta com a *informante 2* quanto à maneira como se sentiram frente a essas atitudes de seus interlocutores, a primeira ressentiu-se (“*eu me senti envergonhada*”), ao passo que a segunda mostrou uma indiferença mediante a discriminação ou até mesmo uma normalização do preconceito (“*eu não me incomodo não*”). Esta divergência entre atitudes pode ser motivada por variados fatores: os distintos níveis de escolaridade entre as duas participantes (INF.1: ensino médio completo; INF. 2: ensino superior completo); a diferença entre faixa-etárias e maturidade (INF.1: 32 anos; INF. 2: 42 anos).

Acreditamos ser válido e oportuno a este respeito apresentar a fala da *informante 4*, que relata vivências de quando fez mestrado na Universidade Federal do Ceará, dentro das fronteiras do Nordeste, e de quando trabalhou em outras regiões brasileiras.

P.: Em algum momento da vida você sofreu preconceitos em relação à sua forma de falar?

INF. 4: Sim. Sofri.

P.: Alguém já criticou, elogiou, riu, comentou?

INF. 4: Já, já, até aqui no nordeste mesmo. Quando eu estudava na UFC, as pessoas tinha a mania de imitar o meu sotaque. Uma coisa que eu mais preservo, que eu mais odeio que alguém imite o meu sotaque. Isso aqui é o meu sotaque, eu... não tem como mudar. E eu deixei bem claro que eu não gostava de ser imitada, por essa questão. E onde eu trabalhei, também, fora do Nordeste, as pessoas também falavam assim: “você fala...” tinha um rapaz chamado Diego. E eu sempre chamei “[d]iego” e ele chamava “[dʒ]iego” e não existe “[dʒ]iego”, existia “[d]iego”. Isso incomodava eu eu falar “[d]iego”, entendeu? Ele não entendia que eu falava “[d]iego, como se botasse um um acento no I. Isso pra eles era assim motivo de “ah você tá falando errado”. E tem outras coisinhas assim que eles também levava como se tivesse errado.

Um aspecto intrigante é que, ainda que em trechos posteriores esta informante tenha se mostrado com um nível maior de consciência linguística (no tópico “*Atitudes sobre a diversidade linguística*”, desta mesma seção), neste excerto, apresenta uma atitude de intolerância: “não existe ‘[dʒ]iego’, existia ‘[d]iego’”. De acordo com ela, a pronúncia válida é apenas a sua, essa atitude pode ter sido motivada por sempre sofrer discriminação especificamente quanto à não palatalização, como um efeito reverse. Conforme observado, a informante enfrenta um maior desconforto e resistência mediante o preconceito linguístico. Ao trazer o relato sobre o ambiente de trabalho, aponta uma característica estereotipada do falar nordestino, a realização não palatal de [d] diante de [i].

De acordo com Bagno (2017), boa parte das variedades brasileiras, como carioca, paulista e mineira, que desfrutam de um grau mais alto de prestígio, realizam essa palatalização, enquanto a pronúncia não palatalizada é frequente em algumas variedades nordestinas, como a paraibana. Logo, conforme a participante, esse fenômeno fonológico incomodava seus companheiros de profissão e era tido como errado. Assim, parece convergir com a pesquisa de Lima (2019), a qual observou situações em que o preconceito de cunho linguístico camuflou o social.

Por ter sido o Nordeste, durante muito tempo, uma região pobre, assolada pelas secas – que provocaram ondas sucessivas de migração rumo às capitais do Sudeste e, depois de inaugurada, a Brasília –, dominada por uma política arcaica controlada por grandes latifundiários (“coronéis”) e considerada “atrasada” pelos moradores das áreas mais ricas e desenvolvidas do Brasil, seus habitantes e, por conseguinte, suas maneiras de falar sempre foram alvo de intenso e arraigado preconceito linguístico (Bagno, 2017, p. 306).

Destarte, o preconceito contra o nordestino interliga-se a um longo percurso histórico, em que a linguagem se instaura como instrumento de poder. Mas, outro ponto revela-se intrigante nesse trecho da conversa com a *informante 4*, uma atitude negativa de rechaço que os próprios nordestinos têm em face do falar paraibano: “*Já, já, até aqui no nordeste mesmo. Quando eu estudava na UFC, as pessoas tinha a mania de imitar o meu sotaque*”. Verificamos que a participante apresenta uma postura de resistência ao buscar preservar seu sotaque e ao deixar explícito que não gostava da atitude dos colegas cearenses.

Esse trecho parece reforçar os achados do estudo de Lima (2019) ao tratar sobre percepções de preconceito linguístico pelos falantes da mesorregião da Mata Paraibana: Até que ponto o preconceito linguístico sofrido pelos nordestinos é construído fora das fronteiras do Nordeste?

Em primeiro lugar, segundo os informantes, seus interlocutores reconheciam a procedência nordestina em razão do sotaque ou ao uso de termos dialetais. Também chamou-nos a atenção o fato de um participante relatar que outros nordestinos, principalmente os cearenses, terem rechaçado sua forma de falar. Nesse sentido, surge o questionamento, até que ponto o preconceito linguístico sofrido pelos nordestinos é construído fora das fronteiras do Nordeste? [...] Logo, percebemos que o julgamento ocorre de fora para dentro, ou seja, o julgamento dos falantes de prestígio incide sobre os de nossa comunidade, gerando subgrupos que lutam pela ascendência (ou maior proeminência) (Lima, 2019, p. 145).

❖ Avaliação positiva ou negativa do falar da comunidade e/ou do paraibano

Neste ponto, procuramos analisar as respostas correspondentes a questões sobre o sotaque paraibano e o falar da comunidade, a exemplo de: *Você considera que tem algum sotaque? Considerando que seu modo de falar é semelhante ao das pessoas com quem você convive, no lugar onde você mora, você tem orgulho do seu jeito de falar? As pessoas na sua terra têm um modo de falar que você considera feio ou bonito?*

No tocante ao primeiro questionamento, todas as informantes baraunenses admitem possuir sotaque, ora apontam o nordestino ora o paraibano. No entanto, é pertinente sublinhar este trecho da entrevista com a *informante 3*. Inicialmente, ela não considera que tem sotaque e, mesmo quando se reconhece no falar nordestino, manifesta uma avaliação entremeada de conotação desfavorável.

P.: Você considera que tem algum sotaque?

INF. 3: Não, não tenho sotaque. Eu nasci com esse, com esse eu vou morrer (risos).

P.: Esse que a senhora diz, por exemplo, é o paraibano, o nordestino ou considera que não tem nenhum?

INF. 3: O sotaque é o nordestino, que eu falo errado mesmo.

Vale destacar que essa mesma informante que vincula o sotaque a algo negativo também afirma ter orgulho do fato de seu modo de falar ser similar ao das pessoas de sua comunidade – resposta ao segundo questionamento –, exibindo, então, uma atitude paradoxal. Em relação às demais colaboradoras, todas sustentam uma visão positiva frente ao falar da comunidade em que convivem. Vejamos alguns excertos relacionados a essa pergunta:

INF. 2: Sim. [...] Porque é... somos acostumado, então um fala com o outro e é normal, as palavra, o jeito de falar. Acho que isso.

P.: Você já se sentiu intimidada ou confusa pelo sotaque de outra pessoa, de alguém?

INF. 2: Não. Eu gosto de ser autêntica. Então assim, eu não vou mudar a minha... o meu modo de falar, o meu sotaque porque vem um um carioca pra cá, veio um pernambucano que chia muito. Eu gosto do meu sotaque. Admiro a das outras pessoas de outras culturas, mas eu admiro também a minha.

INF. 4: Eu tenho orgulho, assim, porque... porque é algo cultural, eu nunca neguei essa raiz nordestina, essa raiz paraibana. Então, por mais que eu considere errado sem ser errado, mas é cultural e eu sei que eu não tô nem aí pra opinião dos outros, é meu sotaque.

INF. 1: Com certeza, eu tenho orgulho, porque eu nasci aqui, tenho orgulho da Paraíba e eu vou falar assim pro resto da vida, né? Que é onde eu nasci.

Em geral, há uma atitude positiva por parte das entrevistadas diante da sua variedade, por ser reflexo de suas raízes nordestinas/paraibanas e de sua cultura. Até mesmo a *informante 4* manifesta maior resistência frente a outros interlocutores (“*eu não tô nem aí pra opinião dos outros, é meu sotaque*”), o que pode ser reflexo da sua segurança linguística já discutida em tópicos anteriores. Nesse sentido, o orgulho e a identidade regional expressados nas falas das entrevistadas aparentemente reforçam os dados de Alves (1979, p. 121), em que os participantes pernambucanos encaram a forma como falam como parte de sua própria personalidade: “Realmente, o modo de falar funciona como uma das marcas identificadoras do indivíduo enquanto pessoa pertencente a um determinado grupo social”.

Ademais, como prevemos, a maior parte das informantes baraunenses expressam primeiro uma postura positiva quanto à sua variedade, por espelhar suas origens nordestinas e, em contrapartida, destacam muito mais aspectos negativos sobre sua própria competência linguística. No entanto, uma atitude paradoxal inesperada foi a contradição dentro do mesmo aspecto, o falar paraibano, que é percebido de formas distintas pela mesma informante. Isso pode ser ilustrado ao compararmos dois trechos das falas da *informante 1*: retomamos um já mencionado anteriormente e outro que será apresentado a seguir.

P: Considerando que seu modo de falar é semelhante ao das pessoas com quem você convive no lugar onde você mora, aqui na sua cidade, você tem orgulho do seu jeito de falar? Por quê?

INF. 1: Com certeza, eu tenho orgulho, porque eu nasci aqui, tenho orgulho da Paraíba e eu vou falar assim pro resto da vida, né? Que é onde eu nasci.

P: Pensando no modo como você usa o português. Você considera que fala e que escreve bem?

INF. 1: Falar eu não falo bem não, mas escrever eu escrevo.

P: Por que você acha que não fala bem?

INF. 1: Porque eh... o o o... assim, é o jeito que o paraibano fala, né? Ele fala errado, que ele num fala certo. É por isso que eu tô dizendo isso. Mais ou menos... fala do jeito que dá certo, né?

Logo, não era esperado que a *informante 1* justificasse a tese de que não fala bem através do argumento de que os paraibanos falam errado, uma vez que destacou antes um aspecto favorável quanto à variedade de sua comunidade, sobretudo o orgulho regional.

Outrossim, em nossa pesquisa, conjecturamos que o falar do interior seria um traço avaliado negativamente por esses falantes do Seridó Oriental paraibano, assim como foi revelado na investigação de Lima (2019). Logo, asseveramos essa hipótese por meio do excerto abaixo, em que a *informante 4* correlaciona o modo de expressar do “*interiorzão*” a um sotaque “*bem forte mesmo*”.

P.: Quando você viaja, as pessoas podem saber de onde você é simplesmente pela maneira como você fala?

INF. 4: Sim, porque é muito forte. Como eu não... não tenho nenhum xis, assim é muito raro sair um xis entre as palavras, é muito forte. Tipo, ao ao abrir a boca, diz: ei você, me tire uma informação. Já vê claramente que é pessoa nordestina e que é realmente do interiorzão, porque tem um sotaque bem forte mesmo. Toda... todas as pessoas que eu passei, assim, nas regiões que eu passei, me falaram isso. Não tem como num negar que você não é nem parecido com o daqui, porque o sotaque é totalmente diferente.

No tocante à pergunta “As pessoas na sua terra têm um modo de falar que você considera feio ou bonito?”, três das participantes baraunenses escolheram a opção favorável, enquanto a informante 3 afirmou que todo mundo fala igual e que “tem deles que não é muito bonito, mas dá pra entender”.

❖ Atitudes sobre a diversidade linguística

A avaliação de uma variedade perpassa noções de prestígio que envolvem embates históricos e socioculturais. Quanto a isso, concordamos com as palavras de Fernández (2012, p. 217, tradução nossa): “A percepção de uma variedade como central ou periférica está relacionada com o seu prestígio cultural, político e econômico, bem como com a sua história, o

que leva à existência de variedades de maior prestígio e de variedades de menor prestígio”¹¹.

Exploramos, neste tópico, fragmentos das entrevistas relacionados ao questionamento: “*Você acha alguns falares mais bonitos, melhores ou mais fáceis de entender?*” Vejamos, a seguir, que as informantes vinculam o falar paraibano à facilidade de compreensão, contudo o traço da beleza é conectado ao carioca e ao mineiro. Inclusive, com a primeira colaboradora, temos o destaque do chiado do sotaque carioca como marca de prestígio.

INF. 1: O paraibano é mais fácil, eu acho, de se entender.

P: Tem algum que você acha bonito?

INF. 1: Ah eu acho bonito o jeito que os carioca fala.

P: Tem alguma explicação?

INF. 1: Não sei, porque os carioca eles só falam chiando, né? Aí é bonito o jeito que eles fala. Eh... a gente fala “bom [d]ia”. Os carioca não fala “bom [d]ia”, é “bom [dʒ]ia”, né? Fala com esse xis no meio, não sei... Eu acho bonito por isso eles falando, mas é assim mesmo.

INF. 2: O meu, que eu tenho, é mais fácil, né, pra mim. Bonito eu sei que a maioria da... da... da... do Brasil não concorda, mas que eu acho bonito. É o costume, né? A cultura que eu tenho, pronto.

P.: Não tem outros de outras regiões, outros lugares que você considera que seja bonito, melhor?

INF. 2: Tem, tem. Eu acho o mineiro, mineirinho, que fala assim... não sei como, acho bonito, mas eu gosto do meu.

Observamos, portanto, a mobilização dos componentes afetivo (“*eu acho bonito por isso eles falando*”/ “*acho bonito, mas eu gosto do meu*”) e cognitivo (“*o paraibano é mais fácil*” / “*o meu, que eu tenho, é mais fácil*”). E essa percepção do que se sabe e do que se sente em relação a determinadas variedades linguísticas influencia a predisposição para agir de maneira favorável. Assim, as atitudes linguísticas estão intrinsecamente vinculadas à manutenção do *status* e do prestígio linguístico, como evidencia Bagno (2017, p. 22):

Os estudos empreendidos sobre situações muito diversas em todo o mundo mostraram: em qualquer contexto social, há dois fatores que determinam a condição das variedades linguísticas (línguas, dialetos ou sotaques) empregadas, os valores do *status* e da solidariedade. Uma fonte de informação importante sobre o *status* e a estima das variedades linguísticas se acha em seu tratamento público: de fato, a saúde de uma língua, dialeto, sotaque ou mesmo de uma forma linguística (fonológica, gramatical ou semântica) depende, em grande medida, das atitudes favoráveis ou desfavoráveis que elas produzem em seu contexto social.

INF. 3: É, ter tem... [...] Por exemplo, eh esse pessoal de Brasília são um povo de uma fala bonita, eu acho bonita, eles têm aquele jeito de falar, eu acho bonito. Já o Rio de Janeiro é um lugar que o povo fala fei demais. Eu mesmo tenho um neto que mora lá, que ele nem fala (exemplifica esse modo). Vixe Maria (risos). Quem é daqui, do Nordeste, que vai pra outro lugar aprender falar que nem lá, fica um

¹¹ No original: “La percepción de una variedad como central o periférica está relacionada con su prestigio cultural, político y económico, así como con su historia, lo que lleva a la existencia de variedades más prestigiosas y de variedades menos prestigiosas” (Fernández, 2012, p. 217).

pouco difícil e diferente. Quem nasce lá, não. Mas quem vai daqui pra lá, eu num concordo não. Acho bonito não. Num vou dizer que acho, que não acho.

INF. 4: Nenhum. Olhe, gaúcho fala muito o “tchê”, aí você até para... gesticula muito com a mão. Eu sofro também com essa questão de não entender o que que a pessoa queria falar, o gaúcho. O mineiro come muitas palavras, eu quase não entendia. É muito comido as palavras. E a região do Mato Grosso, que é a região do Norte, puxa muito o erre, muito erre, muito erre mesmo. Você fica questionando, né? Mas por que tanto erre tão forte nessa palavra, né? E são questões assim.

Em contraste, temos as reações das demais participantes. A *informante 3*, por exemplo, atribui os adjetivos “*feio*” para o falar carioca e “*bonito*” para o falar de Brasília. Diante disso, essa atitude favorável da participante diante da variedade brasiliense provavelmente ocorre em virtude da influência marcante dos migrantes nordestinos na formação cultural e linguística de Brasília, levando a *informante 3* a reconhecer-se nesse falar. Enquanto isso, a *informante 4* acredita que nenhum falar é melhor, mais bonito ou mais fácil de entender. Ela justifica descrevendo traços específicos de algumas variedades que, de acordo com sua perspectiva, dificultam a compreensão. Vale salientar que essa informante parece sempre divergir, em certo modo, das demais participantes, possivelmente devido ao seu avanço no nível de escolaridade e/ou por suas interações comunicativas e vivências culturais em algumas regiões geográficas brasileiras, tendo em vista os relatos de suas viagens a fim de trabalhar e de estudar. Estes fatores parecem corroborar para o desenvolvimento de sua consciência sociolinguística.

4.2 O cubatiense frente ao seu falar e ao falar do outro

Nesta subseção, trataremos sobre o *corpus* da comunidade de fala de Cubati. Quanto aos aspectos comuns e particulares das falantes cubatienses, recordemos: i) *informante 5*, 54 anos, moradora da área urbana, tem ensino fundamental incompleto e é dona de casa; ii) *informante 6*, 35 anos, reside na zona urbana, concluiu o ensino superior e é docente; iii) *informante 7*, 64 anos, vive na zona rural desde o nascimento, tem ensino fundamental incompleto e é agricultora; iv) *informante 8*, 63 anos, campesina, possui ensino superior e é professora aposentada. Conseguimos identificar aspectos sobre o objeto de estudo que se revelaram de forma semelhante na totalidade de informantes, como também algumas respostas distintas e peculiaridades da trajetória de cada sujeito, cenário já aguardado, uma vez que as atitudes linguísticas são um fenômeno complexo.

❖ Atitudes relacionadas ao próprio falar

A *informante 5* é dona de casa, mora na zona urbana da cidade, estudou até a oitava série. No geral, ela afirma que se sente bem por ser natural do Seridó Oriental paraibano e por ser nordestina. Verificamos uma conduta marcada pela segurança linguística em suas respostas.

P.: O que você acha da sua forma de falar?

INF. 5: Eu... não eu, assim, eu... eu gosto muito de ler, entendeu? E eu gosto de... eu sei que eu sei falar certo, mas eu gosto de falar o coloquial, entendeu? Eu gosto de falar, de vez em quando, eu gosto de falar errado mesmo. Eu sei falar as palavra certa, se eu tiver conversando com uma pessoa que sabe conversar, eu gosto de falar, de conversar com gente inteligente e eu também gosto de falar certo, mas eu também gosto de falar o jeito que o meu povo fala.

P.: Tem algo específico que você goste ou que não goste na sua fala?

INF. 5: Não, eu gosto de... não, eu gosto de falar do jeito que eu gosto e pronto. Não tem um jeito de dizer assim: ah eu não gosto disso.

P.: Pensando no modo como você usa o português, você considera que fala e escreve bem?

INF. 5: Falo e escrevo bem, muito difícil eu errar. Muito difícil eu ter uma dúvida de como escrever e até porque, quando eu vejo essas escrita de hoje com uma pessoa que tá lá no grau de estudo lá mais do que eu tive e escrevendo errado, eu fico possessa.

Com fundamento nisso, notamos que ela gosta da sua forma de falar – de início, apresenta o hábito da leitura para justificar sua competência linguística – e ressalta que fala e escreve bem o português. Ademais, uma postura que salta aos olhos é as várias menções às noções de “*certo*” e “*errado*” em seu discurso, chega a ficar “*possessa*” quando se depara com pessoas com nível de instrução elevado cometendo inadequações na escrita. Enfim, tomando analiticamente a resposta a primeira pergunta, em que a informante demonstra confiança e estima pelo falar coloquial, percebemos que diz: “*eu também gosto de falar certo, mas eu também gosto de falar o jeito que o meu povo fala*”. Logo, nos questionamos se, implicitamente, ela acredita que seu povo fala errado em comparação a um modelo idealizado e prestigiado socialmente.

De modo similar, a *informante 6*, moradora da zona urbana, com ensino superior completo (professora) responde favoravelmente os quesitos relacionados ao modo como usa a língua:

P.: E o que você acha da sua forma de falar?

INF. 6: Eu acho bacana. Eu gosto da minha forma de falar. Eu acho bonito também a minha forma de falar, embora às vezes no audíozinho fique um pouco engraçado, porque o meu sotaque é muito arrastado, muito forte.

P.: Há algo específico que você goste ou que você não goste na sua forma de falar?

INF. 6: Não. Não consigo pensar em algo que... é mais fácil quando alguém te escuta falar e diz “ah, acho tão bonito” [...].

P.: Pensando no modo como usa o português, você considera que fala e escreve bem?

INF. 6: Sim.

Portanto, a participante avalia-se positivamente, vale-se de adjetivos como “bacana” e “bonita” e declara que fala e escreve bem. Assim, ela demonstra certo grau de segurança linguística, que se trata de “quando, por razões sociais variadas, os falantes não se sentem questionados em seu modo de falar, quando consideram *sua* norma *a* norma” (Calvet, 2002, p. 72, grifos do autor). É intrigante notar que a informante acima caracteriza o seu sotaque paraibano (“*tenho sotaque fortíssimo, o paraibano*” – INF. 6, trecho posterior da entrevista) como “*engraçado*”, “*arrastado*” e “*forte*”, porém esses traços não impedem de considerar sua fala como bonita, aspecto evidenciado pelo uso da conjunção concessiva “*embora*”.

Enxergamos a correlação desses adjetivos ao sotaque paraibano/nordestino no decorrer de muitas de nossas entrevistas. Nesse contexto, a *informante 7*, residente da zona rural, agricultora, com ensino fundamental incompleto, logo coteja seu modo de falar ao nordestino, manifestando atitudes desfavoráveis. Vejamos:

P.: Pensando agora sobre sua própria fala, o modo como você usa sua própria língua, o que você acha da sua forma de falar?

INF. 7: Acho engraçado a fala do... do dos nordestino (risos).

Em seguida, ela sublinha que tanto na escrita quanto na fala não usa bem sua língua materna, pois “*não entendo muito bem o português, não*”, bem como faz menção ao fato de ser tímida quando questionada se tinha algo que gostasse ou não em seu falar. Nos indagamos se a construção dessa autoimagem negativa não está associada a discursos pejorativos que, por ventura, deparou-se ao longo da vida, tanto acerca de seu uso linguístico específico quanto à própria variedade nordestina. Quantos estereótipos são sustentados e veiculados *por* e *entre* a mídia, as escolas e tantas outras instituições? Quantas vozes são silenciadas diariamente por intermédio dos discursos simbólicos? Como frisa Cyranka (2011), ao olharmos para as atitudes do falante, notamos que a internalização e a adoção de estereótipos pelos grupos dominados incidem na percepção da autoimagem.

P.: Há algo específico que você goste ou que você não goste na sua forma de falar?

INF. 7: É que eu sou muito tímida (risos), não gosto muito de falar, não.

P.: Pensando no modo como você usa o português, você considera que fala e escreve bem?

INF. 7: Não.

P.: Por que?

INF. 7: Não entendo muito bem o português, não.

P.: Mas por que você diz que não entende muito bem?

INF. 7: Porque às vez eu escrevo... eu não sei onde é que é pra botar ponto nem vírgula.

P.: E falando, você acha que fala bem?

INF. 7: Não, porque não tenho muita expressão pra falar, não.

Consoante Calvet (2002, p. 72), “há insegurança lingüística quando os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizador e têm em mente outro modelo, mais prestigioso, mas que não praticam”. A atitude de insegurança lingüística foi recorrente também nos comentários da *informante 8*, campesina, com ensino superior completo e professora. Examinemos:

P.: Como você se avalia? O que você acha do seu jeito de falar?

INF. 8: O meu jeito de falar? É, eu... eu acho que... que eu poderia ser melhor, né? Porque, hoje em dia, todas as pessoas que começam a trabalhar já vem todo mundo formado, já terminou seus curso superior e tem uma forma de falar melhor.

P.: Há algo específico que você goste ou que você não goste no seu jeito de falar?

INF. 8: Eu me acho, assim, uma pessoa tímida. Eu gostaria de ser uma pessoa, assim, mais bem... quero dizer assim, que não fosse tão tímida. Eu me acho... me acho tímida, que poderia ter mais uma experiência, como quem... hoje, as pessoas adquiriram a experiência e falam muito bem corretamente, né? E eu acho que eu num... num... eu poderia ter chegado a esse nível, mas não cheguei.

P.: Pensando no modo como você usa o português, você considera que fala e que escreve bem?

INF. 8: Não, eu acho que eu poderia escrever melhor. Se... e também falar bem melhor também, não acho, não... acho que eu poderia ter estudado mais, se eu tivesse estudado mais, eu falaria melhor.

Neste trecho da conversa, verificamos que, mesmo possuindo um nível de escolaridade elevado, a falante não considera que fala e escreve bem. Vejamos que ela se compara com outros falantes e tem sempre em mente um outro modelo prestigioso, melhor e mais correto, o qual não possui, conforme sua visão (Calvet, 2002).

Mediante o exposto, depreendemos que as duas primeiras informantes cubatienses manifestam atitudes mais positivas do que as duas últimas em face do próprio falar, o que nos leva a pensar sobre as facetas que estão ligadas a essas atitudes, quais crenças e concepções estão afetando a dimensão afetiva e, possivelmente, induzindo a esses comportamentos lingüísticos distintos (Fernandéz, 2012).

Inicialmente, pensamos no quesito escolaridade como marcador dessa diferença. Porém, provavelmente essa conjectura não se sustenta nessa realidade, porque temos a *informante 5*, a qual possui ensino fundamental incompleto, mostrando atitudes positivas quanto ao seu falar e, em contrapartida, a *informante 8* que, embora tenha cursado ensino superior completo, expõe atitudes negativas. Assim, os resultados podem estar relacionados ao critério de zona territorial, uma vez que as duas participantes residentes na parte urbana da cidade exteriorizam atitudes mais favoráveis acerca de sua própria variedade do que as duas últimas, que moram na zona rural. Levantamos essa hipótese, mas temos consciência da complexidade inerente às atitudes

e que muitos outros critérios podem estar incidindo sobre elas. Ressaltamos, então, que a atitude “deve ser encarada muito mais como um processo, dotado de certas etapas, e não simplesmente como um resultado” (Lucena, 2017, p. 65).

- ❖ Percepções de preconceito sobre o falar nordestino/paraibano em âmbito nacional e local

Quanto ao eixo temático das percepções de preconceito, os dados mostraram que quase a totalidade de informantes cubatienses enfrentaram particularmente situações de preconceito linguístico, e, mesmo a única participante que diz não ter passado por isso, identifica ações discriminatórias para com o nordestino em âmbito nacional, como mostra o excerto abaixo:

P.: Você acha que o falar paraibano sofre discriminação em âmbito nacional?

INF. 8: Eu acredito que sim, porque a gente vê que a gente mesmo... os próprio nordestino são discriminado lá fora. A gente sabe disso muito bem que são discriminados em outros... outras regiões. Uma coisa que você deu pra você perceber bem, esse tal de Big Brother, você vê o tanto que as pessoas lá, todo canto tem gente lá, eu não gosto muito de assistir, mas, nos que eu assisti, eu vi o tanto de discriminação que foi... que teve com os nordestino.

Notamos que, de fato, esses comportamentos “são, ao mesmo tempo, linguísticos e sociais, pois, há por trás deles relações de força, que se exprimem mediante asserções sobre a língua, mas que se referem aos falantes dessa língua” (Calvet, 2002 p.77). A seguir, temos mais alguns depoimentos de teor semelhante.

P.: Você acha que o falar paraibano sofre de discriminação em âmbito nacional?

INF. 5: Sim, eu acho. É tanto que lá fora, quando uma pessoa trabalha numa empresa grande, pelo sotaque eles bota logo o apelido de “Paraíba” [...].

P.: Em algum momento da vida você sofreu preconceitos em relação à sua forma de falar? Alguém já criticou, elogiou, riu ou comentou?

INF. 5: (pausa longa) Não que eu me lembre.

P.: Você relatou há pouco tempo da sua ida para São Paulo...

INF. 5: Sim, é... que eu falava. Ficaram é... tipo, surpresa de não ser do jeito que eles imaginavam, tá entendendo? Pelo meu modo de vestir, essas coisa, porque imaginava que fosse totalmente diferente, porque eles acham que os paraibanos, [...] olhou, assim, diferente porque achava que a gente não sabia se vestir, que todo mundo gostava de usar chapéu de palha, chapéu de couro ou vestir uma roupa muito colorida, tipo chita, tás entendendo?

P.: Como é que você se sentiu, por exemplo, não em relação à fala, que você disse que não sofreu nenhum preconceito, em relação a isso, esse episódio da sua vestimenta?

INF. 5: [...] eu me senti mal, porque, assim, eu disse: “Você não conhece nem o Nordeste, como é que você diz que você... você não conhece o Nordeste, aí como é que você diz uma coisa dessa? Que você acha que todo mundo... todo mundo passa fome”. A maioria lá fora acha que nordestino é esmoler,

como é que eles chama? Retirante, que as pessoas não têm muita coisa, não têm pra onde ir, que têm que pedir, vive de doação, essas coisa. E, na verdade, o que mostra mais ou menos a televisão assim nessas época de seca, a mídia mostra o Nordeste muito sofrido e a gente não só tem isso no Nordeste, a gente tem muita coisa bonita pra mostrar do Nordeste. Até porque pessoa mais inteligente, minha cara, é no Nordeste que se tem, né?

A partir disso, destacam-se alguns pontos relevantes no discurso dessa informante:

a) a atribuição ao apelido de “*Paraíba*” não com uma conotação positiva que respeite às origens do falante, mas com tom pejorativo; b) a perpetuação de estereótipos por parte de outras regiões acerca da figura do nordestino e c) o papel da mídia na propagação desses rótulos. Quanto ao segundo, entendemos que a visão dos nordestinos como pessoas pobres e desprovidas de cultura se fundamenta na concepção historicamente enraizada de que o Nordeste é uma região brasileira com pouco desenvolvimento.

Portanto, dependendo da região geográfica e de seus respectivos cenários socioeconômicos, as falas referentes a essas localidades podem ser avaliadas positivamente ou negativamente. “Isso explica a forte carga de desprestígio que pesa sobre as variedades nordestinas, identificadas como uma região tida como ‘atrasada’ politicamente e ‘subdesenvolvida’ economicamente” (Bagno, 2017, p. 446). Similarmente à outra entrevistada, a *informante 6* compartilha algumas experiências da percepção depreciativa e estereotipada no tocante ao povo paraibano.

P.: Você acha que falar paraibano sofre discriminação em âmbito nacional?

INF. 6: MUITO. É essa história que eu tô dizendo, de você falar e a pessoa já estereotipar: “ah é da Paraíba, então, é um povo que não tem muito estudo”. Sem antes saber quem você é, de fato, mas já, se é da Paraíba, é porque tem ainda aquele... não é tão desenvolvido, falta as coisas lá. Então, ele não tem essa dimensão de quão rico é o território paraibano, as pessoas que vivem, não falando de questões de dinheiro, de... embora tenha muita gente, mas falando culturalmente.

Quando indagada sobre se acredita que as pessoas são julgadas pela forma como falam, ela descreve um episódio de quando iniciou seu curso de licenciatura em Letras - Espanhol, em que enfrentou julgamento associado às suas origens: “*eu acho que eu nunca tinha tido nenhuma conversa com essa pessoa, mas como eu, cubatiense, paraibana, já disse assim: ‘Sabe nem falar português direito, como é que vai falar espanhol?’*”. Ao responder ao questionamento posterior, ela retoma essa situação, indicando que foi algo marcante para ela:

P.: [...] Você já sofreu algum preconceito em relação a sua forma de falar?

INF. 6: Não, assim, agora o que eu lembro mesmo é essa questão aí [...]. Aqui era algo novo, aprender espanhol pra ensinar espanhol. E aí ele já fazer esse pré-julgamento, eu acho que foi esse preconceito

comigo, por conta disso, alguma coisa assim... Achar que alguém paraibano não iria aprender direito o novo idioma, aí eu senti nessa ocasião, mas eu não lembro bem agora. Às vezes, colegas, a gente conversando e ri de uma forma mais arrastada que você fala, porque em cada local, mesmo Campina Grande sendo vizinha da gente praticamente, mas sempre vai ter aquele que acha que fala melhor do que alguém do interior, não fala também, se fala mais arrastado, é tanto que me chamavam com o nome da cidade, me chamavam de Cubati. Achava engraçado porque eu falava mais arrastado. Então, é mais ou menos isso, que às vezes eu ficava meio constrangida porque esse povo que é de Campina tá achando estranho meu falar de Cubati, porque eu falo mais arrastado, como se... eles não se escutam não? Porque eles falam tão arrastado quanto eu, mas eu acho que é, assim, porque só... porque eu sou do interior e eles de uma cidade maior, mais desenvolvida.

A explanação da *informante 6*, que relata que suas próprias colegas campinenses faziam chacota, parece corroborar a ideia apresentada por Lima (2019). Esta ideia sugere que atitudes linguísticas negativas em relação ao sotaque paraibano/nordestino não se restringem a outras regiões do Brasil, mas ocorrem também dentro da própria região e entre seus nativos. Observamos um cenário semelhante nos dados de Baraúna-PB. Ademais, ao expor que algumas pessoas residentes em Campina Grande, uma cidade interiorana pertencente a mesma mesorregião borboremense como Cubati, rejeitavam a maneira dela falar, provavelmente dialoga com outro argumento da pesquisa de Lima (2019):

No decorrer das entrevistas, observamos também uma constante menção sobre a diferença entre o falar da capital e do interior. A fala interiorana é vista como “errada”, tanto por alguns habitantes da Zona da Mata quanto pelos próprios moradores das cidades pesquisadas, que “justificam falar o “português incorreto” devido ao fato de residirem no interior paraibano, conforme pontuamos nas análises. Essa questão foi amplamente mencionada pelos paraibanos sertanejos e da região da Borborema. Apenas um informante do Agreste citou esse dado. O que inferimos dessa constatação é que, no imaginário desses falantes, quanto mais aproximado da capital, “mais correto” o sujeito falará, ou seja, mais próximo da norma culta e vice-versa (Lima, 2019, p. 166-167).

Logo, a maior imediação entre Campina Grande e João Pessoa do que entre Cubati e a capital parece fomentar entre os campinenses o sentimento de superioridade linguística. Conforme a informante, por morar no interior do estado, foi apelidada negativamente de “*Cubati*” e sua fala foi tida como “*arrastada*”.

❖ Avaliação positiva ou negativa do falar da comunidade e/ou do paraibano

É importante destacar que essa subseção trata das atitudes linguísticas não de outros interlocutores, mas das próprias informantes sobre o falar de sua comunidade. Neste sentido, questionadas se consideravam que pessoas da sua terra têm um modo de falar feio ou bonito, a totalidade das participantes manifestou avaliação positiva. Vejamos algumas respostas para a

seguinte pergunta: “*Considerando se seu modo de falar é semelhante ao das pessoas com quem convive, no lugar onde você mora, você tem orgulho do seu jeito de falar?*”

INF. 5: Tenho.

INF. 6: Tenho, sim.

INF. 7: É. Às vezes falo errado, mas ligo com isso, não.

P.: Então, você tem orgulho, por quê?

INF. 7: Porque eu não tô negano minhas origem.

INF. 8: Tenho, eh... é o meu sotaque, é o lugar onde eu nasci, onde eu me criei, então eu tenho orgulho.

Como aguardado, as *informantes 5 e 6* que manifestaram atitudes favoráveis de segurança linguística em face do próprio falar em trechos anteriores, agora, manifestam sentimento de orgulho sobre a variedade coletiva. Por outro lado, temos um cenário paradoxal, pois as *informantes 7 e 8*, que antes desaprovam as particularidades de sua fala e/ou escrita, neste momento, expressam afetividade e avaliações favoráveis mediante o falar local. Percebemos que seus comentários estão entremeados de um forte sentimento de nordestinidade, de pertencimento ao grupo social e à comunidade linguística: “*Porque eu não tô negano minhas origem*” – INF. 7; “*é o meu sotaque, é o lugar onde eu nasci [...] então eu tenho orgulho*” – INF. 8.

P.: Já mudou sua forma de falar para se adaptar a uma situação?

INF. 5: Já.

P.: Pode relatar um pouquinho?

INF. 5: Quando fui a São Paulo mesmo, pra não me sentir deslocada, eu falava, assim, mais ou menos do jeito que eles falavam. Já exatamente pra não me sentir... entendeu? Como se estranha no ninho.

Destacamos o trecho acima com o objetivo de refletirmos o quanto, em dadas fases da vida (neste episódio, a informante era bem mais jovem) e em determinados contextos opressivos, a falante que apresenta um comportamento de segurança linguística pode chegar a adaptar sua variedade em detrimento de outra mais prestigiada socialmente, a fim de não se sentir “*deslocada*”, uma “*estranha no ninho*”.

❖ Atitudes sobre a diversidade linguística

Doravante, explicaremos questões de diversidade linguística, principalmente as respostas à indagação: “*Você acha alguns dialetos ou falares mais bonitos, melhores ou mais*

fáceis de entender?”. Assim, identificamos que apenas a *informante 7* não exprime afeição por nenhum sotaque, ao passo que as demais entrevistadas frisam as pronúncias prestigiadas, como carioca, paulista e mineira.

INF. 5: Eu acho.

P.: Quais?

INF. 5: O carioca, eu acho bonito, acho lindo o sotaque carioca.

INF. 6: Sim. Os cariocas falam muito bonito, muito explicado, mas eh... é porque a gente... eu acho que a gente fala muito apressado, fala rápido demais. É tanto que quando um estrangeiro vai... também é ao contrário, vai conversar com a gente, a gente acha rápido eles falando, mas eles também acham mais rápido ainda a gente falando. Tem hora que eles não conseguem nem acompanhar, é mais difícil até pra eles reproduzirem, a gente fala muitas... muito vocabulário próprio e aí confunde mais. Mas, no sentido de como a gente usa as palavras, os vocabulários, fora essa questão particular, eu acho que é bem compreensivo. Mas bonito, assim, uma hipótese, se fosse pra eu trocar o meu sotaque, eu escolheria o pessoal, os cariocas.

INF. 7: Não.

INF. 8: Acho, sim... acho, sim. Acho bonito, tem uns sotaque que eu acho bonito, mas... mas mesmo assim eu não vou discriminar o meu, achar que eu não devo ter orgulho do meu. Tenho do meu também, mas tem alguns sotaque que eu já vi que acho muito bonito.

P.: Quais, por exemplo?

INF. 8: Por exemplo, esse que eu acabei... que citei, né? Dos mineiros, aquele jeito deles falar, os paulista também têm uma forma, assim, bem interessante.

Tanto a participante 5 quanto a 6 aproximam o sotaque carioca à noção de beleza. No entanto, essa última justifica sua afeição para com esse sotaque comparando-o com o paraibano: *“a gente fala muito apressado [...] fala muitas... muito vocabulário próprio”* – INF. 6. Ademais, a *informante 8* assinala dois sotaques, o mineiro e o paulistano, mas reitera que essa atitude não anula o seu orgulho pelo próprio sotaque. Em outro momento da entrevista, interpelada se já sentiu intimidada ou confusa com o sotaque de outra pessoa, ela afirma não ter ficado envergonhada, mas admirada pelo sotaque de outras regiões: *“Vê falando e eu ficar admirada, assim: ‘Olha o sotaque dessa pessoa, não é nordestino, mas é... é legal, de admirar’”* – INF. 8.

Em resumo, podemos observar no decorrer dos comentários das falantes cubatienses vislumbres dos fenômenos de prestígio explícito e de prestígio encoberto, postulados por Labov (1972), com certa tendência de avaliações negativas sobre o próprio falar. Além disso, destacaram-se atitudes positivas frente ao falar da comunidade, bem como o reconhecimento de que o preconceito linguístico manifesta-se, por vezes, dentro da própria região nordestina ou no interior do mesmo estado.

4.3 O picuiense frente ao seu falar e ao falar do outro

Na esteira dessa análise, observemos agora as respostas dos falantes picuienses, as quais geram pistas em relação às suas atitudes sobre si mesmos e sobre os outros. Conforme apresentado no Quadro 1 (conferir seção 3.3), estes são alguns dos aspectos dos participantes picuienses: i) o *informante 9*, tem 23 anos, mora no território urbano, concluiu as etapas da educação básica e é conselheiro tutelar; ii) a *informante 10*, tem 28 anos, vive na área urbana da cidade, possui ensino superior completo e é professora; iii) a *informante 11*, oriunda da zona rural, tem 49 anos e ensino médio completo, exerce a profissão de agricultora; iv) o *informante 12*, tem 28 anos, reside no campo, possui ensino superior completo no âmbito do magistério.

Em suma, não houve diferenças significativas no que tange ao olhar positivo para aspectos regionais e locais da região e do estado paraibano em comparação com os dados das cidades anteriores. Também é presente em quase todos os informantes de Picuí o relato de situações constrangedoras de preconceito linguístico. Em contrapartida, os resultados mostram uma tendência mais positiva quanto à forma como usam a língua.

❖ Atitudes relacionadas ao próprio falar

Vejamos as reações dos informantes ao seguinte questionamento: “*O que você acha da sua forma de falar?*”

INF. 9: Do meu sotaque, eu acho que... eu acho bonito.

INF. 10: Da minha forma de falar? Depende, depende das... das situações, das circunstâncias, do meu emocional. Acredito que, quando eu estou mais confiante, eu consigo me expressar com mais clareza. Mas, ao mesmo tempo que eu posso levar uma palestra, por exemplo, por meia hora, uma hora conversando assim com muita clareza, eu também posso ser a pessoa que vai ter pausas, que vai gaguejar em uma conversa simples.

INF. 11: Eu acho legal, eu acho que minha... eh eu evolui muito, porque eu não fui aquela pessoa de achar dificuldade em tudo e não ir pra frente. Então, como eu não consegui me formar numa universidade, eu procurei evoluir através de livros, eu gosto muito de ler. Eu fui uma boa leitora na infância, assim quando eu comecei ler na adolescência e... hoje em dia, eu tenho que ter um livro todo mês pra mim ler. Eu gosto de ler.

INF. 12: Eu acho que poderia ser melhor, mas, assim, eu sempre tentei eh... utilizar da norma culta. [...] no início, quando era bem jovem, devido ao convívio, as pessoas com que eu convivia, eu... eu pronunciava algumas palavra erradas, mas, o que aconteceu? Quando eu comecei a estudar, comecei a me relacionar com outras pessoas, conversar com outras pessoas, aí eu fui melhorando o meu, assim, o... a... o meu vocabulário, né? Mas eu acho satisfatório, eu acho que poderia ser melhor, mas eu acho ele razoável. Eu acho razoável.

Com base nesses excertos, verificamos que manifestam uma inclinação mais positiva frente à sua variedade de uso. O *informante 9* – morador da área urbana do município, com

ensino médio completo – já associa a pergunta à questão do sotaque e o avalia como bonito. Na fala da *informante 10*, ainda que apresente um alto grau de escolarização, percebemos um discurso marcado pelos traços tanto de segurança quanto de insegurança linguística. A confiança leva-a a expressar-se com clareza, mas, ao mesmo tempo, é interessante notar que ela realça uma situação informal como uma interação em que poderia hesitar. Portanto, possivelmente, eram esperados cenários opostos para os dois comportamentos linguísticos, aspecto que revela a complexidade da linguagem e do tema.

Já os *informantes 11 e 12*, ambos oriundos da zona rural, enxergam similarmente um certo desenvolvimento do repertório linguístico (“*eu procurei evoluir através de livros, eu gosto muito de ler*” / “*Quando eu comecei a estudar, comecei a me relacionar com outras pessoas, conversar com outras pessoas, aí eu fui melhorando [...] o meu vocabulário*”). Em seu argumento, o *informante 12* menciona a convivência na comunidade como uma das razões para a pronúncia “*errada*” de vocábulos. Além disso, a percepção do próprio falar como “*legal*” e como “*satisfatório*”, respectivamente, é vinculada principalmente à escolaridade e à prática da leitura e não à regionalidade. Em conformidade com essa autoestima linguística, sublinhamos as respostas referentes à indagação: “*Pensando no modo como você usa o português, você considera que fala e que escreve bem?*”

INF. 11: Médio (risos), porque eu acho que às vezes eu atropelo nas palavras. Hoje em dia, minha dicção tá melhor, mas às vezes eu atropelo algumas palavras.

P.: Em relação à escrita?

INF. 11: Também é boa, minha escrita é boa.

INF. 12: Eu diria que falo e escrevo razoavelmente, razoavelmente (risos).

Dessa forma, constatamos que mesmo com graus de escolarização diferenciados – 1) ensino médio, agricultora e 2) ensino superior, professor – os dois colaboradores apresentam atitudes positivas semelhantes em face do uso da língua portuguesa. Quanto à fala, a primeira refere-se à dicção como fator negativo, o que harmoniza com a fala do *informante 12*:

P.: Há algo específico que você goste ou que não goste na sua forma de falar?

INF. 12: [...] eu gosto, assim, que geralmente eu consigo me expressar bem. Às vezes, dá alguma travada, mas consigo me expressar bem. Algo que eu não gosto é que, às vezes, minha dicção, às vezes, atrapalha um pouco, eh pela nossa cultura, às vezes, a gente gosta de falar rápido e engole algumas palavras [...].

Logo, em ambos os excertos, há uma percepção negativa em relação a traços específicos como supressão de palavras e pronunciar acelerado, no entanto, no trecho acima, o

uso do “a gente” acentua a associação desses traços desfavoráveis com aspectos culturais e coletivos do falar da comunidade. Diante da mesma pergunta, a *informante 10* afirma:

INF. 10: Na minha forma de falar específico... Eu não gosto muito quando... eu uso alguns termos em situações inapropriadas, por exemplo, a gente tem... vive no nosso cotidiano e a gente acumula muita... muitos linguajar, não sei se é exatamente isso. E, às vezes, você vai tentar explicar algo em uma situação mais culta e você não consegue, porque você acaba repetindo, que são os vícios de linguagem.

Ao olhar para si, a falante faz menção ao coletivo (a gente), com suas experiências e seu cotidiano, moldam a incorporação de “*linguajar*” e “*vícios de linguagem*”, os quais, segundo ela, interferem em situações mais formais. Historicamente, a visão desses usos como vícios é bastante problemática, visto que busca identificar e corrigir o que é considerado como desvio e deficiência em relação a um padrão idealizado de língua.

❖ Percepções de preconceito sobre o falar nordestino/paraibano em âmbito nacional e local

A totalidade dos informantes picuienses admitem que o dialeto paraibano/nordestino enfrenta distinção, como vemos a seguir a partir das respostas à questão: “*Você acha que o falar paraibano sofre discriminação em âmbito nacional?*”

INF. 9: Sim.

P.: O que você acha dessa atitude?

INF. 9: Acho que já a gente ao nascer já é julgado de alguma forma, né? É a fala, o jeito de se vestir também, acho que vai da cultura também de cada um.

INF. 10: Sim.

INF. 11: Sim, nossa! E como, né? Hoje em dia: “É da Paraíba. É isso... é da...” Até do próprio paraibano, entendeu? Você... a gente vê a própria paraibana, o próprio nordestino com preconceito com eles. Eu acho que é por isso que dá espaço pra os sulista, os outros estado entrar com força na gente, né?

INF. 12: Sofre. Sofre, sim, principalmente do pessoal ali do Sul, né? Eles, meio que debocham às vezes. Não todas as pessoas, mas que tem pessoas que observam a nossa forma de falar e, meio que, às vezes fazem comentários pejorativos sobre isso.

Primeiramente, podemos notar que a atribuição da alcunha de “*Paraíba*” para se referir ao próprio falante, presente na resposta da *informante 11*, é uma atitude que se sobressai também nos dados anteriores com baraunenses e cubatienses. Outra faceta do preconceito é delineada na fala dessa mesma informante: “*a gente vê a própria paraibana, o próprio nordestino com preconceito com eles*”. Portanto, discursos com esse fornecem evidências que

dialogam com os dados de Lima (2019) sobre essa discriminação dentro das fronteiras mesmo do Nordeste, e nos levam a crer que é um comportamento linguístico comum entre os paraibanos e nordestinos, pois é uma atitude apontada também por informantes dos municípios já analisados.

Mas o que pode levar sujeitos que demonstram valorizar as suas raízes geográfico-culturais a agirem preconceituosamente com os seus semelhantes pertencentes à mesma comunidade de fala? Foram os persistentes estereótipos e discursos excludentes difundidos nacionalmente que incidiram sobre os nordestinos? Houve a internalização dessas crenças sobre a variedade paraibana e/ou nordestina?

Observamos que o *informante 12* menciona os deboches e comentários pejorativos que os falantes paraibanos, por vezes, enfrentam. Além disso, três dos informantes picuienses mencionam circunstâncias em que se depararam com preconceito sobre a língua, as quais despertaram múltiplos sentimentos, como incômodo, constrangimento, frustração e aborrecimento. A respeito disso, destacamos o seguinte depoimento:

P.: Em algum momento da vida você sofreu preconceito em relação à sua forma de falar?

INF. 11: Sim, SIM. Imagino só, uma adolescente estudar, numa sala onde só tem sulista, com sotaque paraibano, né? Menina, era tanto que eu era chamada de Paraíba: “Oh a Paraíba aí”. E eu?

P.: Então, nessa época, alguém já ria, criticava porque que você falava assim?

INF. 11: Não, falavam: “Por que você fala assim?” Mesmo sendo as minhas amigas, falavam: “Ah, por que que você fala assim?” Eu falo: “Ah, porque é meu sotaque nordestino, se vocês querem continuar...” Eu falava até assim: “Se vocês querem continuar sendo minha amiga, vai ter que escutar a minha fala assim”.

P.: Como é que você se sentiu nessa situação?

INF. 11: Na época, como eu era adolescente, eu nem tinha muita... muita noção do que era a discriminação, porque geralmente eu vou entender mais quando eu amadureci mais... e, pelo fato de hoje em dia ser muito discriminado o sotaque. Mas, na época, eu levava de boa. Eu não sabia nem me defender na época. Eu acho... eu digo... eu falo pras minhas irmã, eu acho que se fosse nessa época de hoje, eu acho que eu brigava na sala (risos), porque é tão ruim, né? Nessa época, eu não tinha essa noção, não tinha muito conhecimento.

Ao longo da entrevista, a *informante 11* menciona informações relevantes. Em primeiro lugar, a sua origem humilde e a carência de ajudar seus pais na agricultura quando adolescente. Além disso, relata a sua necessidade de viajar e morar um tempo em São Paulo, possivelmente em busca de melhores condições de vida. Mediante sua descrição, notamos que, apesar de sua expectativa, sua experiência no estado foi marcada por uma série de desafios, começando no ambiente escolar.

Não só nesse trecho, porém em alguns momentos da entrevista, ela relata que enfrentou os olhares de estranhamento, comentários maldosos e julgamentos sobre a sua forma de falar;

como ela mesma ressalta, foram situações ruins. No relato acima, responde à pergunta enfaticamente: “*Sim, SIM. Imagina só, uma adolescente [...]*”. E, nós acrescentamos: imagina só uma adolescente mulher, campestre, nordestina, paraibana, oriunda de classe menos favorecida vivendo em uma região diferente, sentindo-se deslocada em meio aos seus colegas de sala de aula! Ela foi questionada na escola a respeito do seu sotaque até mesmo por suas amigas, e, na instituição educacional, concebida como espaço tão relevante para o desenvolvimento das diversas dimensões do crescimento humano, ouviu constantemente: “*Oh a Paraíba aí!*”.

A entrevistada afirma não ter maturidade na época e não reconhecer como ações discriminatórias os ocorridos. Contudo, verificamos uma atitude de resistência frente às pressões sociais em seu discurso, mesmo sendo tão jovem e, certamente, carente do senso de pertencimento e validação, foi de encontro às suas amigas: “*Se vocês querem continuar sendo minha amiga, vai ter que escutar a minha fala assim*”. Em resumo, a partir deste trecho, compreendemos algumas das dificuldades enfrentadas por migrantes em grandes centros urbanos.

❖ Avaliação positiva ou negativa do falar da comunidade e/ou do paraibano

Quanto à indagação “*as pessoas na sua terra têm o modo de falar que você considera feio ou bonito?*”, três informantes picuienses reagiram favoravelmente e um não assumiu nenhuma das categorias, argumentou o seguinte:

INF. 12: Eu nem considero feio nem bonito. Eu considero, assim, uma das formas que eu entendo, assim, o meu ponto de vista é que o importante da comunicação é que ela seja compreendida. Então, às vezes, logicamente que a gente se acostuma com... com assim o português minimamente correto e tal, às vezes você estranha, você convive num lugar que a pessoa fala mais corretamente, quando você começa a conviver com pessoas falando muito errado, assim, você fica assim... Mas eu respeito aquilo, porque eu sei que aquilo é a forma delas falarem. Então, eu acho que eu... nem considero bonito nem feio, mas como eu entendo a comunicação. Então, eu acho que é o que basta.

Ainda que assuma uma posição simplista em relação à linguagem, visto que a comunicação é um dos principais objetivos da linguagem, mas não o único, e mesmo que associe as variedades linguísticas a noções de certo e errado, o informante 12 manifesta atitudes respeitadas frente a esses falares.

Em outras questões associadas à avaliação do falar da comunidade, alguns trechos nos chamaram atenção:

P.: Considerando que o seu modo de falar é semelhante ao das pessoas com quem você convive aqui em Picuí, onde você mora, você tem orgulho do seu jeito de falar?

INF. 10: Sim.

P.: Por que?

INF. 10: Porque reflete as minhas origens. Certo que eu posso aperfeiçoar a questão de falar alguma frase corretamente, eh mais fechadinha, só que... a questão do sotaque não é algo que me incomoda.

P.: Considerando que seu modo de falar é semelhante ao das pessoas com quem você convive, no lugar onde você mora, você tem orgulho do seu jeito de falar?

INF. 12: Tenho. Tenho, sim.

P.: Por que?

INF. 12: Porque... toda nossa vida ela é... ela é uma... uma representação daquilo que você viveu, de onde você está inserido. Então, não tem porque ter vergonha do lugar onde eu nasci e das pessoas com quem eu convivo.

Dessa forma, os dois informantes, ambos professores, fazem menção à variedade de sua comunidade como algo positivo, reflexo de suas origens, identidades e contexto sociocultural. A primeira participante destaca que se sente confortável, ao passo que o segundo complementa ressaltando que não sente vergonha de suas raízes.

Um ponto que merece destaque é a postura da *informante 11*, que afirma nunca ter alterado a sua forma de falar para se adaptar a nenhuma situação, embora sua fala também revele um processo de acomodação dialetal involuntário durante o período em que morou fora da região Nordeste.

P.: Você já mudou sua forma de falar para se adaptar a alguma situação?

INF. 11: Não. Nunca muda, não.

P.: Nem mesmo quando você foi trabalhar?

INF. 11: Não, não. Sempre meu sotaque é esse.

P.: Você considera que tem algum sotaque?

INF. 11: Sim. Eu tenho um sotaque é... meu sotaque é nordestino, mas como eu passei a adolescência fora, eu... eu acabei adquirindo um sotaque lá fora que eu não queria, entendeu? Eu queria hoje em dia falar totalmente o meu sotaque, pra mim não deixar as pessoas confusa, que, às vezes, as pessoa diz: “Ah, você não parece ser nordestina, não parece ser paraibana, você fala assim, assim”. Mas eu adquiri lá fora, aí bagunçou, deu uma bagunçadinha no meu sotaque.

P.: E foi algo natural, sem você nem perceber?

INF. 11: Não, sem nem eu perceber. Logo eu fui estudar, numa sala que só tinha pessoal paulista, essas coisa lá. Aí foi indo, convivendo com a minha... a família da minha mãe a maioria é lá em Ribeirão Preto, aí fiquei com esse sotaque até hoje, um pouco, né? Mas tem o paraibano.

Inferimos que a informante afirma não ter modificado sua forma de falar por conta que a acomodação de alguns traços foi um processo inconsciente, resultado da convivência com diferentes grupos sociais e dialetos, como também por sempre mostrar resistência frente às pressões sociais para a imposição de padrões linguísticos, como vimos anteriormente. Esse

cenário gerou um certo incômodo nela e a vontade de "*falar totalmente o seu sotaque*" original, uma vez que, atualmente, tem sua identidade linguística e pertencimento regional questionados.

❖ Atitudes sobre a diversidade linguística

Este tópico trata da avaliação da diversidade linguística, sobretudo as respostas à pergunta "*Você acha alguns falares mais bonitos, melhores ou mais fáceis de entender?*". Sobre esse aspecto, os resultados dos informantes picuienses contrastam com o dos municípios de Baraúna e de Cubati, dado que revelam atitudes mais positivas mediante as variedades e um nível maior de consciência linguística. Examinemos:

INF. 9: Não, acho que todos os lugares são adaptados aquela...

INF. 10: Não, eu acho que... a nossa cultura ela é muito rica, então não tem graça falar sobre os dialetos que existe na Paraíba se você não começar a mostrar que existe uma variação, que isso é pronunciado de forma diferente em outros lugares do Brasil. Eles são, assim, pra gente algo... não é que... normal, especificamente, salvo o rotineiro, né? Que, pra gente, faz parte do nosso cotidiano, mas quando você confronta, eu acho isso muito bonito. Você... que quando você confronta, você consegue perceber essa variação, você consegue enxergar a riqueza.

P.: Então, na sua concepção, não há um melhor, mais bonito ou mais fácil?

INF. 10: Acho bonito quando eles entram em contato, quando o outro fala e você percebe, na fala dele, uma palavra se você não conhece, uma forma de se expressar diferente.

INF. 11: Não, mais bonito... mais bonito... vamo falar mais bonito, né? Porque, assim, eu respeito cada estado, então, cada estado tem suas belezas. Nós, paraibanos, temos a nossa, o Brasília tem a dele, o Rio de Janeiro tem a dele, eu... eu sou dessas que eu respeito o sotaque de cada estado, cada um com a sua beleza diferente.

INF. 12: (pausa longa) Não mais bonitos, assim, mais fáceis? Assim, eu diria que o... o, por exemplo, no próprio Nordeste a gente já tem vários, né? Vários... vários sotaques ali, vários... por exemplo, tem estados aqui que têm um sotaque bem mais puxado, por exemplo aqui na Paraíba é bem menos puxado. Eu diria que o paraibano é um... assim, eu diria que, aqui na Paraíba, nós falamos de uma forma bem clara, que é bem fácil de compreender e eu acho interessante a forma que a gente fala.

Portanto, verificamos que os quatro reagem à pergunta com uma negativa e enxergam valor na diversidade. Nos questionamos sobre quais fatores desenvolveram certa consciência linguística nestes participantes. No decorrer da entrevista, o *informante 9* mostrou-se um pouco tímido e utilizou explicações curtas, o que pode ser gerado pela situação mesmo da entrevista, mas também pelo preconceito sofrido em relação a sua fala, tendo em vista que faz trocas entre as letras "R" e "L". Atualmente, exerce a função de conselheiro tutelar e faz parte também da Pastoral da Criança, em dado momento declarou:

INF. 9: Eu acho que eu me identifico bastante com essa área social, que desde os meus onze anos de idade, faço parte da Pastoral da Criança, voluntário, trabalho com a comunidade, com criança, foi por isso que eu cheguei aqui, por essa questão de eu me identificar nessa área social de ajudar o próximo.

INF. 9: [...] Até que eu já participei de algumas entrevistas, eh... entrevistas que eu falo dentro da própria área da Pastoral da Criança, justamente pelo meu sotaque. Ah vamos chamar fulano porque tem esse sotaque e a gente precisa ter pessoas de cada região.

Dessa maneira, essa proximidade maior e diária com a área social corrobora para essa consciência sociolinguística? Suas vivências na Pastoral da Criança desde os seus onze anos, inclusive em entrevistas que valorizavam o seu sotaque, juntamente contribuem para esse comportamento frente à diversidade? Acreditamos que sim, posto que instituições e ambientes que o sujeito se insere influenciam as suas atitudes linguísticas, conforme Lasagabaster (1998).

A participante 11 assevera “*eu respeito cada estado, então, cada estado tem suas belezas*”. Mesmo que tenha passado por preconceito linguístico em sua adolescência, não mostrou atitude negativa para com dialetos de outras regiões, nem mesmo para aquela em que sofreu a discriminação. Dessa forma, seu grau de consciência linguística provavelmente está relacionado ao trânsito dessa falante em comunidades distintas, como ela mesma menciona em alguns pontos a sua passagem, por exemplo, em Ribeirão Preto, em Brasília e em Recife. Acerca disso, Silva (2016, p. 49) destaca em sua pesquisa:

Se levarmos em consideração a consciência sociolinguística como parte integrante da competência linguística, a repercussão de juízos de valor será amenizada pela consciência social coletiva; portanto, determinados comportamentos estereotipados e preconceituosos poderão ser também controlados ou amenizados. Dito isso, quanto maior for o mercado linguístico, ou seja, o trânsito desses falantes entre comunidades de fala diferentes, maior será a possibilidade de os colaboradores em uma pesquisa sociolinguística entenderem que não há falares ‘agramaticais’.

Silva (2016) frisa, então, o contato linguístico como propulsor dessa consciência e é justamente esse ponto que a *informante 10* faz alusão: “*mas quando você confronta, eu acho isso muito bonito [...] você consegue perceber essa variação, você consegue enxergar a riqueza*” / “*Acho bonito quando eles entram em contato*”. Logo, a diferença não é vista como deficiência, porém como característica boa e valiosa. Ademais, o despertar deste discernimento social da participante pode ser fruto também do avanço no nível de escolaridade, visto que possui ensino superior completo, assim como o *informante 12*. Assim, inferimos que, possivelmente, participaram de discussões sobre diversidade, inclusão e, quem sabe, sobre preconceito linguístico durante a licenciatura.

No último excerto, percebemos que o professor prefere não avaliar a qualidade estética das variedades, refere-se apenas ao falar paraibano ser fácil de entender. Em outras partes da entrevista, observamos que ele manifesta atitudes respeitadas diante da variação, o trecho abaixo coaduna com esse comportamento:

P.: Já se sentiu intimidado ou confuso pelo sotaque de alguém?

INF. 12: Já, (risos) já.

P.: Se quiser relatar um pouco...

INF. 12: [...] não acho feio, não é nada questão de xenofobia, não nada disso, mas eu acho engraçado o sotaque dos gaúchos, que eles falam... falam muito rápido, e o dos cariocas, que eles chamam muito, eu acho que eles chamam bastante, mas é coisa da... do local deles, é da cultura, não sei se eu posso lidar com tudo, mas é algo deles, né?

P.: Você acha que as pessoas são julgadas pela maneira como falam?

INF. 12: Sim.

P.: O que é que você acha disso?

INF. 12: Ah eu acho... eu acho bem chato, digamos assim, porque, por exemplo, às vezes você eh... nós somos privilegiados de termos um grau de instrução maior, mas tem pessoas que não têm, pelo meio de convívio delas ali, o lugar onde elas estão inseridas, o vocabulário delas é aquele e você tem que... tem que entender que aquilo é o que elas... aquela forma que ela sabe se expressar. Então, se ela diz uma palavra errada, não cabe a nós corrigir ela.

No primeiro trecho, o participante destaca traços como chiado dos cariocas e a rapidez na pronúncia dos gaúchos, mas deixa claro que não os considera como feios e que compreende que é uma questão cultural. Quanto ao segundo trecho, conforme supomos que a escolaridade impacta a consciência sociolinguística, o falante menciona que o grau de instrução contribui para a ampliação do vocabulário, todavia isso não é uma justificativa para desprezar o falar do outro, pois “*não cabe a nós corrigir*”.

4.4 O são-vicentino e seridoense frente ao seu falar e ao falar do outro

No decurso desta investigação, cada vez fica mais evidente que as atitudes linguísticas são um reflexo da atitude social do falante, como pontua Fernandez (1998), e essa realidade se faz presente também no *corpus* do município de São Vicente do Seridó. No tocante às características gerais dos falantes, temos: i) *informante 13*, 39 anos, residente da zona urbana, com ensino fundamental incompleto, mecânico; ii) *informante 14*, 27 anos, morador da área urbana, com ensino superior completo, engenheiro civil; iii) *informante 15*, oriundo da zona rural, 41 anos, ensino médio completo, agricultor; iv) *informante 16*, campestino, 25 anos, ensino superior completo, professor. Recordamos esses aspectos dos falantes, posto que podem se mostrar relevantes na compreensão das atitudes linguísticas subsequentemente.

❖ Atitudes relacionadas ao próprio falar

A percepção da própria variedade entre os participantes revela reações e comportamentos peculiares. O *informante 13*, por exemplo, relata ter superado diversas dificuldades em sua trajetória, que o impediram de estudar regularmente: “*Estudei só até a sexta série, não tive... devido a ter uma infância em que precisei trabalhar muito cedo, não tive muitas oportunidades de estudar*”. Apesar dos obstáculos e do menor grau de instrução se comparado ao demais entrevistados, ele demonstra atitudes positivas sobre o seu falar e sua escrita:

P.: O que você acha da sua forma de falar?

INF. 13: Acho... acho normal (risos). Acho que, se for comparar com outras línguas, a gente vê a língua do... do paulista, aí tem a língua do mineiro.[...] quem é mineiro, critica o paraibano, né? Aí o paraibano já ignora o jeito que o paulista fala. Mas eu me acho... falo normal.

P.: Há algo específico que você goste ou que você não goste na sua forma de falar?

INF. 13: Que eu acho que no final da fala eu fico chiando, sabe?

P.: É algo que você gosta ou que você não gosta?

INF. 13: Algo que eu não gosto.

P.: Pensando no modo como você usa o português, você considera que fala e que escreve bem?

INF. 13: Sim. Sim.

P.: Você considera que tem algum sotaque?

INF. 13: Não, não. Acho que não (risos).

A partir disso, verificamos que o participante manifesta segurança linguística, inclusive quanto à competência de fala e escrita da língua portuguesa. Ao justificar a visão de que fala normal, logo vincula sua explicação às atitudes desfavoráveis que os falantes de distintas origens têm uns com os outros. O uso do conectivo adversativo “mas” realça a sua concepção de que não possui marcas linguísticas regionais? Possivelmente, sim, uma vez que ele acha que não tem nenhum sotaque, como observamos em sua reação à última pergunta. Outro aspecto distintivo nesse informante é que o chiado é pontuado como um traço desfavorável.

Nos indagamos acerca de quais circunstâncias colaboraram para a construção dessa autoconfiança. Nesse sentido, identificamos que, diferente de alguns de nossos colaboradores desta investigação, ele não viajou para outras regiões do país, onde possivelmente teria contato com mais variedades e pressões sociais, bem como não sofreu preconceito linguístico, conforme assegurou. Depreendemos que esses fatores o impactaram positivamente, “*eu acho que eu falo normal, né? Nunca escutei ninguém criticando, aí eu acho que pra mim eu acho normal, eu tenho orgulho*” (INF. 13), sustentou.

Ao passo que o *informante 14*, bacharelado, mesmo considerando que fala e escreve bem, afirma o seguinte:

P.: O que você acha da sua forma de falar?

INF. 14: Minha forma de falar é um pouco... eh a gente tenta ser um pouco formal, mas os vícios da da linguagem que a gente cresce tendo, acaba influenciando mais ainda a oratória. Então, até porque a região como seria uma região que as pessoas não têm... não se aprofunda muito no estudo, isso... acaba nos trazendo esse vício de falar, não errado, mas não da forma culta.

Observamos que ele não conclui a primeira frase e faz uma crítica negativa sobre como os vícios de linguagem afetam a comunicação, de maneira similar à *informante 10*, picuiense com formação superior. É válido sublinhar que o participante acima não classifica esses vícios como “erro” propriamente ditos, entretanto faz uma crítica a forma de falar da comunidade, que, segundo eles, não logra maiores graus de instrução, refletindo na realidade linguística de sua região. Ao ser perguntado sobre o seu sotaque, afirma “*com certeza*”, descrevendo-o como nordestino.

Acreditamos ser válido e oportuno a esse respeito o posicionamento deste participante, oriundo da área rural e com formação básica:

INF. 15: Da minha forma de falar, assim... eu acho que eu acho legal, porque todos nós temos o nosso linguajar, a nossa cultura. E a cultura regional [...] traz uma linguagem simples, posso dizer que a linguagem matuta, popularmente falando, e a gente se sente à vontade falando dessa forma, a cultura regional, a nossa realidade. Quando a gente se depara, assim, com algumas pessoas que têm, que têm o linguajar... se expressa um pouco diferente, a gente não se sente bem à vontade, a gente se sente mais à vontade no nosso meio, convivendo com o nosso povo. E, é isso, eu acho muito importante a cultura regional e a cultura popular.

Inicialmente, demonstra postura favorável mediante sua forma de falar, avalia como legal e simples. Apesar de concatenar sua variedade a um linguajar matuto, isto é, caipira, próprio do interior, não é visto pelo viés simplesmente negativo, pois afirma ser modo de comunicar em que se sente bem, “*a gente se sente mais à vontade no nosso meio, convivendo com o nosso povo*” e que essa cultura regional é relevante. Portanto, temos aqui um exemplo de prestígio encoberto, conquanto o falar do interior seja carente de prestígio na comunidade linguística em geral (Labov, 2008 [1972]). “De fato, esse fenômeno pode se transformar em orgulho avaliativo quando a variedade desprestigiada for, para alguns usuários, um símbolo valorizado de pertencimento a um grupo social” (Bagno, 2017, p. 23). Nesse contexto, o informante em questão concorda que possui sotaque e enfatiza essa noção de pertencimento com a utilização da primeira pessoa do plural em seu discurso: “*A forma da gente falar a nossa linguagem popular é o sotaque nosso, o sotaque nordestino*” (INF. 15).

No que diz respeito à pergunta “*Você já mudou sua forma de falar para se adaptar a alguma situação?*”, obtivemos dos participantes 13, 14 e 15 uma resposta negativa.

INF. 15: Não, porque eu carrego comigo essa naturalidade. Aí eu tento me expressar do jeito que eu sou, tento mostrar pras pessoas quem eu sou, até porque, muita das vez, se a gente quiser mudar o nosso sotaque, às vez pra agradar alguém, pra se expressar melhor em determinados ambiente, você acaba se perdendo um pouco. Você tentando fazer aquilo que é naturalidade sua, natural seu, você vai fazer melhor do que você querer copiar alguém. Às vez, você acaba se perdendo.

Além do mais, harmonizando com a atitude positiva demonstrada antes, esse participante assevera que não se deve alterar o modo de falar natural para copiar e atender às expectativas externas, pois corre-se o risco de perder a própria identidade. Em contrapartida, o *informante 16* confirma que alternou seus estilos para adaptar-se ao contexto comunicativo:

INF. 16: Eu, quando participava de eventos mais formais, eu tentava falar o menos possível, o mais correto possível para não se destacar o meu sotaque, por quê? Porque nesses tais eventos têm pessoas que... tipo, eu sentia eh tipo inferior a essas pessoas, mas com o tempo eu fui entendendo que eu não... pra quê ter vergonha do meu sotaque da minha região porque eu estou tendo vergonha de mim mesmo. Então, eu deixei pra lá. Então, em certos momentos, eu me adaptei aonde eu estava. [...] Eu pensava desse jeito. Mas eu depois eu nem liguei e vi que isso é a maior besteira que a gente tem. A gente veve do jeito que a pessoa se sente confortável.

A mudança de comportamento e de percepção desse participante converge com a visão do entrevistado anterior, a de que, ao buscar agradar os outros, o sujeito se perde de si próprio, “*porque eu estou tendo vergonha de mim mesmo*” (INF. 16), justifica. É digno de nota o trecho em que o *informante 16* admite ter se sentido inferior em ocasiões com maior nível de formalidade e no qual o sotaque é avaliado como algo incorreto. Nesta resposta, vemos as dimensões da atitude (Lambert, 1967) em correlação: sua noção de erro associada ao sotaque, atrelada aos sentimentos de inferioridade e de vergonha conduziram à atitude de silenciamento.

Ainda que tenha indicado essa transformação de atitude, este participante transparece durante a entrevista um grau maior de insegurança linguística do que os demais colaboradores são vicentinos/seridoenses, o que sugere que esse silenciamento ainda perdura:

P.: O que você acha da sua forma de falar?

INF. 16: Quando eh eu ouço em áudio minha minha voz, antigamente eu tinha vergonha de falar, porque eu achava... eu achava aquele sotaque nordestino mei errado de falar, porém eu fui me adaptando e gostando [...]. E até hoje, quando eu, eu não gosto nem de ouvir, eu, eu, eu falando, porque eu acho que eu falo errado, alguma coisa assim.

P.: Mas por que especificamente?

INF. 16: Eu acho que é porque a timidez e por achar minha voz, tipo o sotaque, meu sotaque feio, tipo assim, feio.

No início, é como se a desvalorização do seu falar fosse um comportamento superado, porém sua afirmação sequencial vai de encontro a isso, tendo em vista que ainda não gosta de ouvir sua voz em áudios atualmente. Nesse sentido, “por ser essencialmente uma atividade cognitiva, embora formulada por meio de uma atividade social, a mudança nas atitudes ocorre lenta e gradualmente e em função das necessidades e motivações individuais e das situações sociais” (Bagno, 2017, p. 22). Embora tenha formação superior e exerça a profissão de professor, assume sua timidez e que considera seu sotaque feio. Logo, respondendo a outra pergunta, completa:

P.: Você considera que tem algum sotaque, como você já disse, seria qual?

INF. 16: Seria o daquele nordestino raiz mesmo, [...] aquele matuto do interior, entendeu? Aquele desse modelo.

Portanto, em sua avaliação, o falar do interior está vinculado a uma perspectiva negativa, como matuto, denominação comumente associada à falta de traquejo social, ao caipira. De forma correlata, na investigação de Lima (2019), 30% dos falantes do Agreste paraibano descreveram ter um sotaque “amatutado”. No que se refere à avaliação do uso do português, ele relata ter aprimorado sua fala e escrita, porém a noção de erro ainda é bastante presente: “*A gente, desde novo, começa a falar palavras erradas [...] Só que no decorrer... estudando e lendo, você vai aprimorando o seu jeito de falar e de escrita, né? Minha escrita não é das melhores, mas agora tá um pouquinho melhor do que era antigamente*” (INF. 16). Mesmo que o avanço na escolaridade tenha dado a esse falante campesino maior segurança linguística, isso não foi decisivo em sua autoavaliação da fala. Assim, considerando a visão estereotipada dos moradores das áreas rurais, é provável que o fator zona territorial esteja exercendo uma influência mais forte sobre as percepções desse falante.

❖ Percepções de preconceito sobre o falar nordestino/paraibano em âmbito nacional e local

Sobre este tópico, apenas um dos participantes são-vicentinos e seridoenses respondeu afirmativamente à pergunta: “*Em algum momento da vida você sofreu preconceitos em relação à sua forma de falar?*” No entanto, todos trouxeram relatos de discriminações vivenciados por amigos e parentes. A seguir, analisamos alguns destes depoimentos:

INF. 13: Já, já escutei muito já, de pessoas que sai de Seridó pra trabalhar em São Paulo e, quando chega lá, os paulista fica criticando o modo que eles fala. E também de pessoas que disse da... da... da região da gente aqui que tá em São Paulo, aí se adapta ao modo de falar lá, os paulista, e, quando os paraibano chega lá, eles fica com esse tipo de preconceito, sendo que também é paraibano, pra mim isso aí eu acho um erro.

P.: Você não passou por isso, mas como é que você acha que essas pessoas se sentiram? Eles contaram pra você, mais ou menos, como é que eles se sentiram no momento?

INF. 13: Sentiram raiva, tristeza, ficaram constrangidos com a forma que foi tratado, eu acho que assim... pelo que eu entendi, quando... quando falou pra mim, porque quando é... quando é um paulista falando esse tipo de preconceito, eu acho que você aceita, que pra muitos isso é normal, mas quando é um paraibano só porque tá lá já há um tempo e fala isso... por isso que ignora. Se sente mal.

P.: Você acha que o falar paraibano sofre discriminação em âmbito nacional?

INF. 13: Sofre, já escutei muito já, sofre muito... muito preconceito com... porque falou, o jeito do nordestino falar muitos ignora o jeito [...], o jeito assim, o jeito da pessoa rural, né? Que sempre se tem aquele puxado [...]. Ele tem esse preconceito lá dos paulista, só dos paulista não, né? Em todo canto, eu acho que tem preconceito com o nordestino pelo modo de falar.

Dessa maneira, o participante resgata as vivências de seus amigos e concidadãos que um dia necessitaram morar em São Paulo, cidade muito citada quando se trata do preconceito com o Nordeste devido ao foco de migração Nordeste-Sudeste ao longo das décadas. Logo, as críticas, a xenofobia, a carência de trabalho, a esperança de lograr melhores condições socioeconômicas, juntamente com outras razões, podem conduzir a uma maior acomodação dialetal. No entanto, o informante ressalta, esses mesmos falantes que convergiram sua fala ao dialeto de prestígio e que sofreram violência linguística, às vezes, são as mesmas pessoas que não acolhem através da linguagem os seus conterrâneos quando estes também chegam no estado paulistano. Ao final, o participante conecta o falar rural à característica “*puxado*”.

Os depoimentos dos *informantes 14, 15 e 16* tocam em um aspecto já visto nos dados das outras localidades: paraibanos que não são chamados pelo nome próprio, mas de “*Paraíba*”. Quase sempre, essa prática traz consigo não reconhecimento e consideração, mas rebaixamento, que resulta em constrangimento e opressão, como vemos nos excertos seguintes:

INF. 14: Não. Não sofri, mas tenho relatos de amigos que já... já aconteceu, principalmente quando eles foram trabalhar em São Paulo, Rio de Janeiro, aí já aconteceu isso.

P.: Poderia dar mais detalhes?

INF. 14: Eh primeiramente a questão do “*oxente*” que o pessoal fala bastante, né? [...] eu lembro desse caso que aconteceu com esse meu amigo, que foi ao trabalhar em São Paulo, aí vai logo chamando... caracterizando ele de Paraíba, de Paraíba.

P.: E você imagina que eles se sentiram como neste momento, eles falaram pra você mais ou menos como se sentiram?

INF. 14: Se sentiram constrangidos, envergonhados e não sentiram bem no momento.

INF. 16: [...] eu não cheguei a viajar pra fora, mas, tipo, eu tenho parentes do meu pai, principalmente tios e primos, que vão trabalhar em São Paulo e traz bastante história de pessoas que... que olhavam pra

ele com discriminação, por ser dessa região e tudo, soltando piada e falando do sotaque daqui da nossa região.

P.: E não são bem recepcionados?

INF. 16: Não são bem recepcionados, eh... ouve piadas: “você não deixa de ser sofredor”, “arrumando... tá tirando o emprego de alguém daqui e merece sofrer” e “Paraíba, cabeça inchada”.

Ademais, o *informante 14* sublinha o item dialetal “*oxente*” como algo avaliado negativamente por falantes paulistanos e cariocas. Já esse último participante narra frases muito fortes em relação ao preconceito social. Certamente, para ele, é uma dura realidade imaginar seus parentes sendo tratados como sofredores, usurpadores e cabeças inchadas – supostamente, designando má aparência. Por fim, temos o participante que afirmou ter enfrentado preconceito linguístico, agricultor, com mais de 40 anos, residente da zona rural:

P.: Muitas pessoas daqui da região costumam sair pra trabalhar, por exemplo, São Paulo e outros estados também, você foi alguma vez?

INF. 15: Viajei em dois mil e doze, no ano dois mil e doze, eu era solteiro ainda pra trabalhar na área da construção civil em São Paulo, numa empresa chamada HM.

P.: Lá, você não percebeu nenhum olhar por você ser nordestino, paraibano, seu jeito de falar?

INF. 15: Da pergunta anterior, eu me lembrei agora, encaixou. Percebi, sim.

P.: Você poderia relatar um pouquinho?

INF. 15: Percebi, sim. O pessoal lá da maioria paulista, apesar que um bom número de nordestino tinha lá... em São Paulo, tem até alguns ditados populares que diz assim: quem construiu São Paulo foi os nordestino. E eu concordo plenamente, né? Pessoal vem buscar o nordestino pra construir, trabalhar de pedreiro, de servente de pedreiro. Enfim, e tinha muito Nordeste lá, muitos são-vicentinos, seridoenses tinha lá, mas aquele pessoal eh... paulista, né? Pessoal carioca, engenheiros, enfim, eles ficavam olhando pra gente, quando a gente começava a falar, eles ficava olhando pra gente, é tanto que eles dizia: “ei, Paraíba”, só chamar a gente Paraíba, “ei, Paraíba, cê é paraibano, né?” Conheci pelo... pela maneira de você falar, pela forma que você se expressa”. E é isso, essas coisa a gente percebe.

Neste trecho, observamos a manifestação das relações de poder por intermédio da linguagem, em que os falantes do dialeto de maior prestígio ocupam também os cargos de *status* mais elevado – engenheiros –, manifestando seu poderio até mesmo pelo olhar sob àqueles que dispunham da mão-de-obra, ocupantes de profissões de menor renome – pedreiros e serventes – e falantes de um dialeto de menor prestígio.

P.: Quando você viaja, as pessoas podem saber de onde você é simplesmente por um modo como você fala?

INF. 14: Acredito que... acredito que sim, pelo menos a gente viaja pra alguma outra região do país, o nosso modo de falar é bem característico, então as pessoas tende a... a conhecer. Ah esse ali é um nordestino. Depende mais da cultura, em si, né? Tipo, se for alguém do interior tem mais essa... essa... essa característica, diferente um pouco do pessoal que mora na capital ou uma cidade metropolitana como Campina Grande, existe um pouco de diferença entre as suas regiões do mesmo estado.

Para finalizar este tópico, abordamos este excerto do informante 14. Em dado momento da entrevista, relata que o falar paraibano sofre preconceito linguístico em âmbito nacional e que acha essa atitude ruim, pois cada região tem suas características próprias e que, quem comete esse julgamento, é porque acha que o jeito que fala é superior ao da outra pessoa. Contudo, no trecho acima, vemos que ele faz uma distinção entre o falar do interior (que possuiria mais traços culturais) e o de Campina Grande-PB, que também faz parte do interior do estado, mas em mesmo patamar que o da capital. Nesse contexto, nos dados do município cubatiense, temos uma menção a esse prestígio atribuído ao falar campinense, supomos ser resultante da maior proximidade com a capital paraibana, em concordância com Lima (2019).

❖ Avaliação positiva ou negativa do falar da comunidade e/ou do paraibano

As respostas de cada informante abaixo referem-se respectivamente a duas indagações, quais sejam: *“Considerando que seu modo de falar é semelhante ao das pessoas com que você convive, no lugar onde você mora em São Vicente do Seridó, você tem orgulho do seu jeito de falar?”*; *“As pessoas na sua terra têm um modo de falar que você considera feio ou bonito?”*

INF. 13: Tenho orgulho.

INF. 13: Bonito

INF. 14: Tenho, porque a gente ao mesmo tempo não pode deixar as raízes, né? Como cresceu, claro que eh vamos tentando melhorar a questão da oratória, mas, ao mesmo tempo em em conversa com amigos ou conhecidos, a gente acaba falando sem se preocupar com preconceito ou algo do tipo.

INF. 14: Seria feio. Seria feio.

INF. 15: Tenho, sim. Tem orgulho do meu jeito de falar, eh... é uma coisa que eu lidei com a cultura do meu lugar e, como falamos anteriormente, o importante é que as pessoas do nosso meio compreenda e eu sou feliz com a minha forma de falar, sim.

INF. 15: Considero bonito, porque eu não vou... eu não vou julgar aquilo que eu também vivo, né? Eu não vou discriminar aquilo que eu também sou. Então, eu considero bonito. Mas existem também aquelas pessoas que não têm facilidade de falar [...]. Fala as palavra errada, às vez é por falta de atenção também. Às vez, se acostuma naquela cultura, naquele hábito de falar errado e falar diferente e não consegue se expressar bem por falta de atenção.

INF. 16: Eu tenho, tenho bastante orgulho, porque mostra de onde eu vim, a minha cultura e tipo é... é meu selo de que, quando eu chegar, o pessoal saber que eu sou de tal região. [...] Tem pessoas que... que infelizmente não têm essa esse orgulho, não gosta. Se possível, não não se identifica com pessoas dentro da nossa região.

INF. 16: Eh cada um com sua cultura. Eu acho bonito. Né?

Observamos que todos os informantes responderam afirmativamente quanto ao orgulho do modo de falar da comunidade de fala são-vicentina e seridoense. O *informante 13* manifesta atitudes positivas nesse sentido desde o início da entrevista; já o 14 tem demonstrado atitudes

negativas sobre o falar coletivo da sua região, vistas no primeiro tópico desta seção, agora menciona o seu orgulho e que não pode deixar suas raízes, aparentemente como um comportamento social desejável. Logo, o falante encontra-se em um cenário de paradoxo, pois, uma vez que sente orgulho, esperávamos que considerasse bonito o falar das pessoas de sua terra.

Quanto ao *informante 15*, sempre faz alusão à valorização da cultura, já que é um poeta cordelista assíduo na cidade e região, e expressa seu contentamento com a sua forma de falar. Em relação à qualidade estética, julga como bonito o falar da sua localidade, embora algumas pessoas utilizem palavras erradas por falta de atenção, de acordo com ele.

Concluindo, o último participante também manifesta um paradoxo, visto que agora considera a variedade da sua comunidade bonita, mas também, no primeiro tópico desta seção, admite ter o sotaque nordestino, bem como afirma não gostar muito do seu modo de falar por achar que comete erros e pelo sotaque, recordemos: “*tipo o sotaque, meu sotaque feio, tipo assim, feio*” (INF. 16). Ao que parece, quando a pergunta se relaciona mais com aspectos culturais e geográficos, tende a apresentar atitudes mais positivas, ao passo que, quando se volta mais para aspectos mais estritamente linguísticos, há a tendência de atitudes mais negativas.

❖ Atitudes sobre a diversidade linguística

Na sociedade, os falantes tendem a comparar a visão idealizada de norma-padrão com as demais variedades linguísticas, principalmente com as que gozam de menos prestígio, levando a julgamentos de valor em que estas são concebidas como inferiores (Bagno, 2017). Nessa ótica, os trechos que seguem são concernentes a uma pergunta (“*Você acha que tem alguns falares mais bonitos, melhores ou mais fáceis?*”) que busca captar a percepção dos participantes sobre essa diversidade.

INF. 13: Não, pra mim o paraibano fala bonito demais. Um sotaque que eu acho bonito [...] é o do mineiro.

INF. 14: Depende muito da interação, né? Se a gente interage com pessoas de outro estado, vai se adaptando ao modo de falar. Só que... talvez o pessoal do... do Rio, da parte da parte Sul eles falam um pouco mais eh... o português mais formal, né? Mais padrão, então acredito que é mais fácil de entendê-los.

INF. 15: Eu, particularmente, eu... eu admiro muito a forma do carioca falar, do carioca se expressar, do paulista também, eu admiro, acho bonito, eu particularmente acho bonito.

INF. 16: Tem a região dos... eu já vi um gaúcho falando, eu achei bastante bonito. Acho bonito o sotaque do Sul.

Conforme vemos nessas respostas, os dialetos que receberam avaliação positiva foram o paraibano, o mineiro, o carioca, o paulista e o gaúcho. Fora o *informante 13*, os demais apontaram favoravelmente apenas falares das regiões Sul e Sudeste, associando-os a noções de beleza, padronização e admiração.

Nesse sentido, alguns detalhes despertaram nossa atenção. Em primeiro lugar, o *informante 14* compara o dialeto do Sul e do carioca àqueles em que mais se aproximam da norma-padrão, o que, segundo ele, facilita a compreensão. Então, a construção ideológica das regiões mais ricas do país impacta a atribuição de prestígio linguístico aos dialetos do Sul e do Sudeste.

Em segundo lugar, o *informante 15* revela uma postura de admiração pelos dialetos paulista e carioca, o que é particularmente interessante, dado que ele próprio já enfrentou preconceito linguístico justamente dos cariocas e paulistas e, ainda assim, não demonstra aversão a esses falares, mas prestígio. Destarte, essa atitude sugere que a experiência de preconceito não necessariamente leva a uma repulsa quanto à forma de falar desses grupos dominantes. Este dado faz-nos recordar de Kaufmann (2011), o qual ressalta a necessidade de distinguir atitudes em relação à língua e atitudes referente à comunidade, uma vez que é possível alguém avaliar positivamente uma variedade ou língua sem, contudo, gostar do grupo social que a utiliza.

Por fim, temos a postura do *informante 16*, que realça o falar do Sul e o gaúcho, não citando nenhum falar nordestino. Contudo, destaca o pernambucano do seguinte modo quando questionado se em alguma ocasião sentiu-se intimidado ou confuso: “*É engraçado que, quando você vê outras pessoas de outros sotaques e mesmo sendo do Nordeste, você acha estranho. Tipo assim, o sotaque de Pernambuco, pernambucano de Recife, principalmente, é mais arrastada, é mais engraçada”.* Então, por vezes visto de forma prestigiada por outros nordestinos, como em Lima (2013), este sotaque é aqui mencionado com conotações desfavoráveis, como “*arrastado*” e “*engraçado*”.

4.5 O tenorense frente ao seu falar e ao falar do outro

Retomemos alguns traços dos participantes tenorenses: i) *informante 17*, 60 anos, residente da zona urbana, com ensino fundamental incompleto, agricultor; ii) *informante 18*, 37 anos, morador da área urbana, com ensino superior completo, agente de saúde e também professor; iii) *informante 19*, campesino, 55 anos, ensino fundamental completo, auxiliar de

serviços gerais e agricultor; iv) *informante 20*, domiciliado na área rural, 28 anos, ensino superior completo, professor. Compreendemos que a linguagem é um instrumento que nos permite observar as atitudes dos falantes em relação a si mesmos e aos outros (Meyerhoff, 2006). Dessa forma, constatamos que os participantes tenorenses revelam atitudes de paradoxo sobre a variedade da comunidade e de silenciamento sobre o próprio falar, mas também verificamos muitas reações positivas em relação a essas duas facetas.

❖ Atitudes relacionadas ao próprio falar

O primeiro informante de Tenório é um homem de 60 anos, morador da parte urbana da cidade, agricultor. Justamente devido às condições socioeconômicas, precisou interromper precocemente os estudos na quarta série do ensino fundamental (atual 5º ano), para se dedicar ao trabalho. Ainda assim, assevera: “*Minha profissão é agricultor e criador, mas desde criança que trabalho na agricultura e, assim, que nem eu já falei, eu não tenho orgulho, eu sinto prazer*”. Quando questionado sobre o seu modo de falar, afirma:

INF. 17: Olhe, eu falo demais... eu não sei ver as coisa e ficar calado, não. Eu sei, quem muito fala, muito erra, mas errou porque falou [...] Então, às vezes alguém que tenha um conhecimento melhor... eu digo sempre, quem tem um bom estudo, ele conhece as palavras, sabe dividir e resumir. Aí no meu caso, eu não tenho tanto estudo, aí é simples cuidado, mas eu não tenho vergonha de me apresentar diante de um governador, de quem quer que seja e falar o que eu sinto, o que eu sei, o que eu vou atrás. Assim, essa coisa de mim eu admiro muito, porque tem gente que, às vezes, morre de medo, de vergonha de falar com uma pessoa. Eu não, eu sou gente no mei de gente, né?

Conforme o discurso do informante, ele admira a sua capacidade de interagir abertamente, sem sentir vergonha e medo, independente do *status* social do interlocutor, pois enfatiza “*é gente no mei de gente*”, ou seja, ele se coloca como igual, então não há porque temer. Além disso, reconhece que aqueles que alcançaram um grau de instrução mais elevado do que o dele têm maiores habilidades comunicativas, contudo, deixa claro que não hesita em expressar aquilo que sente, sabe e busca.

Acerca dessa atitude positiva frente ao seu falar, supomos que tenha sido desenvolvida ao longo de sua vida, mediante seu vínculo forte e ativo com a comunidade tenorense. Esse participante é um pilar em sua localidade, precisando sempre interagir com o coletivo, mediar discussões e projetos: “*eu fui um dos que botava água em quatro jumento pras primeira pedra*

de calçamento ser sentada no município, então eu contribuí pra isso, né? E depois já de bastante tempo, passei a contribuir também em conselho, em comissão” (INF. 17).

Por outro lado, ao refletir sobre o uso da língua materna, pontua:

P.: Pensando no modo como você usa o português, você considera que fala e que escreve bem?

INF. 17: Não, porque... assim, é que nem eu já falei, eu tenho dificuldade por falta de conhecimento de estudo. Às vez, eu escrevo com uma letra e eu escrevo com outra; no meu pensamento, eu vou escrevendo certo [...] terá pessoas que já diz assim: “Pia, fulano fala tanto e ainda escreve errado?” (risos altos).

Depreendemos, então, que sente orgulho por sua coragem e autenticidade ao se comunicar, porém a falta de estudos afeta a forma como se enxerga como usuário da língua portuguesa, especialmente na escrita. Ademais, é interessante a sua visão sobre o próprio sotaque em comparação com outros, diz não saber se possui, “*porque o Rio de Janeiro tem um sotaque que de longe você conhece aquela pessoa. É de lá. Já o paulista, também. A gente nordestino, não, eu acho que fala tudo a mesma língua. Se tem alguém que inventa alguma coisa diferente, eu num sou desse tipo, não*” (INF. 17). Então, o informante tem uma percepção nítida dos sotaques carioca e paulista, já quanto ao sotaque nordestino, pode estar sugerindo que não é tão marcado ou que há uma homogeneidade linguística nas fronteiras do Nordeste.

Outro colaborador é o *informante 18*, único professor de Língua Portuguesa que compõe a nossa amostra, o qual exerce também a profissão de agente de saúde do município. Sua infância foi moldada pelas vivências no campo, porém reside na zona urbana de Tenório há pouco mais de vinte e cinco (25) anos. Questionado acerca do que acha de sua forma de falar, argumenta:

INF. 18: Eu gosto, eu gosto de... da forma de falar. Às vezes, eu sou muito disperso porque, às vezes, eu gosto mais do linguajar popular. Dá pra perceber. Eu gosto mais do linguajar, porque tem pessoas que vai mais pra questão da formalidade. E eu vejo assim, eu sempre digo aos meus alunos, a formalidade na língua portuguesa é, vai pela questão do ambiente onde você está, né? A gente tem que sempre se adaptar à realidade onde a gente tá.

Com base neste trecho, o informante considera-se disperso porque tem maior afeição pela linguagem popular, bem como aponta que, em sua prática pedagógica, costuma ressaltar a importância da adaptação da língua portuguesa ao contexto comunicativo. Mais à frente, o participante reflete sobre sua fala e escrita e, embora possua formação superior em letras, expressa uma tendência negativa em sua avaliação:

P.: Pensando no modo como você usa o português, você considera que fala e que escreve bem?

INF.18: Não muito, precisa muito de adaptação, preciso muito de... de... de avançar, né? Oh.. eu não fiz universidade, eu passei por ela, porque tem gente que vive a universidade, está lá presente todo, de tempo de curso, de tudo. E, na oportunidade, no meu tempo, eu não tive. Eu passei por ela. Eu não vivenciei a universidade, eu posso dizer que eu não vivenciei, porque teve coisas que eu não fiz, teve cursos que não participei, aqueles cursos extras, né? E, hoje, eu me vejo assim, eu preciso mais parar pra estudar, porque a vida é corrida, a gente trabalha... no meu caso, trabalho quarenta horas como agente de saúde, o dia todo, quando chega de noite, só dá tempo de tomar um banho e correr pra escola. Aí fica faltando tempo pra que você possa estudar, se aperfeiçoar mais, mas a escrever é aquela questão, é a questão de adaptação, não escrevo cem por cento bom, que a gente não escreve, né?

Diante disso, constatamos que a falta de vivência plena na universidade somada a carga de trabalho excessiva e à escassez de tempo para se dedicar aos estudos impactam a avaliação um tanto negativa sobre sua escrita e sobre seu conhecimento da língua portuguesa. Além disso, apesar de revelar apreço pela noção de adaptação da língua e pela diversidade linguística, expressa:

P.: Você já mudou sua forma de falar para se adaptar a uma situação, como você já acabou de dizer?

INF. 18: Já. É. Principalmente a questão de sala de aula, porque se a gente for entrar no clima dos alunos, a gente vai acabar desmerecendo a língua portuguesa, né? A gente... eu sempre coloco assim, que a língua portuguesa é isso. Por exemplo, a língua se fala corretamente desta forma, mas aí... que no cotidiano a gente acaba fugindo um pouco da regra, porque nós temos que adaptar o contexto social que a gente está.[...]. A gente vê hoje, nós temos uma escola no no ECI, tem oitenta alunos e o EJA, ao todo, não chega a trinta, mas quando você chega na rua, nós temos uma multidão de adolescentes perdidos nas drogas, no álcool, pessoas novas que não querem estudar, e eu vejo que isso prejudica até a própria fala deles, porque eles acabam caindo no mundo da gandaia e essa linguagem acaba morrendo, né? Aí a gente também percebe que existe várias gírias. Se você chega na rua, você vê uma pessoa fala de uma forma, outra fala de outra, outra fala de outra. Eu acho interessante o jeito que eles criam as próprias palavras.

Ainda permanece arraigada nele a crença de que o professor é um guardião da língua portuguesa? Vejamos que ele afirma: “*a língua portuguesa é isso*”, levando-nos a compreensão de que há apenas uma única forma correta e o que foge desse padrão é concebido como incorreto, algo que macula o idioma: “*a gente vai acabar desmerecendo a língua portuguesa*”. Além do mais, ele expõe os obstáculos encontrados no contexto de ensino-aprendizagem local quanto à evasão escolar e cita, nesse cenário, o uso das gírias pelos jovens. Não obstante a visão das gírias como um fenômeno que julga interessante, revela que, com isso, a juventude tem provocado a morte da linguagem, uma concepção tradicional de língua que vai de encontro àquela vista na resposta da pergunta anterior. A partir desse trecho, também notamos o quanto a língua se vincula a identidade dos grupos sociais e se insere também como ferramenta de inclusão e de exclusão.

Além destes, temos o *informante 19*, que mora no sítio desde o nascimento, há cinquenta e cinco anos, cursou até a oitava série (atual 9º ano), é servidor público e agricultor. Em seus depoimentos, analogamente ao *informante 17*, superou desafios na infância e adolescência que influenciaram em sua formação. Sobre os anos escolares, pontua:

INF. 19: Era bom e na mesma hora difícil. [...] Eu, como sou o mais velho da família, eu tinha que trabalhar até cinco horas da tarde, ser liberado, vinha pra casa, muitas vezes não tinha tempo nem de tomar banho, acredita? Passava água no coco rapidinho, me banhava, saía sem jantar pra não perder o carro, que chegava seis horas. Sempre trabalhei, desde... comecei pequeno e tinha que ajudar.

Essa realidade relatada pelo participante era comum nesta região paraibana, percebemos relatos semelhantes não só através do *corpus* desta pesquisa, como também por meio de histórias e vivências de nossos parentes e amigos de gerações passadas. No tocante às perguntas sobre a língua, observemos alguns trechos:

P.: O que você acha da sua forma de falar? Há algo específico que você goste ou que não goste no seu jeito de falar?

INF. 19: Eu gosto, eu gosto de falar até de eu dizer “oxente, pra onde tu vai?”. Aí eu acho bom, eu gosto de falar, da minha fala. Muitas vezes, eu acho ruim e feio a minha voz. Aí, sim, eu acho feio. [...] Muitas vezes a gente... eh se expressa errado.

P.: Pensando no modo como você usa o português, você considera que fala e que escreve bem?

INF. 19: Não, não... muitas vez a gente fala errado, né? E muitas vezes também escreve errado, eu não considero que eu... o português eu vou tá lá cem por cento não.

P.: Você considera que tem sotaque?

INF. 19: Considero.

P.: Qual?

INF. 19: É o sotaque paraibano, o sotaque nordestino, né?

Divergentemente, itens lexicais regionais como “*oxente*”, que foi citado pelo *informante 14* como alvo de avaliação negativa por falantes paulistas e cariocas, são mencionados positivamente neste excerto. Ainda assim, a *informante 19* manifesta ambivalência em relação a avaliação da sua forma de falar, mobiliza dimensões cognitivas e afetivas tanto para avaliar-se positivamente quanto negativamente. De início, demonstra aceitação e afeição, destacando inclusive um exemplo com o vocábulo “*oxente*”, o que aparentemente indica uma tendência favorável para aspectos do léxico regional, entretanto e logo em seguida, diz que sua voz é “*ruim*” e “*feia*”, possivelmente uma tendência para traços mais particulares, como altura, intensidade, timbre. Todavia, observamos que ele associa determinadas variantes a formas de falar “*erradas*” ou “*feias*”, com referência a um determinado grupo, já que faz uso da primeira pessoa do plural (“*a gente*”).

O uso desse pronome pessoal permanece no princípio da resposta ao segundo questionamento, no qual o participante reconhece que no tocante à língua portuguesa, não fala e nem escreve bem, negativa acentuada quatro vezes. Sua fala muito marcada pela noção de erro reforça a percepção de que seus usos não correspondem à idealizada norma-padrão, o que resulta em insegurança linguística. É possível que a autopercepção do *informante 19* tenha sido afetada por pressões sociais sobre sua variedade? Essa autocrítica é um reflexo de experiências desagradáveis de preconceito social conectado ao estigma linguístico do falar rural? Essas são reflexões que faremos mais adiante. Por fim, na última pergunta, o falante demonstra consciência do seu sotaque como pertencente ao nordestino e também, especificamente, ao paraibano.

O último colaborador tenorense tem 28 anos, com residência na área rural da localidade. Superou vários obstáculos em sua formação acadêmica, ainda assim considera o percurso da graduação como um dos melhores momentos de sua vida; tornou-se professor de física e possui mestrado. Ao sondarmos sua concepção e sentimentos sobre o próprio falar, alegou: *“Eu, em termo de fala, eu confesso que eu não sou tão bom assim em termos de fala, de linguajar, como o pessoal falante, vamos dizer assim, mas, em termo de escrita, ainda bem que sou um pouco bom, não tão bom como o pessoal de linguagem em si [...]”* (INF. 20). De antemão, já distingue suas competências quanto às modalidades da língua: na modalidade oral, “*não sou tão bom*”, pontua; na escrita, avalia-se com intensidade mais favorável, mas sem muita autoconfiança. Afinal, quem são esses sujeitos falantes a quem se compara?

Buscando aprofundar essa compreensão, indagamos mais diretamente: *“Pensando no modo como você usa o português, você considera que fala e que escreve bem?”* Obtivemos como resposta: *“Eu acho que, em termo de escrita, sessenta e cinco por cento ou até setenta, dependendo do português em si, porque eu tenho bastante cuidado na questão de repetição de palavra”*. Sobre a escrita, aponta seu monitoramento no estilo mais cuidado/formal e uma porcentagem expressivamente positiva. Concernente à sua oralidade, argumenta:

INF. 20: Assim, a fala em geral, pra nossa região Nordeste, eu considero que falo bem, né? Só que a gente sabe, porque o Nordeste tem a questão do regionalismo, tem muitas palavras que a cultura em si, nordestina, fala que, se a gente for lá pra fora, é um pouco diferente. Questão de regionalismo, mas, pra região Nordeste, eu acredito que eu falo bem.

P.: Você considera que tem algum sotaque?

INF. 20: Não. O sotaque mesmo só de nordestino (risos). Sotaque nordestino mesmo.

Ao mesmo tempo em que expressa sua identidade regional como falante do sotaque nordestino, no início de seu discurso, afirma que o Nordeste tem muito regionalismo. Logo, só

essa região em detrimento das demais regiões brasileiras possui vocábulos regionais marcantes? É interessante concatenar essa fala com o trecho anterior, no qual considera insatisfatória a sua forma de falar, devido ao “*linguajar*”, contudo, no excerto presente, contraditoriamente se avalia com bom falante “*pra nossa região Nordeste*”, atitude que instiga questionamentos. Então, o *informante 20* quer dizer: se comparado aos falares nordestinos, ele considera seu falar melhor? Ou, a partir do senso de pertencimento, enxerga bem o seu falar nordestino como uma marca de sua identidade? De modo geral, o participante demonstra certo grau de autoconfiança, sobretudo em relação à escrita. Inferimos que essa atitude favorável pode estar associada ao seu avanço no nível de escolaridade, bem como ao desenvolvimento de atividades de pesquisa, as quais realçam essa modalidade da língua.

❖ Percepções de preconceito sofrido sobre o falar nordestino/paraibano em âmbito nacional e local

No tocante às percepções de preconceito linguístico, dois dos quatro entrevistados tenorenses reconheceram ter sofrido discriminação. Em face dessas experiências excludentes, uma das atitudes evidenciadas foi o silenciamento. Acerca desse preconceito, temos o depoimento sensível do *informante 17* que, mesmo que não tenha enfrentado realidades semelhantes, é capaz de sentir a dor do seu semelhante:

INF. 17: Eu nunca sofri isso, também nunca fui pra lá, nem tenho pretendido ir, mas já tem visto em notícias pessoas paraibano e cearense a procura de trabalho, assim, às vez, levar sofrer esse tipo de coisa, né? Assim, eu creio, às vez, não é nem tanto por o tipo de falar. Às vez, é pessoas que não tem o conhecimento de de da necessidade que aquela pessoa se deslocou à procura de recurso, né? Aí às vez fica... eh... porque nasceu já num canto favorável, que tem o suficiente, aí às vez não sabe se colocar naquela outra pessoa que tá em busca e às vez, por isso, tem pessoas que xinga, né? Então... eu quando eu vejo esse tipo de coisa, mesmo num sendo comigo, em notícia, me dói, porque é duro... você imaginar sair à procura de deixar família, todo aquele seu dia a dia, em busca de recurso e, às vez, ouvir de pessoas, que já tá alicerçado, palavra tentando lhe diminuir. Esse aí eu acredito... é uma dor é... é uma ferida que pra sarar dá trabalho.

Primeiramente, ele pontua que nunca sofreu preconceito linguístico por parte de indivíduos de outras regiões brasileiras, até mesmo porque nunca saiu das fronteiras do Nordeste. Em segundo lugar, sublinha os empecilhos que migrantes, por exemplo paraibanos e cearenses, têm que suportar em busca de recursos, além do fato de ter que se distanciar muitas vezes da sua própria família. Em sua investigação sobre avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo, Oushiro (2015, p. 193) destaca que o processo de estigmatizar as variantes linguísticas deve-se ao fato de que “certos grupos com menor prestígio

social tendem a empregá-las; [...] Há, portanto, uma direcionalidade na atribuição de significados sociais às variantes; tais significados surgem de construtos sociais mais amplos que antecedem o uso da língua”. Em consonância com esse pressuposto, o *informante 17* revela essa consciência de que os xingamentos voltados a esses migrantes em regiões mais favorecidas não são motivados apenas por fatores linguísticos – “*eu creio, às vez, não é nem tanto por o tipo de falar*” (INF. 17) –, contudo são atravessados por fatores extralinguísticos vinculados às camadas sociais dominantes, que impõem seu poder sobre os grupos menos favorecidos através da linguagem. Logo, o entrevistado concluiu que o preconceito linguístico “*é uma ferida que pra sarar dá trabalho*” (INF. 17).

Além disso, o *informante 20* destacou que percebe nitidamente que as pessoas são julgadas pela forma de falar, mas que nunca passou por algo parecido, argumenta: “*eu acho que o Nordeste em si, as falas são bem próximas, então o pessoal em si ele se respeita. Agora, claro, se for pra fora, pras outras regiões, infelizmente, ainda hoje ainda predomina o preconceito*” (INF. 20). No entanto, constatamos tanto na pesquisa de Lima (2019) quanto no decorrer da nossa análise que a discriminação pode ocorrer dentro do território nordestino entre os seus próprios falantes, ou seja, é como se houvesse uma relação de hierarquia entre variedades nordestinas, resultante, provavelmente, de fatores político-econômicos.

Como já frisamos, o participante a seguir vivenciou a sua infância na zona rural de Tenório. Observemos esse depoimento que aborda esse aspecto de sua vida:

P.: Em algum momento da vida você sofreu um preconceito em relação a sua forma de falar?

INF. 18: Já, na escola, quando eu estudava, quando era mais novo porque, como eu vim do sítio, sempre quando você fala, ele diz assim: “Lá vem, esse bicho é do sítio, vieram do sítio não sabe nem falar, que vem do sítio”. Sempre tem a discriminação quando se fala a questão da língua, principalmente quando vem do sítio, e hoje ainda eu percebo na sala de aula que essa discriminação ainda continua. As pessoas ainda continuam discriminando a questão da língua. E, no meu tempo, foi a mesma situação, né? A gente fala, a gente... eu sempre fui muito bem acanhado. Hoje... hoje eu melhorei mais, mas sempre era muito bem tímido, né? Então, pra falar em sala de aula, eu tinha medo, mas aí... quando eu abria a boca, alguém discriminava. “Ah, é do sítio, só fala errado porque é do sítio. Veio do sítio nem... nem falar, não fala”.

P.: Então, comentaram, você percebeu um ar de riso?

INF. 18: É, ar de riso, um olhar pro outro, em fazer um gesto pro outro, porque a gente percebe, né? E essa questão... até mesmo de falar, de discriminar você... tipo no corredor da escola, na sala de aula ou, às vezes, o professor pergunta uma coisa, você tem vergonha, você fala e acaba passando por esse perrengue.

Mediante essas respostas, verificamos que a sala de aula fora o *locus* desse preconceito para o *informante 18* e está sendo para tantos outros estudantes oriundos também da área rural de Tenório, da Paraíba, do Nordeste... A instituição escolar é o ambiente frequentado pelo

aluno por longos anos, então, imaginamos que isso se torne um ciclo de preconceito vivenciado no decorrer de várias fases da vida dos discentes. Além do mais, notamos nesse trecho que, mesmo sendo uma cidade de pequeno porte, com divisão tênue entre as zonas territoriais urbana e rural, os falantes estabelecem distinções entre seus conterrâneos e produzem juízos de valor sobre os camponeses. Quais as representações dos moradores do sítio? No que se refere a isso, temos: “*não sabe nem falar*”/ “*só fala errado*” “*nem falar, não fala*” (INF. 18), isto é, há uma construção de estereótipos sobre as variedades rurais e seus falantes, que, certamente, impactam em muito a forma como eles se enxergam. Como discutimos, essa associação negativa direcionada a esse grupo social também é vista em Freire (2016), que constatou a existência de formas prestigiadas e des prestigiadas em Jacaraú-PB. Em seus dados, os informantes adultos do sexo masculino vincularam o falar errado a pessoas sem escolarização, socialmente menos favorecidas e oriundas da zona rural.

No discurso do nosso informante, verificamos que os camponeses são vistos como pessoas inibidas, que não se expressam. Contudo, nos questionamos como poderiam interagir abertamente em sala de aula, se, ao se pronunciarem, sua fala é vista como errada e são atingidos por discriminações que excedem o linguístico, vão além: “*ar de riso, um olhar pro outro, em fazer um gesto pro outro, porque a gente percebe*” (INF. 18). Assim, indagamos como é que ele se sentia nessas situações.

NF. 18: Horrível. Horrível, porque a gente acaba inibindo, né? Quando você é corrigido, porque a intenção do outro em sala de aula é que você se tranque, vamos usar a palavra “se tranque”, você fala, eu vou reprimir fulano porque fulano ali já era. E realmente isso muito acontece, né? Hoje em dia, também acontece na sala de aula. Muitas vezes, o aluno vai falar, o outro rebate e, quando rebate, você paralisa.

Logo, ele enfaticamente menciona que se sentiu horrível perante esse julgamento para com sua origem e seu falar. Notamos um preconceito que se personifica, imobilizando e silenciando o sujeito. Quantas vozes estão sendo silenciadas pela estigmatização do falar rural? Observamos que Cyranka (2007) demonstrou a influência das crenças veiculadas no ambiente escolar na avaliação dos estudantes sobre o próprio falar, e, com isso, refletimos se esse preconceito sofrido na escola durante a infância/adolescência do *informante 18* repercutiu em sua percepção negativa sobre sua competência linguística (conferir *Atitudes relacionadas ao próprio falar* desta seção 4.5).

Esta mesma reflexão se estende também ao modo como o *informante 19* se enxergou como falante da língua portuguesa. No transcurso da entrevista, compartilhamos minha

experiência negativa enquanto residente campesina estudando em uma sala de aula urbana, à época. Ao identificar-se com a vivência, relatou:

INF. 19: O pessoal sempre fala isso: “Só sendo do sítio”. Muitas vezes, chega na cidade desarrumado, inclusive às vez tá trabalhano, eu vejo muito isso, a pessoa tá trabalhano aí pra ver aquela pessoa, aí chega e diz: “Só sendo do sítio” (inint.). Que, na realidade, hoje tá muito diferente do que era a gente há trinta anos atrás, quarenta anos atrás, mas coisa muito isso. Inclusive nas escola, a gente vê muito o preconceito dos menino porque mora na cidade, acha que chique, com preconceito com quem mora no sítio.

Nesse sentido, com base em sua fala, ainda que a sociedade tenha atravessado muitas mudanças nas últimas décadas, esse preconceito permanece enraizado e perpetuando estereótipos, como: quem mora na cidade é refinado ao passo que o morador do sítio é desarrumado. Em outra pergunta, hesitou em reconhecer o preconceito linguístico/social que sofreu, *a priori*, mas depois trouxe relatos sobre e como se comportou frente à situação:

P.: Em algum momento da vida você sofreu preconceito sobre sua forma de falar?

INF. 19: Não.

P.: Você percebeu um olhar, uma crítica, um riso, alguma coisa do tipo?

INF. 19: Eh inclusive eu tava outro dia, aquilo que eu te falei agora a pouco. Eu tava lá em São Paulo, outro dia eu fui lá. “Esse rapaz é cearense”. Certamente, não concordou com minha voz, não gostou do meu sotaque.

P.: Alguém comentou?

INF. 19: Foi. Foi. Foi. Até ele disse assim: “esse perfume não é desse lugar”. Quer dizer... quando eu falei, que a gente foi comprar um negócio lá, aí o cara ofereceu um perfume, aí a gente disse que não queria. Aí ele olhou pra o outro e disse: “esse perfume não é desse lugar, deve ser cearense, pela voz...”

P.: Como é que você se sentiu nessa situação?

INF. 19: Foi meio... eu fiquei tranquilo. E me magoaram, mas fui embora calado.

P.: Mas incomodou um pouco, né?

INF. 19: Incomodou, mas sai calado.

O depoimento é referente à sua passagem em São Paulo, em que o sotaque e a origem regional, nesse caso, são usados para traçar um perfil depreciativo. Os falantes locais deixaram explícita a noção de não pertencimento e que o *informante 19* não era bem-vindo: “*esse perfume não é desse lugar*”. Conquanto ele afirme que ficou tranquilo, o fato de admitir que se magoou e incomodou revela indiretamente o impacto emocional dessa situação. Nos chama atenção mais uma vez a atitude de silenciamento, por que ele escolhe sair calado? Sugere um esgotamento em face do contínuo processo de preconceito em regiões mais favorecidas? Sua atitude pode indicar também uma sensação de impotência frente a esses juízos de valor, ou, ainda, a noção de que se trata de uma realidade que não seria transformada apenas com seu discurso de resistência. Compreendemos o quanto o preconceito linguístico é difícil de combater, posto que se encontra, muitas vezes, de forma velada e sutil, camuflando o social.

Outrossim, o *informante 19* admite que o falar paraibano sofre discriminação em âmbito nacional e assevera:

INF. 19: Eu acredito que sim, muitas vezes a gente chega lá fora... não é nem... eh é no Sul do país, quando eu vou, eu sempre falo no Sul do país, as pessoas é muito discriminada pela questão da voz, pela questão da região, porque eles acha que aqui não presta pra nada, que o pessoal é tudo morrendo de fome. Então, o pessoal lá de fora eles entende o nordestino, a gente paraibano, como isso, um lugar seco, um lugar que muita gente tá passando fome, que na realidade não é.

Sendo assim, notamos que o conceito de nordestino arraigado na percepção desses falantes de regiões de maior poder econômico conduz à atitude de discriminação, a qual tem base social e não intrinsecamente linguística (Trudgill, 2003). Finalizamos esse tópico com as palavras de Bortoni-Ricardo (2004, p. 34-35):

Estamos vendo, então, que são fatores históricos, políticos e econômicos que conferem prestígio a certos dialetos ou variedades regionais e, conseqüentemente, alimentam rejeição e preconceito em relação a outros. Mas sabemos que esse preconceito é perverso, não tem fundamentos científicos e tem de ser seriamente combatido, começando na escola. (...) Histórias como essas nos deixam indignados, mas precisamos tomar conhecimento da magnitude e dos efeitos nefastos do preconceito linguístico para podermos nos municiar de informações científicas e combatê-lo.

❖ Avaliação positiva ou negativa do falar da comunidade e/ou do paraibano

No tocante ao questionamento *“Considerando que seu modo de falar é semelhante ao das pessoas com quem você convive, no lugar onde mora aqui em Tenório, você tem orgulho do seu jeito de falar?”*, destacamos estes excertos:

INF. 17: Tem.

P.: Por que?

INF. 17: É porque... assim, foi um dom que Deus me deu e eu agradeço todo o dom que Deus me dá [...] Eu tenho prazer, sinto prazer no meu jeito de falar e falar a língua de todos, que eu falo eles entende e eu entendo o que eles fala, então isso pra mim é um prazer grande.

INF. 18: Eu tenho orgulho do que eu falo, do jeito de falar, porque é uma linguagem que abre espaço pra os outros e é de fácil entendimento, né? Porque não adianta querer falar, não adianta querer falar gramaticalmente correto, se, muitas vezes, as pessoas não vão entender. Ou então, quando você tenta falar gramaticalmente correto, as pessoas vão bater em cima. “Ah já estão querendo... se achando, só quer ser o falante. Só quer ser importante”. Até mesmo quando a gente faz um curso, pronto, uma especialização, “só tá isso porque sabe que é especialista disso”. E a gente sempre vê essa questão das pessoas falarem isso.

INF. 19: Tenho.

INF. 20: Sim, tenho bastante orgulho.

P.: Por que?

INF. 20: Porque eu falo conforme eles fala também no dia a dia e isso facilita. [...] Então, assim, quando eu estou falando aqui com o alunado, eu busco a linguagem que eles usa. Certo? Justamente pra compreender o que eu estou falando. Se eu estou falando já no nível... do meu nível ou graduando em si, eu já tenho que mudar a minha fala e falar, como se diz, com a linguagem mais formal possível.

Dessa forma, notamos que os quatro participantes responderam afirmativamente à pergunta. Em outro momento da entrevista, o *informante 17* sente-se fortalecido e privilegiado por ser do Seridó Oriental Paraibano e, nesse questionamento, reforça esse entendimento ao justificar seu orgulho pelo falar da comunidade, é satisfatório para ele, pois consegue utilizar a linguagem coletiva, que facilita a comunicação.

Similarmente, o *informante 18* diz orgulhar-se por ser nordestino e paraibano, bem como pela variedade de sua localidade, uma vez que a facilidade de entendimento abre portas às pessoas e conecta-as em diferentes grupos sociais. Um diferencial em seu discurso é a noção de que o falar “*gramaticalmente correto*” pode conduzir a barreiras e críticas por parte dos outros. Esse trecho deste informante também vai de encontro a outros analisados anteriormente, esse orgulho regional não impacta totalmente a sua concepção de que em sua localidade tem pessoas que falam errado e jovens apresentam usos que desmerecem a língua portuguesa. Além disso, indica uma tensão entre o uso de uma linguagem formal e o que é considerado incorreto. Isso pode ser relacionado ao preconceito linguístico enraizado na sociedade.

O *informante 19* também respondeu de modo positivo, como também ressalta em outro trecho seu senso de pertencimento regional e resistência a morar em outra região: “*Gosto, Paraíba, Nordeste é o meu lugar. Inclusive minha família mora lá em São Paulo, só tem eu aqui. Minha mãe, meus irmão, tudo mora lá, mas eu, na minha Paraíba não deixo, não, de todo jeito é bom, é sossegado, né?*” (INF. 19). Em relação ao *informante 20*, menciona que a adaptação linguística, dependendo do contexto (menos formal com os alunos da educação básica e mais formal em outros contextos, como no ensino superior).

No intuito de confirmar ou não essas atitudes manifestadas, lançamos a pergunta: “*As pessoas da sua terra têm o modo de falar que você considera feio ou bonito?*”.

INF. 17: Eu acredito, bonito, porque dá pra todo mundo entender o que a pessoa fala, né?

INF. 18: Eu considero... bonito. Aquela questão, simplesmente razoável, né? Na questão de se adaptar. É o que eu falei a você. Aqui, nós temos uma questão de adaptação. Nós temos pessoas que falam gramaticalmente, vamos dizer, entre aspas, não todo correto, mas falam de uma forma bem informal, mas nós temos uma... noventa por cento das pessoas, não falam. [...] Aí nós temos um déficit também muito grande quando a gente vai pra questão de professores de fundamental que não sabem falar. Estão

lá porque fizeram concurso e alguém colocou naquele termo político e fulano não tem... tem o curso de pedagogia porque fez nas carreira e o aluno já sai de lá da escola com esse problema de fala. Nós temos, nós temos uns alunos aí passados, que nós temos uma professora que ela falava muito... eu não vou dizer errado, de forma errada, então, a maioria dos alunos que passaram por ela, não conseguiram perder o jeito de falar, eles continua até hoje. Pronto, até esses dias eu tava conversando, tem um menino que se formou em advogado, ele disse: “Aquela professora me traumatizou porque até hoje eu falo palavras erradas”, eu passei por duas graduações, mas eu não consegui perder a forma de falar, porque toda vez eu me lembro da tal professora”.

Destarte, vemos que o primeiro participante mantém sua atitude positiva, ao passo que o *informante 18* pensa um pouco para poder afirmar que considera bonito, em sequência retifica como “*razoável*”. Nesse contexto, salientamos o quanto a noção de beleza é subjetiva e, por vezes, determinada pelo componente afetivo, pois, embora declare uma visão favorável, a princípio, especifica muito mais traços negativos em seu argumento. Sobre isso, faz uma crítica a alguns professores da rede municipal que “*não sabem falar*”, o que aponta novamente para raízes de preconceito linguístico. Além do mais, resgata a história de um outro tenorense, formado em advocacia, mas que carrega um trauma linguístico, uma bagagem de palavras “*erradas*” – de acordo com ele – herdada de sua professora. Ainda ressalta que esta mesma docente tem marcado de modo negativo outros alunos ao longo do tempo, visão essa um tanto limitada, sobretudo para alguém como esse informante, também professor de língua portuguesa. Nos questionamos se esse participante vivenciou discussões sobre os efeitos da estigmatização das variedades linguísticas no decorrer do seu curso de Letras. Por fim, sua fala reforça o papel das instituições educacionais no desenvolvimento das atitudes linguísticas (Lasagabaster, 1998), na construção e manutenção de normas linguísticas que corroboram para a marginalização de algumas variedades.

Reagindo à mesma pergunta, o *informante 19* revela uma atitude paradoxal, visto que anteriormente relata que sente orgulho pelo falar da comunidade, contudo diz de modo muito objetivo: “*feio*”. Aguardávamos discursos que se complementassem na construção dessa percepção positiva, mas o que levou a essa ambivalência? Temos aqui a presença do prestígio encoberto de alguma forma? É possível que tenha internalizado algum estigma linguístico da sociedade sobre o falar paraibano, nordestino ou rural e, por isso, avalie-o como feio, e, ainda assim, atribuir valor sociocultural positivo, sinalizando solidariedade intergrupar. Consoante Cameron (1995, p. 1, *apud* Bagno, 2017, p. 111), “todas as atitudes frente à língua e à mudança linguística são fundamentalmente ideológicas, e o parentesco entre ideologias populares e eruditas, embora complexa e conflitante, é mais íntimo do que se poderia pensar”.

Em contrapartida, o *informante 20* considera que as pessoas de sua terra, até mesmo do contexto rural, falam bonito:

INF. 20: Eu considero bonito, eu considero bonito porque é o seguinte, principalmente o pessoal que não teve acesso, vamos dizer assim, à educação nos tempos deles, quando eu falo assim é principalmente os idosos, e a gente vê que eles ainda conseguiram ter um pouco de aprendizagem, então, assim, eu, como respeito sempre o próximo, eu acho sempre bonito.

Sendo assim, sua fala reflete um apreço pela forma local de se expressar e respeito em relação à parcela da população que não teve amplo acesso à educação formal, mas que, mesmo defronte de dificuldades, conseguiram obter conhecimento.

❖ Atitudes sobre a diversidade linguística

No que se refere às atitudes relacionadas à estética, valor e compreensão, as variedades mencionadas pelos informantes tenorenses constam entre as indicadas por informantes das demais localidades pesquisadas. Sublinhamos alguns trechos para que possamos visualizar a construção de argumentos em direção a esses falares:

INF. 17: Não. Eu acho que o paraibano, assim... pra mim, que... que... pra gente aqui, eu creio que é o mais bonito. Eu falo exatamente com todas as letras (risos).

INF. 18: Não, eu... eu assim... eu tenho uma paixão pela forma de falar do Sul, né? Aquele “esse” puxado, o “erre” puxado, mas aí... é como eu coloco, é de região pra região, né? [...] Mas eu acho bem interessante, por quê? Principalmente as questões das crianças, elas são mais, eu vou dizer aí, usar palavras... mais requintadas na... nas palavras, na forma de falar, são calmas, falam bem corretinho, mesmo que a gramática esteja um pouco desviada, mas eles tentam falar o máximo possível correto. Enquanto, quando a gente vai pras nossas crianças daqui, a gente vê que é um atropelo só, né?

INF. 19: Eu acho que a fala do mineiro é mais fácil de entender. É o mineiro, o carioca, ele fala bem legal, acho a voz bonita, a fala bonita, né?

INF. 20: Assim, mais bonito... eu vou vender o peixe, o mais bonito é o nordestino. A gente tem que dizer que o nosso é o mais bonito, né? Os outros, em geral, têm um pouco do puxar da língua, que a gente chama. Mas, eu acredito que o nordestino, claro, eu acho o mais bonito.

Como aguardado, o *informante 17*, que demonstra muita valorização regional desde o início, destaca o falar paraibano como bonito, e salienta: “*Eu falo exatamente com todas as letras!*”. Já o *informante 20* sinaliza o nordestino, sob o argumento de que “*a gente tem que dizer que o nosso é o mais bonito*”. Sobre dialetos em que não compreendeu bem em alguma situação, apontou o carioca. Dentre os quatro colaboradores tenorenses, é válido notar que estes

dois foram os que revelaram mais autoconfiança ao longo da entrevista e, nesse momento, fato que pode estar relacionado a esse olhar mais valorizador para as próprias origens.

Por outro lado, o *informante 19* indica dois dialetos, o mineiro como de fácil entendimento e o carioca como bonito e legal, mais uma vez as variedades do Sudeste recebendo destaque entre a diversidade linguística. Quanto a sentir-se confuso, cita o gaúcho com um falar rápido.

Concluindo, o *informante 18* sinaliza que tem “*uma paixão pela forma de falar do Sul*”, ou seja, revela a sua afeição para com outros falares. Além do mais, mais uma vez manifesta estar arraigado a uma um padrão idealizado de língua, em que o que foge desse padrão é tido como desvio. Em sua argumentação, diferencia as crianças sulistas como requintadas, educadas, que falam correto, das crianças da localidade, que falam de modo caótico (“*um atropelo só!*”). Vemos, a partir desse exemplo, que perdura uma construção ideológica vinculada a questões de ordem social sobre os falantes das regiões favorecidas *versus* os falantes nordestinos.

Na seção a seguir, apresentamos uma síntese das principais conclusões deste capítulo de análise dos dados.

4.6 Síntese dos traços atitudinais da região microlinguística do Seridó Oriental paraibano

O intuito desta seção é realizar um apanhado dos resultados encontrados e aqui já discutidos. Com base nisso, o quadro abaixo traz uma síntese das atitudes análogas entre as cinco localidades, mas também das particularidades observadas em cada uma delas.

Quadro 3 – Síntese das atitudes linguísticas do Seridó Oriental paraibano

Aspecto em análise	Predominância	Particularidades
Atitudes relacionadas ao próprio falar	<ul style="list-style-type: none"> • Presença marcante de atitudes paradoxais. • O avanço no nível de escolaridade e/ou o contato com outras variedades ou situações comunicativas mais formais são percebidos pelos falantes como elementos que influenciam a fala. • O menor grau de instrução e a origem rural são, por vezes, associados a um falar "errado", tanto na percepção do próprio falante quanto na crítica de outros. 	<ul style="list-style-type: none"> • Baraúna e Cubati: tendência inicial mais forte a atitudes negativas na autoavaliação; a escolaridade elevada nem sempre garante uma postura de segurança linguística. • Picuí: inclinação mais positiva frente à própria variedade, embora ainda com traços de insegurança. • São Vicente do Seridó: silenciamento frente ao preconceito linguístico. • Tenório: a zona territorial (rural <i>versus</i> urbana) é apontada como possível fator de distinção.
Percepções de preconceito sobre o falar nordestino/paraibano em âmbito nacional e local	<ul style="list-style-type: none"> • Todos os informantes reconheceram a existência de preconceito a nível nacional contra o falar nordestino/paraibano. 	<ul style="list-style-type: none"> • Baraúna, Cubati e Picuí: o preconceito não se restringe a outras regiões do país, mas também ocorre nos limites do Nordeste e da Paraíba; oposição capital/interior. • São Vicente do Seridó: ênfase nas experiências negativas sofridas por migrantes são-vicentinos em cidades metropolitanas. • Tenório: destaque para preconceito relacionado à origem rural e atitudes de silenciamento.
Avaliação positiva ou negativa do falar da comunidade e/ou do paraibano	<ul style="list-style-type: none"> • Forte orgulho e identificação regional e cultural com a variedade da comunidade, atitudes que se opõem a outras dos mesmos informantes. • Frequentemente considerado "normal" ou "fácil de entender". 	<ul style="list-style-type: none"> • Baraúna: avaliação negativa, sotaque associado a "interiorzão", "falar errado". • Cubati, Picuí e São Vicente do Seridó: tendência de reações positivas sobre esse aspecto. • Tenório: dois dos quatro informantes manifestam avaliações negativas acerca da variedade local, avaliando-a como "feia" ou "razoável".
Atitudes sobre a diversidade linguística	<ul style="list-style-type: none"> • Tendência a associar prestígio e beleza a variedades de regiões mais desenvolvidas economicamente, especialmente do Sudeste. 	<ul style="list-style-type: none"> • Picuí: demonstrou atitudes mais favoráveis frente às variedades e um nível maior de consciência linguística em comparação com Baraúna e Cubati. • São Vicente do Seridó: embora alguns informantes tenham enfrentado preconceito por parte de cariocas/paulistas, demonstram admiração por esses falares. • Tenório: metade dos informantes da cidade destaca enfaticamente que o falar local (paraibano/nordestino) é o mais bonito.

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Fundamentando-nos neste quadro, verificamos, primeiramente, as atitudes linguísticas que foram predominantes na amostra. Sobressai-se um paradoxo entre os falantes quando comparamos os aspectos um e três do quadro, visto que sentem orgulho da variedade paraibana/nordestina (traço cultural/geográfico), entretanto avaliam negativamente aspectos linguísticos específicos da própria fala ou da fala da comunidade (expressões como "*vícios de linguagem*", "*palavras erradas*" e "*sotaque feio*" foram regulares). Acerca disso, pode haver uma tensão entre a identidade regional e as pressões sociais baseadas na noção de norma padrão, visão idealizada que não corresponde à realidade. Além disso, a noção de erro na fala é, por vezes, concatenada ao baixo nível de escolaridade e à zona rural.

Outrossim, os informantes ressaltaram o preconceito linguístico na esfera nacional e, ainda, a variedade paraibana/nordestina é destacada como de fácil compreensão, ao passo que os critérios de beleza e prestígio são relacionados às variedades do Sudeste.

A respeito dos traços que se mostraram mais específicos dentre os municípios analisados, começamos pelo quesito escolarização. Os dados mostraram uma tendência de avaliações favoráveis do próprio falar conforme o avanço no nível de escolaridade, todavia essa característica social do informante nem sempre garante a sua autoavaliação positiva. Prova disso é que, em Cubati e Baraúna, há informantes com superior completo que manifestaram insegurança linguística, e, em contrapartida, uma informante que possui o ensino fundamental completo demonstrou maior segurança linguística. Em Tenório, um ponto levantado foi o preconceito voltado àqueles falantes de origem rural, uma distinção entre o falar urbano, ainda que a cidade possua limites sutis entre as zonas territoriais. Além disso, essas atitudes negativas para com o falar rural (em Tenório) e com o paraibano/nordestino (em São Vicente do Seridó) resultaram em silenciamento daqueles que foram alvos destes preconceitos.

Depreendemos que esse silenciamento revela-se tanto no ato de fazer calar exercido pelos sujeitos que cometem o preconceito linguístico e social quanto na atitude das próprias vítimas, ou seja, como uma resposta comportamental e emocional manifestada por esses informantes, algumas vezes, quando são alvos de discriminação relacionada ao seu modo de falar. Esse silêncio também transmite um significado, uma vez que evitar se expressar, calar-se ou paralisar diante de comentários pejorativos pode ser uma atitude que demonstra esgotamento, sensação de impotência ou a crença de que a resistência não mudaria a situação.

Predominantemente, os informantes reconheceram que o falar paraibano sofre discriminação, muitos relatam experiências concretas e duras, como o caso dos migrantes são vicentinos e seridoenses em São Paulo. Inclusive, em Baraúna, Cubati e Picuí, os informantes

enfatazaram que esse preconceito linguístico ocorre, por vezes, dentro da própria região nordestina ou no interior do mesmo estado, entrelaçado a dicotomias (capital/ interior; sítio/cidade; zona urbana/zona rural; Sul/Nordeste). Assim, a persistência de estereótipos difundidos nacionalmente levou à internalização dessas percepções negativas sobre a própria variedade?

Sobre a diversidade linguística, os resultados de Picuí contrastam com os de Baraúna e com os de Cubati, revelando atitudes mais positivas mediante a variação e um nível maior de consciência linguística. Por outro lado, em Tenório, verificamos uma inclinação a avaliar o falar local como o mais bonito (metade dos entrevistados). O prestígio das variedades linguísticas do Sudeste foi evidente, porém uma atitude intrigante é vista em São Vicente do Seridó, em que informantes expressaram admiração por dialetos paulistas e cariocas, mesmo tendo sofrido preconceito por falantes dessas mesmas variedades. Esse cenário confirma o pressuposto de Kaufmann (2011), de que a atitude em relação à variedade linguística pode ser diferente da atitude em relação aos seus falantes.

Além disso, o orgulho regional não impediu que baraunenses e tenorenses avaliassem negativamente o falar local e o sotaque (“*interiorzão*”; “*razoável*”; “*falar errado*”; “*feio*”) em comparação às três outras cidades.

Por fim, gostaríamos de destacar alguns pontos referentes à regionalização dos estados brasileiros. Como informado no capítulo concernente à metodologia, até 2017, adotava-se a divisão de mesorregiões e microrregiões entre os estados federativos. As localidades contempladas nesta pesquisa pertencem, conforme essa organização, à microrregião do Seridó Oriental da Paraíba e à mesorregião da Borborema. A partir de 2017, o IBGE estabeleceu novos parâmetros de regionalização, cada estado possui regiões intermediárias e imediatas. Entendemos que essa nova divisão geográfica leva em conta as redes firmadas entre os municípios, fatores como a dinâmica urbana e critérios econômicos parecem ser mais relevantes do que traços regionais, sociais ou até mesmo campesinos. Logo, “têm na rede urbana o seu principal elemento de referência. Essas regiões são estruturadas a partir de centros urbanos próximos para a satisfação das necessidades imediatas das populações” (IBGE, 2017, p. 20).

Diante disso, Campina Grande (antes microrregião paraibana e também cidade pertencente à mesorregião do Agreste) constitui, hoje, uma região imediata e, de modo mais amplo, uma região intermediária que engloba setenta e dois (72) municípios, dentre eles, os cinco que foram *locus* desta pesquisa. Portanto, todas essas informações frisadas conduzem à reflexão: A atual regionalização representa também, e de fato, as fronteiras linguísticas? Os falantes das localidades antes pertencentes ao Seridó Oriental possuem atitudes linguísticas

similares aos falantes de Campina Grande, a qual estão geograficamente conectados atualmente?

Acreditamos que, uma vez que o fator econômico parece ter maior relevância, possivelmente a nova regionalização não reflita a realidade das comunidades linguísticas. Como não obtivemos acesso completo a pesquisas específicas sobre atitudes linguísticas em Campina Grande¹² e já que em Lima (2019) houve a participação de apenas dois informantes campinenses, não podemos realizar um comparativo com os resultados de nossa investigação.

Assim, não podemos afirmar categoricamente que o Seridó Oriental paraibano constitui uma região microlinguística, contudo há indicativos dessa possível realidade em nossos dados, pois mais de um informante faz distinção entre os falantes de cidades de porte menor da região e os moradores de Campina Grande. Uma entrevistada até mesmo relata experiências de preconceito linguístico no período em que cursou sua graduação em polo campinense, colegas residentes naquele lugar apresentaram atitudes negativas para com a informante por ser do interior.

Destarte, partimos de uma hipótese de que não há uma sobreposição entre a região microlinguística e a região geográfica atual. Infelizmente, não podemos assegurá-la mediante os dados que dispomos, investigações futuras poderão ser desdobradas a fim de analisar essa questão.

¹² Como o estudo de Ramos (1999).

5 PALAVRAS FINAIS

As relações linguísticas são permeadas por uma dinâmica social muito complexa, como uma teia que se conecta a variados elementos sociais, experiências, bagagens e práticas internalizadas. Por vezes, captar a profundidade dessas relações parece uma tarefa intrincada ao ser humano, mas muitos já trilharam esse caminho do conhecimento... e nós também o enveredamos, com o intuito de poder apreender ao menos algumas facetas ligadas ao sujeito e suas atitudes sobre a língua.

Sendo assim, esta dissertação buscou compreender as manifestações de atitudes linguísticas de paraibanos da microrregião do Seridó Oriental, a partir de três objetivos específicos que consistiram em: descrever as atitudes linguísticas desses falantes – baraunenses, cubatienses, picuienses, são-vicentinos e seridoenses, e tenorenses; analisar a existência de atitudes positivas e/ou negativas reveladas pelos sujeitos da pesquisa em relação ao seu falar e ao falar de sua comunidade; comparar traços semelhantes e distintos entre os dados dos municípios pertencentes a essa microrregião.

A fim de cumprir com esses propósitos, realizamos um estudo de natureza qualitativa e de cunho descritivo. O *corpus* foi composto a partir de uma abordagem direta, com entrevistas gravadas em formato de áudio, contou com a participação de 20 (vinte) informantes residentes do Seridó Oriental paraibano, os quais foram estratificados conforme critérios de zona territorial (urbana e rural) e nível de escolaridade (sem instrução formal até ensino médio ou ensino superior completo). Com base na análise dos dados apresentados no Capítulo 4, é possível retomar e responder às questões de pesquisa que nortearam este estudo.

Quanto à primeira pergunta (*Como os falantes do Seridó Oriental paraibano pensam e agem em relação ao seu falar e ao de sua comunidade?*), os resultados evidenciaram uma relação complexa e muitas vezes paradoxal entre o seu próprio falar e o falar de sua comunidade, visto que, em sua maioria, os participantes manifestaram uma atitude positiva quando o foco está na região geográfica, nas origens e na identidade nordestina/paraibana, mas, concomitantemente, uma tendência negativa quanto à traços estritamente linguísticos ou para comparações com variedades de maior prestígio social.

Nesta perspectiva, sentem forte orgulho e identificação regional com a variedade paraibana/nordestina, validados por justificativas como terem nascido e crescido na Paraíba, por ser reflexo de suas raízes e história de vida, por considerarem o falar como "*normal*" ou "*fácil de entender*". Em contrapartida, aspectos linguísticos específicos da própria fala ou da fala da comunidade são frequentemente avaliados negativamente, com menções a "*vícios de*

linguagem", "*palavras erradas*", "*sotaque feio*", "*engraçado*", "*arrastado*" e "*forte*", por exemplo.

Além disso, todos reconhecem o preconceito linguístico em âmbito nacional para com o falar paraibano. No que concerne a esse tópico, levantamos o questionamento se a ampla propagação e persistência dessa discriminação linguística repercutiu internamente sobre a comunidade de fala paraibana e nordestina. Em outras palavras, se está moldando significativamente as suas próprias atitudes linguísticas, uma vez que alguns entrevistados revelaram experiências de discriminação sofridas localmente nos limites geográficos do estado da Paraíba e da região Nordeste. Ainda em referência ao preconceito, o menor grau de instrução foi, por vezes, associado a um falar errado ou negativo, tanto na percepção do próprio falante quanto na avaliação de outros. Ainda, informantes campesinos relataram mais frequentemente a discriminação direcionada à sua origem, sendo aproximados de características negativas ("*não saber falar*", "*falar errado*", "*arrastado*" "*ser do sítio*"). À vista disso, constatamos que o preconceito linguístico camufla um julgamento de cunho social.

Mesmo diante das experiências desfavoráveis vivenciadas pelos mesmos informantes ou por seus familiares e amigos em situações de contato linguístico com falantes de outras regiões brasileiras, nas questões direcionadas à diversidade linguística, notamos uma intensa tendência a associar prestígio e beleza a variedades de regiões economicamente mais desenvolvidas, especialmente o Sudeste.

A segunda questão de pesquisa (*As atitudes linguísticas dessa comunidade de fala são mais positivas ou negativas?*) surge como complementar à primeira, a discussão já realizada respondeu-a em parte, acrescentemos, então, mais alguns pontos. Primeiramente, quanto às variáveis extralinguísticas pelas quais os informantes foram estratificados, verificou-se que podem estar relacionados a maneira como os informantes percebem a si mesmos e a variedade linguística. Como esperado, há uma tendência de maior segurança e consciência linguística entre aqueles com nível de escolaridade mais elevado. Entretanto, esse pressuposto não deve ser tomado de modo categórico, pois informantes com ensino superior completo manifestaram atitudes de insegurança linguística – a exemplo dos dados de Baraúna e Tenório – e uma informante cubatiense apresenta uma avaliação positiva do seu falar, mesmo com menor grau de escolaridade; o mesmo vale para o fato de o falante nascer e morar na cidade. Logo, ter ensino superior ou residir na zona urbana não garantem uma autoavaliação totalmente positiva da competência linguística particular.

Em resumo, os resultados demonstraram a coexistência de atitudes positivas e negativas que variam consoante o traço avaliado, assim não é possível afirmar que são

predominantemente positivas ou negativas sem especificar o aspecto em análise. Neste sentido, há atitudes positivas relacionadas à identidade regional e cultural, que repercutem no orgulho de seu modo de falar por ser semelhante ao das pessoas de sua comunidade, mas, por outro lado, os mesmos informantes manifestam avaliações negativas e insegurança quanto à sua competência linguística no uso do português, o que se constituiu como um paradoxo marcante nesta pesquisa.

Ademais, passemos à terceira pergunta norteadora (*É possível afirmar que a região microlinguística do Seridó Oriental paraibano transcende suas fronteiras geográficas?*). No decorrer do estudo, defendemos a possibilidade do Seridó Oriental, pertencente à antiga mesorregião da Borborema, constituir uma região microlinguística que vai além da atual delimitação geográfica oficial, a qual engloba o *locus* dessa pesquisa na região intermediária de Campina Grande. Sobre isso, os dados parecem sugerir que essa comunidade de fala pode apresentar atitudes linguísticas distintas dos falantes campinenses, logo, haveria, no âmbito das relações linguísticas, uma região microlinguística divergente que não se sobrepunha rigidamente à regionalização atual. Devido à escassez de acesso aos estudos de atitudes linguísticas com falantes campinenses, serão necessárias investigações futuras e sistemáticas para validar seguramente essa hipótese.

Mediante o exposto, esta dissertação evidencia o Seridó Oriental do estado e, ainda, municípios interioranos de pequeno porte no âmbito da produção acadêmica, contextos estes carentes de estudos não somente pelo viés das atitudes linguísticas, mas também pelos demais ramos da pesquisa. Assim, contribui para impulsionar ainda mais essas reflexões acerca da língua e de suas relações com as comunidades de fala paraibanas. Além disso, os resultados alcançados mostram que os fatores sociais, o papel das instituições, o preconceito linguístico e a visão idealizada de norma impactam a percepção da própria fala e da fala da comunidade, na construção e manutenção de atitudes linguísticas. Ademais, aponta para a necessidade de combater o preconceito e promover o respeito à diversidade linguística.

Como investigações futuras, recomendamos o aprofundamento do estudo sobre a composição de distintas regiões microlinguísticas dentro da Paraíba, comparando com as divisões geográficas estabelecidas. Outra temática exequível é a identificação dos traços linguísticos que distinguem os falantes camponeses paraibanos, levando em consideração a presença de atitudes desfavoráveis sobre o falar do campo em nossos dados, mesmo em cidades com fronteiras sutis entre as zonas urbana e rural. Por fim, pesquisas posteriores podem empregar metodologias mistas, quantitativa e qualitativa, ou incluir técnicas indiretas de medição de atitudes para complementar a análise e capturar atitudes menos conscientes.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. In: *Estudos Linguísticos*, v. 37, n. 2, p. 105-12, 2008.

_____. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*. 2009. [Projeto desenvolvido pela autora. Digitado]

ALLPORT, G.W. (1935). Attitudes. In C. Murchison (Ed.), *Handbook of Social Psychology* (pp. 119-157). Clark University.

ALVES, M. I. P. M. *Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo: abordagem prévia*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.

BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 47.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____. *Nada na língua é por acaso*. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. *Dicionário crítico de Sociolinguística*. São Paulo: Parábola, 2017.

BARCELOS, A. M. F. *Reflexões acerca da mudança de crenças no ensino e aprendizagem de línguas*. Revista Brasileira de Linguística Aplicada. Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 109-138, 2007.

BEZERRA, F. J. A; BERNARDO, T. R. R.; XIMENES, L. J. F.; VALENTE JUNIOR, A. S. *Perfil socioeconômico da Paraíba*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2015. Disponível em: https://www.bnb.gov.br/s482-dspace/bitstream/123456789/221/1/2015_SPS_PB.pdf. Acesso em: 20 jul. 2024.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. *Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística & Educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BOTASSINI, J. O. M. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Londrina, 2013.

CALVET, L. J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002. Tradução de Marcos Marcionilo.

CARDOSO, D. P. *Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros*. São Paulo: Blucher, 2015.

CHACON, K. de A. *Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa*. Dissertação (Mestrado em Linguística) João Pessoa: UFPB, 2012. 118p.

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. Berlim: Walter de Gruyter, 1957.

_____. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Massachusetts: The M.I.T. Press, 1965.

_____. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Trad. de J.A. Meireles, E. Raposo. Coimbra: Armênio-Amado Editor, [1965] 1975.

COELHO; I. L.; GÖRSKI; E.M.; SOUZA, C. M. N. de; MAY, G.H. *Para conhecer Sociolinguística*. São Paulo, Editora Contexto, 2015.

CORBARI, C. C. *Atitudes Linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*. Tese de Doutorado. Salvador: UFBA, 2013.

CYRANKA, L. F. de M. *Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora, MG*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007.

_____. *Dos dialetos populares à variedade culta: a sociolinguística na escola*. Curitiba: Appris, 2011.

FERNÁNDEZ, F. M. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona, Editorial Ariel, S. A, 1998.

_____. *Sociolingüística cognitiva: Propositiones, escolios y debates*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 2012.

FREIRE, J. B. *Variação, estilo, atitude e percepção linguística: o caso das laterais /ʎ/ e/ l/ no falar paraibano*. Tese (Doutorado em Linguística). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística no/do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 58, n. 3, p. 445–460, 2016. DOI:10.20396/cel.v58i3.8647170. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8647170>. Acesso em: 18 set. 2024.

HERNÁNDEZ CAMPOY, J. M.; ALMEIDA, M. *Metodología de la Investigación Sociolingüística*. Granada: Comares, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias: 2017*. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

_____. *Municípios*. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>. Acesso em: 20 jul. 2024.

_____. *Panorama do Censo 2022*. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 20 jul. 2024.

KAUFMANN, G. Atitudes na sociolinguística. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; RASO, Tommaso (eds.). *Os contatos lingüísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 121–137.

_____. ; VETROMILLE-CASTRO, R.; LIMBERGER, B. K.; KIELING, H. dos S. Grupos minoritários e diversidade linguística na Alemanha e no Brasil: uma entrevista com Göz Kaufmann (Universidade de Freiburg, Alemanha). *Caderno de Letras*, n. 35, 2019, p. 295-311.

LABOV, W. *The social history of a sound change on the island of Martha's Vineyard*,

Massachusetts. Master's thesis, Columbia University, 1963.

_____. *The social stratification of English in New York City*. Washington: Center of Applied Linguistics, 1966.

_____. *The logic of nonstandard English*. Georgetown Monographs on Language and Linguistics, vol. 22, 1969, pp. 1-31.

_____. *Language in the inner city*. Philadelphia, Univ. of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAMBERT, W.E.; HODGSON, R.C.; GARDNER, R.C.; FILLENBAUM, S. Evaluational reactions to spoken languages. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 60, 44-51, 1960.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia social*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

LAMBERT, W. E. A social psychology of bilingualism. *Journal of Social Issues*, 23, 91-109, 1967.

LASAGABASTER, D. *Attitude*. In: AMMON, U. et al. (ed.) *Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society*. 2. ed. Berlin/ New York: De Gruyter, 2004.

LIMA, I. de S. *Acomodação dialetal: Análise da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica por paraibanos residentes em Recife*. Dissertação (Mestrado em Linguística). João Pessoa: UFPB, 2013.

LIMA, P. E. M. *Atitudes linguísticas de paraibanos em relação ao seu próprio falar*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

LOPES, L.W. *Preferências e atitudes dos ouvintes em relação ao sotaque regional no telejornalismo*. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Paraíba, 2012.

LUCENA, R. M de. Um olhar quanti-qualitativo sobre o efeito da variável tempo de exposição em fenômenos de acomodação dialetal. *Gragoatá*, Niterói, v.22, n. 42, p. 62-84, jan.-abr. 2017.

MEYERHOFF, Miriam. *Introducing sociolinguistics*. Routledge, 2006.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORALIS, E. G. *Dialetos em contato: um estudo sobre atitudes linguísticas*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2000.

NASCIMENTO, R. L. X. (Org.) et al. *Caderno de caracterização: estado da Paraíba*. Brasília, DF: Codevasf, 2022.

OLIVEIRA, M. M. de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis: Vozes, 2007.

OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade: Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2015.

PAIVA, M. C de. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: OLIVEIRA e

SILVA, Giselle Machline; SCHERRE, Maria Marta Pereira. (Org.). 2.ed. *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na Cidade do Rio de Janeiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p. 217-236.

POSSATTI, L. *Análise do processo de acomodação linguística de falantes cariocas em João Pessoa*. Trabalho de Conclusão de Curso. João Pessoa: UFPB, 2015.

RAMOS, F. *Atitudes linguísticas de falantes da cidade de João Pessoa*. In: Jornada de Estudos Linguísticos do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste – GELNE, 16, 1998, Fortaleza. Anais.

_____. *Atitudes linguísticas de falantes campinenses sobre os fenômenos da palatalização das consoantes /t/ e /d/ e do uso da concordância nominal de número*. Dissertação (Mestrado em Letras). João Pessoa: UFPB, 1999.

RESEARCHGATE. *Localização do Seridó Oriental da Paraíba*. 2022. Figura. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Localizacao-do-Serido-Oriental-da-Paraiba_fig1_364011757. Acesso em: 10 jul. 2025.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E. M. L.; JABLONSKI, B. *Psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2009.

ROKEACH, M. *Beliefs, attitudes, and values: A theory of organization and change*. San Francisco: Jossey-Bass, 1968.

SAMPIERI, R. H; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria del Pilar Baptista. *Metodologia de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2013.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Trad. de A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. 27ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2006. Cours de linguistique générale. Charles Bally e Albert Sechehaye (orgs.), com a colaboração de Albert Riedlinger, [1916].

SILVA, M. R. *Contato linguístico: atitudes do falar paraibano em São Paulo*. Dissertação de Mestrado (Linguística). 2016.

TAGLIAMONTE, S. A. 2006. *Analysing sociolinguistic variation*. New York: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, F. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1997.

TENÓRIO (PB). Prefeitura Municipal. *História*. Disponível em: https://tenorio.pb.gov.br/a_cidade/historia. Acesso em: 20 jul. 2024.

TRUDGILL, P. *Glossary of Sociolinguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2003.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ANEXOS
ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ATITUDES LINGUÍSTICAS DE FALANTES DO SERIDÓ ORIENTAL PARAIBANO

Pesquisador: IRANICE ANIBAL DE LIMA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 76086923.6.0000.5188

Instituição Proponente: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.577.131

Apresentação do Projeto:

Ao longo do tempo, muitos linguistas procuraram descrever a ligação entre língua, cultura e sociedade. Contudo, foi a partir dos trabalhos de Gumperz, Dell Hymes e William Labov – um dos principais expoentes da corrente Sociolinguística – que a análise da variação linguística passou a ser verdadeiramente contemplada. Nesse sentido, esta pesquisa busca compreender as manifestações de atitudes linguísticas de paraibanos da microrregião do Seridó Oriental. Ademais, esse trabalho está sendo fundamentado na Teoria Variacionista laboviana, a qual compreende a variação como característica inerente ao sistema linguístico que pode ser estudada também pelo viés dos valores sociais a ela associados, bem como apoia-se nos aportes teóricos de Lambert, 1967; Fernández, 1998; Calvet, 2002; Lasagabaster, 2004; Kaufmann, 2011, entre outros. No que se refere aos procedimentos metodológicos, orientamo-nos pela pesquisa qualitativa de cunho descritivo. Dessa forma, a coleta de dados contemplará o corpus será coletado in loco em 5 (cinco) municípios pertencentes ao Seridó Oriental, a saber: Baraúna, Cubati, Picuí, São Vicente do Seridó e Tenório. Em cada cidade, serão entrevistados quatro informantes que serão estratificados a partir dos critérios de zona territorial – urbana ou rural – e nível de

Endereço: Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar
Bairro: Cidade Universitária CEP: 58.051-900
UF: PB Município: JOÃO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

escolaridade – sem instrução formal até ensino médio ou ensino superior completo –, totalizando 20 (vinte) informantes, os quais concederão uma entrevista gravada em formato de áudio em aparelho eletrônico. Ademais, esses áudios que integrarão o corpus serão transcritos, a fim serem categorizados e analisados. Nessa perspectiva, para tratamento dos dados, utilizaremos a abordagem qualiquantitativa, combinando a tabulação das respostas obtidas através da entrevista – por intermédio da elaboração de gráficos – com a apreciação interpretativa dessas respostas em conjunto com excertos das falas/respostas dos informantes no tocante às suas atitudes linguísticas. Portanto, partimos da hipótese de que os falantes do Seridó Oriental paraibano apresentarão atitudes negativas e de paradoxo em relação ao seu falar e ao de sua comunidade, contudo os resultados e a (não) confirmação da hipótese serão demonstrados após a realização da pesquisa em tela. No decorrer dos estudos linguísticos, surgiram muitas abordagens de análise dos fenômenos em torno da língua, enxergando-a, ora como sistema autônomo de signos ora como reflexo de um conjunto de princípios inatos e universais. Contudo, verifica-se que, nessas abordagens, “o usuário real da língua e suas habilidades sociointerativas, bem como os traços de variação e mudança ficam de fora dos estudos linguísticos” (Martelotta, 2022). Destarte, não há como negar a relação intrínseca entre língua e sociedade, uma vez que o falante não adquire “pura e simplesmente uma língua, com suas regras especificamente linguísticas, mas todo um sistema de práticas e valores, crenças e interesses a ele associados” (Wilson, 2022, p. 89). A respeito disso, todos os seres humanos têm em si um constructo ideológico, um conjunto de crenças que perpassam a forma como percebem a sociedade e como agem sobre ela. Portanto, não seria diferente em relação às questões de natureza linguística, posto que apreciações sobre a forma como os sujeitos enxergam e agem sobre o próprio falar e o falar de sua comunidade de fala ou de prática são perceptíveis nos mais diversos contextos e situações comunicativas. Sendo assim, com base nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, é de especial interesse desse projeto de pesquisa a análise das atitudes linguísticas dos paraibanos. Em relação a esse aspecto, o dialeto paraibano tem sido foco de

estudos há algum tempo, mas ainda se mostram escassas as pesquisas voltadas para essa temática. No entanto, vale ressaltar que Moraes e Lima (2019) realizou um estudo abrangente e relevante com falantes das 04 (quatro) mesorregiões do Estado da Paraíba (Mata, Agreste, Borborema e Sertão), por intermédio de uma abordagem quali-quantitativa.

No que refere à representação da mesorregião da Borborema, Moraes e Lima (2019) analisou dados coletados de 10 (dez) informantes do município de Santa Luzia. Com o estudo, identificou que 74% dos informantes borboremeses têm atitude positiva em relação ao seu falar, no entanto quando questionados se havia algo específico de que gostavam/não gostavam em seus modos de falar, 57% dos participantes ressaltaram apenas aspectos negativos. Dessa maneira, verifica-se um paradoxo, já que as respostas dos informantes entraram em conflito, uma vez que munidos de uma atitude positiva, esperava-se que eles ressaltassem aspectos positivos nas especificidades de sua fala. Além do mais, acerca da consciência e avaliação da diversidade linguística, os informantes da Borborema reconhecem possuir o sotaque paraibano/nordestino, porém apresentaram atitudes negativas ao se referirem ao modo de falar do interior.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

O objetivo geral desta pesquisa é compreender as manifestações de atitudes linguísticas de paraibanos da microrregião do Seridó Oriental.

Objetivo Secundário:

No plano específico, busca-se: descrever as crenças e atitudes linguísticas desses falantes; comparar traços semelhantes e distintos entre os dados dos municípios pertencentes a essa microrregião; analisar a existência atitudes positivas e/ou negativas reveladas pelos sujeitos da pesquisa em relação ao seu falar e ao falar de sua comunidade.

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB



Continuação do Parecer: 6.577.131

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os possíveis riscos desta pesquisa são: cansaço ou constrangimento ao participar da entrevista; dificuldade de interagir com a pesquisadora; medo de repercussões eventuais. As estratégias para minimizar desconfortos são: a pesquisadora garantirá local reservado e liberdade para não responder e/ou participar de questões vistas como constrangedoras; estará atenta aos sinais verbais e não verbais de incômodo; assegurará a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades; o participante poderá se ausentar da pesquisa em qualquer etapa sem quaisquer transtornos.

Benefícios:

No geral, mesmo não tendo benefícios diretos, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Logo, pode colaborar para um melhor entendimento de como os moradores da microrregião do Seridó Oriental da Paraíba enxergam sua comunidade de fala e como pensam sobre o seu próprio modo de falar. O desenvolvimento desta pesquisa proporcionará a ampliação teórica das discussões referentes a esses temas

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Este estudo será desenvolvido no âmbito do curso de Mestrado em Linguística. Para tanto, metodologicamente, orientamo-nos pela pesquisa qualitativa de cunho descritivo. Dessa forma, a coleta de dados contemplará a mesorregião paraibana da Borborema, a qual é integrada por 4 (quatro) microrregiões e 43 (quarenta e três) municípios. As microrregiões são Cariri Ocidental, Cariri Oriental, Seridó Ocidental e Seridó Oriental. É nesta última que está localizado especificamente o nosso campo de investigação. Para tanto, o corpus será coletado in loco em 5 (cinco) municípios pertencentes ao Seridó Oriental, a saber: Baraúna, Cubati, Picuí, São Vicente do Seridó e Tenório. Em cada cidade, serão entrevistados quatro informantes que serão estratificados a partir dos critérios de zona territorial – urbana ou rural – e nível de escolaridade – sem instrução formal até

Endereço: Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar
Bairro: Cidade Universitária CEP: 58.051-900
UF: PB Município: JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB



Continuação do Parecer: 6.577.131

ensino médio ou ensino superior completo –, totalizando 20 (vinte) informantes. Assim sendo, estabelecemos como parâmetros que os informantes devem residir na microrregião do Seridó Oriental da Paraíba desde o nascimento e, especificamente, na área urbana ou rural há, no mínimo, dez anos. Sob o viés dos estudos sociolinguísticos, faremos uma entrevista abordando questões sobre a língua com o propósito de despertar um ambiente propício ao diálogo e às respostas espontâneas. Esse roteiro de entrevista foi construído a partir de perguntas feitas por nós, mas, sobretudo, por perguntas contidas nos questionários das pesquisas de Lima (2013), Possati (2015) e Silva (2016). Portanto, os informantes concederão uma entrevista gravada em formato de áudio em aparelho eletrônico, mediante leitura, compreensão e assinatura do “Termo de Livre Consentimento” de participação na pesquisa. Ademais, esses áudios que integrarão o corpus serão transcritos, a fim serem categorizados e analisados. Para tanto, sabemos que a seleção de participantes é uma atividade complexa para o pesquisador, devido a necessidade de os informantes disporem de tempo e atenderem ao perfil desejado (Tarallo, 2007). Além disso, outro fator deve ser levado em consideração: o contato entre pesquisador e a comunidade. Contudo, prevemos que esse não seja um obstáculo à nossa pesquisa, já que a pesquisadora reside na região e já trabalhou em algumas dessas localidades, como também conhece alguns habitantes que podem intermediar o contato com os demais membros do município a ser estudado. Por conseguinte, os informantes se sentirão menos desconfortáveis, proporcionando um contexto mais oportuno para a execução da coleta. Nessa perspectiva, para tratamento dos dados, utilizaremos a abordagem qualiquantitativa. Verificamos a necessidade de aliar as abordagens ao tratamento dos dados, porque “proporciona maior nível de credibilidade e validade aos resultados da pesquisa evitando-se, assim, o reducionismo por uma só opção de análise” (Oliveira, 2007, p. 39). Sendo assim, seguiremos com procedimentos semelhantes aos adotados por Moraes e Lima (2019), combinando a tabulação das respostas obtidas através da entrevista – por intermédio da elaboração de gráficos – com a apreciação

Endereço: Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar
Bairro: Cidade Universitária CEP: 58.051-900
UF: PB Município: JOÃO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

interpretativa dessas respostas em conjunto com excertos das falas/respostas dos informantes no tocante às suas atitudes linguísticas.

Sendo assim, o estudo corrobora para evidenciar esses municípios interioranos no contexto das pesquisas às atitudes linguísticas. Além disso,

proporciona aos municípios material pedagógico que pode fortalecer um ensino crítico e inclusivo de língua materna na educação básica, pois

compreendemos que, por intermédio de crenças e atitudes negativas acerca da língua, reforçou-se ao longo dos anos um ensino de português

desvinculado de seus usos (Bortoni-Ricardo, 2004). Metodologicamente, orientamo-nos pela pesquisa qualitativa de cunho descritivo (Minayo, 2002; Bortoni-Ricardo, 2008). Acerca disso, a pesquisa descritiva procura analisar fatos e/ou fenômenos, fazendo uma descrição detalhada da forma como estes se apresentam, ou, mais precisamente, é

uma análise em profundidade da realidade pesquisada (Oliveira, 2007). Além do mais, o segundo Sampieri, Collado e Lucio (2013):

o enfoque qualitativo é selecionado quando buscamos compreender a perspectiva dos participantes (indivíduos ou grupos pequenos de pessoas que

serão pesquisados) sobre os fenômenos que os rodeiam, aprofundar em suas experiências, pontos de vista, opiniões e significados, isto é, a forma

como os participantes percebem subjetivamente sua realidade (Sampieri, Collado e Lucio, 2013, p. 377).

Dessa forma, a coleta de dados contemplará a mesorregião paraibana da Borborema, a qual é integrada por 4 (quatro) microrregiões e 43 (quarenta

e três) municípios. As microrregiões são Cariri Ocidental, Cariri Oriental, Seridó Ocidental e Seridó Oriental.

É nesta última que está localizado

especificamente o nosso campo de investigação. Para tanto, o corpus será coletado in loco em 5 (cinco) municípios

No decorrer dos estudos linguísticos, surgiram muitas abordagens de análise dos fenômenos em torno da língua, enxergando-a, ora como sistema

autônomo de signos ora como reflexo de um conjunto de princípios inatos e universais. Contudo, verifica-se que, nessas abordagens, "o usuário real

da língua e suas habilidades sociointerativas, bem como os traços de variação e mudança ficam de fora dos estudos linguísticos" (Martelotta, 2022).

Destarte, não há como negar a relação intrínseca entre língua e sociedade, uma vez que o falante não adquire “pura e simplesmente uma língua, com suas regras especificamente linguísticas, mas todo um sistema de práticas e valores, crenças e interesses a ele associados” (Wilson, 2022, p.

89). A respeito disso, todos os seres humanos têm em si um constructo ideológico, um conjunto de crenças que perpassam a forma como percebem a sociedade e como agem sobre ela. Portanto, não seria diferente em relação às questões de natureza linguística, posto que apreciações sobre a forma como os sujeitos enxergam e agem sobre o próprio falar e o falar de sua comunidade de fala ou de prática são perceptíveis nos mais diversos contextos e situações comunicativas.

Sendo assim, com base nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, é de especial interesse desse projeto de pesquisa a análise das atitudes linguísticas dos paraibanos. Em relação a esse aspecto, o dialeto paraibano tem sido foco de estudos há algum tempo, mas ainda se mostram escassas as pesquisas voltadas para essa temática. No entanto, vale ressaltar que Moraes e Lima (2019) realizou um estudo abrangente e relevante com falantes das 04 (quatro) mesorregiões do Estado da Paraíba (Mata, Agreste, Borborema e Sertão), por intermédio de uma abordagem qualiquantitativa.

No que refere à representação da mesorregião da Borborema, Moraes e Lima (2019) analisou dados coletados de 10 (dez) informantes do município de Santa Luzia. Com o estudo, identificou que 74% dos informantes borboremes têm atitude positiva em relação ao seu falar, no entanto quando questionados se havia algo específico de que gostavam/não gostavam em seus modos de falar, 57% dos participantes ressaltaram apenas aspectos negativos. Dessa maneira, verifica-se um paradoxo, já que as respostas dos informantes entraram em conflito, uma vez que munidos de uma atitude positiva, esperava-se que eles ressaltassem aspectos positivos nas especificidades de sua fala. Além do mais, acerca da consciência e avaliação da diversidade linguística, os informantes da Borborema reconhecem possuir o sotaque paraibano/nordestino, porém apresentaram atitudes negativas ao se referirem ao modo de falar do interior.

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB



Continuação do Parecer: 6.577.131

Introdução:

Data de Submissão do Projeto: 28/11/2023 Nome do
Arquivo: PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2255147.pdf Versão do Projeto: 1
Página 3 de 6

Tamanho da Amostra no Brasil: 20

pertencentes ao Seridó Oriental, a saber: Baraúna, Cubati, Picuí, São Vicente do Seridó e Tenório. Em cada cidade, serão entrevistados quatro

informantes que serão estratificados a partir dos critérios de zona territorial – urbana ou rural – e nível de escolaridade – sem instrução formal até

ensino médio ou ensino superior completo –, totalizando 20 (vinte) informantes.

Assim sendo, estabelecemos como parâmetros que os informantes devem residir na microrregião do Seridó Oriental da Paraíba desde o nascimento

e, especificamente, na área urbana ou rural há, no mínimo, dez anos. Sob o viés dos estudos sociolinguísticos, faremos uma entrevista abordando

questões sobre a língua com o propósito de despertar um ambiente propício ao diálogo e às respostas espontâneas. Esse roteiro de entrevista foi

construído a partir de perguntas feitas por nós, mas, sobretudo, por perguntas contidas nos questionários das pesquisas de Lima (2013), Possati

(2015) e Silva (2016).

Portanto, os informantes concederão uma entrevista gravada em formato de áudio em aparelho eletrônico, mediante leitura, compreensão e

assinatura do “Termo de Livre Consentimento” de participação na pesquisa. Ademais, esses áudios que integrarão o corpus serão transcritos, a fim
serem categorizados e analisados.

Para tanto, sabemos que a seleção de participantes é uma atividade complexa para o pesquisador, devido a necessidade de os informantes

disponem de tempo e atenderem ao perfil desejado (Tarallo, 2007). Além disso, outro fator deve ser levado em consideração: o contato entre

pesquisador e a comunidade. Contudo, prevemos que esse não seja um obstáculo à nossa pesquisa, já que a pesquisadora reside na região e já

trabalhou em algumas dessas localidades, como também conhece alguns habitantes que podem intermediar o contato com os demais membros do

município a ser estudado. Por conseguinte, os informantes se sentirão menos desconfortáveis,

Endereço: Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOÃO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 6.577.131

proporcionando um contexto mais oportuno para a execução da coleta.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

atende as exigências institucionais

Recomendações:

Vide campo conclusões ou pendências e lista de inadequações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foram registrados óbices péticos

Considerações Finais a critério do CEP:

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa. Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2255147.pdf	28/11/2023 13:00:57		Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaopesquisador.pdf	28/11/2023 12:51:31	IRANICE ANIBAL DE LIMA	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	28/11/2023 12:43:25	IRANICE ANIBAL DE LIMA	Aceito
TCLÉ / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMODECONSENTIMENTOTCLÉ.pdf	28/11/2023 12:39:32	IRANICE ANIBAL DE LIMA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	28/11/2023 12:36:34	IRANICE ANIBAL DE LIMA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_rosto.pdf	28/11/2023 12:26:00	IRANICE ANIBAL DE LIMA	Aceito

Endereço: Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOÃO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB



Continuação do Parecer: 6.577.131

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 13 de Dezembro de 2023

Assinado por:

Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

APÊNDICES
APÊNDICE A - TERMO DE CONCENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a) **PARTICIPANTE DE PESQUISA**,

A pesquisadora *Iranice Aníbal de Lima* convida você a participar da pesquisa intitulada “*Atitudes linguísticas de falantes do Seridó Oriental paraibano*”. Para tanto você precisará assinar o TCLE que visa assegurar a proteção, a autonomia e o respeito aos participantes de pesquisa em todas as suas dimensões: física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural e/ou espiritual – e que a estruturação, o conteúdo e forma de obtenção dele observam as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos preconizadas pela **Resolução 466/2012 e/ou Resolução 510/2016**, do Conselho Nacional de Saúde e Ministério da Saúde.

Sua decisão de participar neste estudo deve ser voluntária e que ela não resultará em nenhum custo ou ônus financeiro para você (ou para o seu empregador, quando for este o caso) e que você não sofrerá nenhum tipo de prejuízo ou punição caso decida não participar desta pesquisa. Todos os dados e informações fornecidos por você serão tratados de forma anônima/sigilosa, não permitindo a sua identificação.

Esta pesquisa, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, visa compreender as manifestações de crenças e atitudes linguísticas de paraibanos da microrregião do Seridó Oriental.

Os dados serão gerados por meio de uma entrevista gravada em formato de áudio. Os dados obtidos serão utilizados na pesquisa em desenvolvimento, mas os participantes serão identificados por nome fictício. Está garantida a manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes desta pesquisa durante todas as fases que compõem este estudo. Todos os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica, como publicação em periódico, capítulo de livro, apresentação em evento científico etc.

Riscos ao(à) Participante da Pesquisa

Os possíveis riscos desta pesquisa são: cansaço ou constrangimento ao participar da entrevista; dificuldade de interagir com a pesquisadora; medo de repercussões eventuais. As estratégias para minimizar desconfortos são: a pesquisadora garantirá local reservado e liberdade para não responder e/ou participar de questões vistas como constrangedoras; estará atenta aos sinais verbais e não verbais de incômodo; assegurará a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades; o participante poderá se ausentar da pesquisa em qualquer etapa sem quaisquer transtornos.

Benefícios ao(à) Participante da Pesquisa

No geral, mesmo não tendo benefícios diretos, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Logo, pode colaborar para um melhor entendimento de como os moradores da microrregião do Seridó Oriental da Paraíba enxergam sua comunidade de fala e como pensam sobre o seu próprio modo de falar. O desenvolvimento desta pesquisa proporcionará a ampliação teórica das discussões referentes a esses temas.

Informação de Contato do Responsável Principal e de Demais Membros da Equipe de Pesquisa

Iranice Aníbal de Lima (responsável principal pela pesquisa)

Universidade Federal da Paraíba

Email: iranice.professora@gmail.com Telefone: +55 (83) 98859-2734

Endereço e Informações de Contato da Universidade Federal da Paraíba

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Campus I – Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 – João Pessoa-PB

Telefone: +55 (83) 3216-7200

E-mail: ouvidoria@reitoria.ufpb.br

Horário de Funcionamento: de 07h às 19h.

Homepage: <https://www.ufpb.br/>

Endereço e Informações de Contato do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)/CCS/UFPB

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Centro de Ciências da Saúde (1º andar) da Universidade Federal da Paraíba Campus I – Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 – João Pessoa-PB

Telefone: +55 (83) 3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

Horário de Funcionamento: de 07h às 12h e de 13h às 16h. Homepage:

<http://www.ccs.ufpb.br/eticaccsufpb>

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao colocar sua assinatura ao final deste documento, **VOCÊ**, de forma voluntária, na qualidade de **PARTICIPANTE** da pesquisa, expressa o seu **consentimento livre e esclarecido** para participar deste estudo e declara que está suficientemente informado(a), de maneira clara e objetiva, acerca da presente investigação. E receberá uma cópia deste **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**, assinada pela Pesquisadora Responsável.

João Pessoa-PB, 26 de novembro de 2023.

Assinatura, por extenso, do(a) Participante da Pesquisa

Assinatura, por extenso, da Pesquisadora Responsável pela pesquisa

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

FICHA SOCIAL

1) Nome:

2) Data de nascimento: ____/____/____

3) Sexo/gênero:

Mulher CIS () Homem CIS () Mulher trans () Homem trans () Não binário ()

4) Natural de qual cidade da Paraíba: _____

5) Zona urbana () Zona rural ()

6) Tempo de residência na área urbana ou rural: _____

7) Estado civil: _____

8) Nível de escolaridade:

Nenhuma/sem educação formal ()

Ensino Fundamental incompleto ()

Ensino Fundamental completo ()

Ensino Médio incompleto ()

Ensino Médio completo ()

Ensino Superior incompleto ()

Ensino Superior completo ()

9) Profissão atual: _____

10) Local e data de realização da entrevista: _____

ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA

1) Questões relacionadas à demografia e à comunidade:

- a) Você gosta de morar nessa cidade? E na Paraíba?
- b) Como é morar na área urbana ou rural desta cidade? Tem pontos positivos e negativos?
- c) Como você se vê sendo natural desta região do Seridó Oriental? E como nordestino?
Você se sente bem?
- d) O que você gosta/não gosta da cultura da Paraíba?
- e) Você teve oportunidade de ir à escola? Até que série/ano você chegou?
- f) Você frequentou uma das escolas desse município ou dessa comunidade? Começou a estudar com quantos anos?
- g) Muitas pessoas acham que os anos escolares foram os melhores da sua vida. O que você acha disso? Foi assim com você?

- h) Os sonhos impulsionam as nossas vidas, sonhamos, lutamos e realizamos. Poderia falar um sonho que você possui ou que já possuiu?
- i) Qual a sua profissão? Fale um pouco sobre ela.

2) Atitudes com relação ao seu próprio falar:

- a) O que você acha da sua forma de falar? Há algo específico de que você gosta/não gosta na sua forma de falar?
- b) Pensando agora no modo como usa o português, você considera que fala e escreve bem? Explique.
- c) Você considera que tem algum sotaque? Se sim, qual?
- d) Você já se sentiu intimidada ou confusa pelo sotaque/falar de alguém?
- e) Você já mudou sua forma de falar para adaptar-se ao seu entorno?
- f) Nesta seção, há algumas afirmativas. Para cada uma, avalie se ela se aplica a você.

- *Eu falo com um sotaque típico da região onde nasci.*

- ☐ discordo totalmente;
- ☐ discordo
- ☐ não concordo, nem discordo
- ☐ concordo
- ☐ concordo totalmente

- *Tenho orgulho de ter crescido na PB.*

- ☐ discordo totalmente;
- ☐ discordo
- ☐ não concordo, nem discordo
- ☐ concordo
- ☐ concordo totalmente

- *A maneira como os paraibanos falam é difícil de compreender.*

- ☐ discordo totalmente;
- ☐ discordo
- ☐ não concordo, nem discordo
- ☐ concordo
- ☐ concordo totalmente

- *Sinto pressão para me livrar do meu sotaque de origem.*

- ☐ discordo totalmente;
- ☐ discordo
- ☐ não concordo, nem discordo
- ☐ concordo
- ☐ concordo totalmente

- *Tenho vergonha do meu sotaque de origem.*

- ☐ discordo totalmente;
- ☐ discordo
- ☐ não concordo, nem discordo
- ☐ concordo
- ☐ concordo totalmente

3) Atitudes que outros têm com relação ao seu falar:

- a) Você acha que as pessoas são julgadas pela maneira pela qual falam? O que você acha disso?
- b) Em algum momento da vida você sofreu preconceitos em relação ao seu modo de falar? Alguém já criticou, elogiou, riu ou comentou? Se sim, como você se sentiu? Podia relatar um episódio?
- c) Quando você viaja, as pessoas podem saber de onde você é, simplesmente pela maneira como você fala? Por quê?

4) Atitudes em relação ao falar da comunidade ou à diversidade linguística:

- a) Considerando que seu modo de falar é semelhante ao das pessoas com quem convive no lugar onde mora, você tem orgulho do seu jeito de falar? Por quê?
- b) Você acha que o falar paraibano sofre discriminação no âmbito nacional?
- c) As pessoas, na sua terra, têm um modo de falar que você considera:
() feio () bonito
- d) Você acha alguns dialetos/falares mais bonitos, melhores ou mais fáceis de entender? Quais?